É O QUE É.
É O QUE É.
É O QUE É.
É O QUE É.

foi o que foi.

ÍNDICE

prefácio.....04
mapa.....12
Alexandra Guimarães.....13
Bruno Rodrigues.....18
Beatriz Marcos.....23
Catarina Gentil Berger.....28
Cláudio Ferreira.....33
Edgardo de Almeida.....38
Lisa Barbosa.....43
Luísa Torres.....48
Marcelo Gonçalves.....53
Mónica Perestrelo.....58
Nery.....63
Rafa Fernandes.....68
Carolina Mariares.....73
Salomé Santos.....78
Sandra Alexandre.....83
Toni de Faria Machado.....88
Leonor Ferreira.....93
Rita Rodrigues.....98
Catarina Vilaça.....103
Diana Sapudo.....108
Catarina Farhat.....113
Luís Silva.....118
Beatriz Freitas.....123
Maria Francisca Moura.....128
Maurício Pereira.....133
bastidores.....138

https://emtorno.weebly.com/

Tendo começado da forma habitual, o ano letivo de 2019-2020 transformou-se, no seu 2º semestre, em algo totalmente inesperado, triste, traumatizante mesmo, para muitos de nós. Para além de uma situação académica de contornos particularmente árduos, todos tivemos que enfrentar situações familiares e pessoais novas e difíceis, em alguns casos dramáticas. Se o trabalho artístico é sempre profundamente pessoal e muitas vezes político, as consequências de pandemia nas suas vertentes de confinamento e de exposição a ciclos noticiosos alarmantes, impuseram condições de trabalho físicas e mentais que exigiram de docentes e estudantes, um esforço acrescido e, frequentemente, a reinvenção de todo um modo de trabalhar.

Muito do trabalho apresentado neste final de ano letivo evidencia, de facto, a capacidade de prosseguir os projetos em curso incorporando as novas realidades que, embora trazidas pela circunstância partilhada da pandemia, configuram situações individuais muito distintas refletidas, por exemplo, nos materiais disponíveis a cada estudante, no tipo de espaço de trabalho durante o período de confinamento ou a localização geográfica e cultural em que foi vivido.

Contudo, e apesar dos naturais receios de eventualmente não ser possível atingir os objetivos inicialmente planeados, o resultado da experiência dos últimos meses apresentam não só a qualidade que se espera dos estudantes finalistas da Licenciatura em Artes Plásticas - vertente Escultura, da FBAUP, como demonstram a maturidade, inventividade, resiliência, dos seus autores.

Todos nós temos consciência de que aprendemos com esta súbita realidade - descobrimos algo sobre nós próprios, sobre os que nos são mais próximos, sobre a sociedade e o mundo em que vivemos. Enche-me de satisfação verificar a capacidade de tantos estudantes para incorporar esse conhecimento em projetos e em obra concretizada.

Felicito, pois, os estudantes e saúdo os docentes que os acompanharam e orientaram.

Lúcia Almeida Matos, Julho de 2020

Diretora da Faculdade de Belas Artes
da Universidade do Porto

Em março de 2020 foi decretado o estado de emergência em Portugal. A Organização Mundial de Saúde qualificou a situação de saúde pública ocasionada pela COVID -19 de muito grave, tornando-se imperiosa a criação de medidas excecionais e temporárias de resposta à pandemia. As universidades portuguesas apressaram-se em fazer recolher os estudantes, professores e demais recursos humanos a suas casas, as cidades esvaziaram-se de gente, em poucos dias as ruas ficaram desertas e as lojas e demais estruturas de prestação de serviços encerradas. Decorridos mais de vinte anos sobre a Declaração de Bolonha (junho 1999), nada fazia prever o repentino impedimento de circulação de pessoas e bens no espaço europeu, menos ainda a livre circulação dos estudantes, professores e investigadores nas suas cidades de origem ou, finalmente, as implicações que a declaração do estado de emergência haveria de provocar na mobilidade civil em geral, alargada aos restantes países europeus, com consequente paralisação dos fluxos crescentes de pessoas que de diferentes pontos geográficos da europa e do mundo visitavam a Cidade do Porto, e nela construíam diariamente a babel dos tempos modernos.

Foram aplicadas medidas extraordinárias de caráter urgente com vista a prevenir a propagação do vírus, com particular impacto nos diferentes sectores da atividade económica, empresarial, científica e cultural, afetando por igual sector público e privado, também o ensino, nomeadamente universitário, que repentinamente perde o seu modelo fundacional de relação presencial com os estudantes. Por tempo determinado, é certo. Em todo o caso a exigir reação imediata de professores e estudantes e restante comunidade académica no encontro de modelo de ensino alternativo, devidamente acreditado, que permitisse aferir seriedade, responsabilidade, e tanto quanto possível cumprimento dos diferentes programas, mesmo que em resposta a uma natureza de ensino que de maneira alguma dispensa a relação presencial professor/estudante em enquadramento com a construção do(s) artefacto(s). A decisão da Reitoria da Universidade do Porto em suspender a atividade letiva presencial em todas as UO com efeito a partir de 12 de março de 2020, tornou necessário a adaptação dos normativos pedagógicos com especial incidência nas UCs teórico-práticas, de modo a minorar os efeitos negativos que a suspensão da atividade letiva naturalmente previa.

O tempo passou. Não o suficiente para inverter o surto pandémico, mas o necessário para se confirmar a presença da Primavera em Portugal. Também na FBAUP, confinada e configurada agora aos espaços que constituem as residências particulares de cada estudante (por sua vez adaptadas a diferentes necessidades), se fez sentir o tempo primaveril, e com ele as dificuldades em construir diferente desenho conceptual atendendo as diferentes proposições iniciais. Só possível por estarmos perante um conjunto de estudantes que souberam construir sob o manto da pandemia e em rigoroso cumprimento com o período de quarentena, um conjunto de artefactos globalmente excepcional. Semeados ou plantados nos meses em que o surto epistemológico mal se fazia sentir em Wuhan, deram de si primeira notícia na Casa das Associações, no Porto, no final de janeiro do corrente ano de 2020. Apesar do contexto de isolamento e de grande fragilidade funcional, também emocional, os estudantes reorganizaram-se com o objetivo de darem cumprimento às

diferentes propostas de trabalho com sentido elevado de responsabilidade, e se esforçaram por inverter/vencer a difícil situação criando, adicionalmente, respostas que não seriam possíveis ou mesmo previsíveis fora do registo de isolamento social. Foi o que foi. Não por ter sido menos, muito pelo contrário.

Amaral da Cunha, Julho de 2020

É o que É e foi o que foi

Notas para um texto que não cabe nem acaba aqui

Durante os últimos anos a UC Projecto e, concretamente, no ramo em Escultura da Licenciatura em Artes Plásticas (LAP) com regência e docência do Professor Fernando Amaral da Cunha, tem ficado marcada, na finalização do ano lectivo, por exposições dos trabalhos dos estudantes que os convoca "a reunir alguns dos trabalhos desenvolvidos (...) que naturalmente são diversos em concordância com as ideias e propósitos de cada um dos estudantes"[1].

Neste ano lectivo, tudo foi diferente. Uma docência partilhada, pela primeira vez nesta UC, com o meu regresso a uma UC que não lecionava desde 2012/13; o continuar de um trabalho iniciado com estes estudantes no ano lectivo anterior, também em docência partilhada. Uma conjugação de primeiras vezes, primeiras experiências.

Conscientes que a exímia sala de trabalho destinada a esta disciplina e a um grupo de 25 estudantes que finalizam o seu percurso académico na LAP — Escultura, já era complicada[2], o 1º semestre, regular no seu funcionamento, terminou com a Exposição **É o que É** na FAJDP - Casa das Associações.

Logo após o regresso dos estudantes que tinham estado em Mobilidade ERASMUS, e de termos iniciado o 2º semestre, surgem, repentinamente, notícias da aproximação da pandemia e os primeiros dias de Março revelam o estado de emergência e consequente confinamento. Mais mudanças, alterações e ajustes, mas, agora para todos, como um relâmpago global e interminável que alterou a vida de todos.

Facilmente, se entenderá a impossibilidade de lecionar Artes Plásticas e Escultura, em particular, quando privados de quase tudo o que faz parte dos processos, mas também dos resultados que se pretendem. Sem oficinas, sem apoio presencial, sem as ferramentas, sem a interajuda presencial, tivemos que nos adaptar, rapidamente, a uma realidade para a qual nenhum de nós poderia estar preparado. O agora passou a ser sempre em casa, em quartos, mas também geograficamente disperso pelo país. Esta turma deixou de "viver dentro da escola", de passar os dias inteiros na faculdade, de partilhar refeições, momentos de trabalho e lazer a ouvir a mesma música, de ter à mão outra mão, muitas mãos, outros olhares e orientações directas dos docentes e das equipas técnicas, tocáveis, palpáveis, das experiências multissensoriais, do estar com as matérias no e com o espaço físico concreto. Perdemos os aromas, as texturas, a pele da escultura, o acesso ao interior de uma instalação.

---

1 https://www.fba.up.pt/2017/05/15/indo-eu-indo-eu-a-caminho-do-museu/ Acedido a 10 de Julho de 2020

2 Felizmente sabíamos que o Pavilhão de Escultura e Pintura entraria em obras de restauro e adaptação à actualidade, brevemente. Previámos que o 2o semestre, com o esforço conjunto da FBAUP seria o de minorar os efeitos no percurso dos estudantes, com a nossa colaboração e apoio no que fosse necessário.

Não foi fácil para nenhum de nós, mas foi uma experiência irrepetível e única, nem que se seja porque foi a primeira e esperemos a única das nossas vidas. O drama não é o de uma guerra, o de uma espera em bunker com receio de um tiroteio ou de uma granada, mas afecta emocional e fisicamente, sempre. Felizmente, as tecnologias permitem colmatar algumas lacunas e apresentam-se como ferramentas que nos permitem contactar, visualizar, acompanhar.

Deu-se prioridade imediata à atenção, a tudo... ao tempo, ao detalhe, ao gesto, mas também ao mundo, ao global, ao que mudou para todos em todos os lugares. Preparei um enunciado, em formato proposta, que servisse a todos, fazendo breves abordagens a artistas e obras realizadas durantes momentos similares, com enquadramento histórico, no sentido de dar apoio à necessidade de ampliar a criatividade e elevar os voos da imaginação. Como o título do documento indica, uma nova fase: **Em Quarentena.**

Simultaneamente, construímos um quadro em listagem partilhado entre todos com os contactos pessoais (o que não é comum) mas que poderia ser útil, e foi. Entretanto, o grande exercício diário: procurar não perder o ânimo nem permitir que o desânimo, desistência ou impotência se apossassem de nós e dos nossos estudantes.

Afinal, o que será estar em quarentena para este grupo de jovens?

Para uns foi a condição de ficar completamente isolado e sozinho num quarto, para outros foi regressar a casa dos pais ou ir viver com outros familiares, para outros foi ... ... foi para todos alguma coisa que antes não era nem tinha sido. Não estava nos planos e não era nem previsível nem desejável. Mas foi. **Foi o que Foi** e É o que Foi.

O que importa é que foi possível e que muitos estudantes ampliaram possibilidades e abriram chavetas nos seus planos individuais de trabalho ou continuaram o seu caminho com inúmeros equilibrismos e ajustes; que todos contactaram com os processos, questões e dificuldades de todos; que estivemos próximos, dentro das limitações de cada um e das impostas à população.

Cabe-me salientar que se trata de final de um ciclo de quatro anos e que estes estudantes receberam 3 anos e 1 semestre de uma enorme variedade de instruções, instrumentos, conhecimentos tecnológicos, de procedimentos... e que mesmo sem dominar algumas ferramentas, meios e processos maduramente as conheciam e as tinham experimentado. Também é relevante ser uma turma que já se conhecia, mas de salientar que muitos ficaram a conhecer-se mais e melhor.

A mediação do tempo, as durações das sessões e, também o número de contactos semanais, teve que aumentar. O que ficaria resolvido em 15 minutos passou a ter que ficar em 1 hora ou, por vezes, em outra sessão. Reinventando com os estudantes modos de fazer, de apresentar, de comunicar, de se focar em tudo, no que dá nome ao blogue iniciado no ano lectivo anterior, EmTorno https://emtorno.weebly.com/20192020.html

Manter e desenvolver uma disciplina prática de Projecto em Escultura neste formato, é semelhante a nada que me surja (talvez uma cirurgia dentária via zoom com o doente em casa deitado com a boca aberta e o médico no seu consultório). Mesmo assim, e como somos contorcionistas e sonhadores, mas com os pés bem assentes, conseguimos. Estes estudantes revelaram, na sua grande maioria, a vontade em estar, em colaborar, em participar. Quase não houve faltas de comparência e, sempre que existiram, foram justificadas. Rimos e chorámos, fizemos acrobacias astuciosas no processo ensino/aprendizagem, neste dar e receber, pedagogicamente e com um tom, um sussurro, de maior necessidade de estar com....

Como é comum ouvirmos: se me contassem não acreditava!

Assim, e em tom de crónica, passo a um ensaio poético através das palavras dos estudantes, correspondentes a títulos de alguns dos seus trabalhos:

Durante esta guerra que nos uniu Lisa Barbosa, **A minha casa (não) é a tua casa** Beatriz Marcos.

Sei que Já Nada É Dourado Como Sempre Quis Toni da Faria Machado, **No meu quarto não se dorme** Leonor Ferreira **mas esforço-me por encontrar o meu Amor Prefeito, nem que seja nas Entrelinhas** Beatriz Freitas **de um sonho.**

Nesta quase Saturação do Sentir Diana Sapudo, **mas também de Estudo e abordagem Que se Constrói e se Procura** Cláudio Penas, **anseio por uma viagem, e sigo neste formato de Projeto de quarentena** Catarina Vilaça **a galopar no Chimi-chimito Passeia no Tempo** Edgardo de Almeida.

Bem sei que é um filme, mas trata da vida e de encontros com A (minha) mãe Catarina Gentil Berger, **caminhando e procurando, tropeçando…**

Finalmente encontro um .Maljae.(abrigo) Catarina Farhat **nesta QUARENTENA OBRIGATÓRIA e NÃO SEI QUEM SÃO // MAS SÃO DE TODO O LADO** Rafa Fernandes.

O meu (ser para dentro) Luísa Torres **continua sequioso mas a respirar** Luísa Torres.

Dia 17 de Março, Dia 20 de Março, Dia 22 de Março, Dia 23 de Março, … Dia 30 de Março, Dia 31 de Março, Dia 13 de Abril, Dia 23 de Abril, Dia 4 de Maio Marcelo Gonçalves **à margem do encontro (articulações): Catarse series** Alexandra Guimarães, **decido contornar-me** Rafa Fernandes, **porque estou confortável.**

Dentro de casa não chove Nery **e ainda tenho muita sorte porque #3 BRASAS, ou AO QUANTINHO DA LEREIRA** Salomé Santos, **é daquelas**

PEQUENAS BELEZAS, só para **AS MENINAS** Rita Rodrigues.

Vais conseguir reconfigurar este momento **Que se Constrói e se Procura** Cláudio Penas. Há diversas formas e caminhos: **Deriva Contra - Deriva** Sandra Alexandre

Linhas sem sentido: à deriva pelas montanhas
Linhas sem sentido: um caminho de raízes
Linhas sem sentido: a visão entre as montanhas
Linhas sem sentido: a minha divisão Marcelo Gonçalves.

Tens muitas escolhas. Mas quando persentes que se aproxima a **Escultura Encanada** Maurício Pereira não é coisa fácil de contornar, toma cuidado e atenção!

#1 MAL DO MESMO, ou VÁRIAS MANEIRAS DE ESPANTAR PESSOAS Salomé Santos

Mas como

Nada é permanente, tudo muda. A persistência é vital. Rita Rodrigues

E para tornar ainda menos facilitado, **os segredos levam-se em caixas pequenas …… na companhia de ninguém** Maria Francisca Moura

Uma espécie de mergulho no **Para dentro** Mónica Perestrelo para tentar regressar maior, mais forte e melhor. Por vezes, em reflexo e **emon mês** Luís Silva.

Há quem diga que **TODOS SOMOS PALHAÇOS (cada um como cada qual): o Chapado; O Interessado…** Rita Rodrigues. Vais ver de tudo o que quiseres, não quiseres, se quiseres.

Ontem perguntaram-me se **o excesso de proximidade oblitera a percepção?** Carolina Mariares

Só poderia responder que não, claro que não! Temos que ser mais selectivos ou, se quiseres, mais bem-comportadas, também vou ter que aprender, e distinguir relações: profissionais, sociais, privadas e íntimas, vais ver que poderá ser melhor!

Não te esqueças que até a **Alma Muda Tem Voz** Mónica Perestrelo

??????????????????????

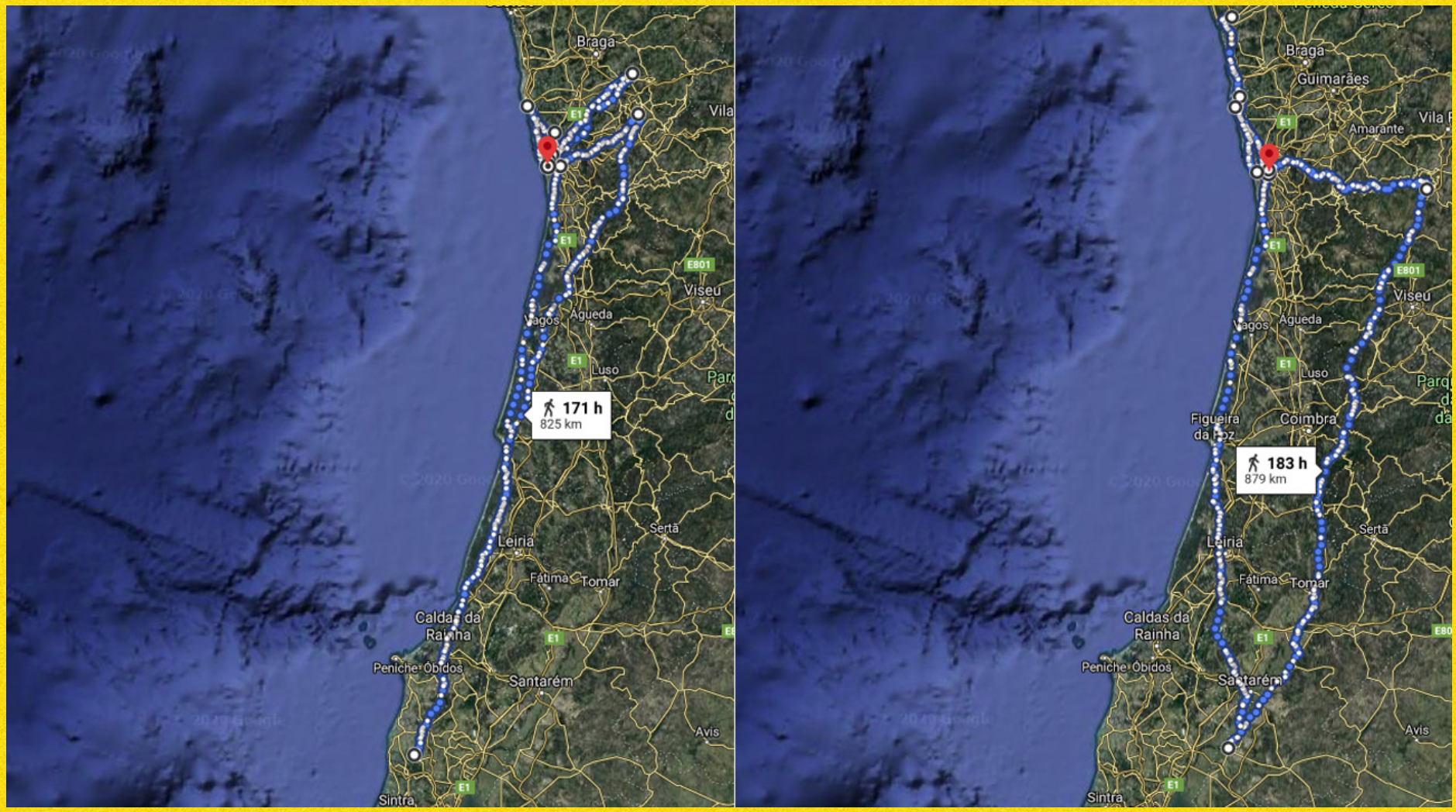
Já foste ler a **Série >>>Nery>>>** Nery????

Foi o que Foi é o que é. Está representado neste e-book, no blogue, nas páginas pessoais que muitos decidiram iniciar, na aplicação de algumas metodologias já abordadas e contaram com o contributo generoso e pontual da Professora Sofia Ponte (docente responsável pela UC Metodologia de Projeto, no 1º semestre), com o design da Joana Rodrigues que, sendo irmã da Rita Rodrigues se prontificou a dar apoio no design da publicação e quem muito agradeço. Permanecerá por aqui, parte de um todo, do muito que se pensou, refletiu, fez e desfez, refez, reinventou, adaptou, simulou, maquetizou e/ou mesmo, concretizou: uma parte de um corpo de trabalho de 25 estudantes com pontos muito positivos para todos. Sucintamente, todos cresceram, todos conseguiram chegar até aqui, até hoje — o que por vezes, não acontece, mesmo quando podemos estar na escola todos juntos.

Rute Rosas, Julho de 2020

Como poderemos observar na figura, e considerando que os docentes se encontrariam na FBAUP, iniciaríamos duas caminhadas semanais, duas sessões de contacto: o conjunto dos dois mapas de percursos, servem de ilustração metafórica e imagética para cada uma das sessões a efectivar o encontro com os estudantes. Mesmo que fosse possível, não estaríamos juntos, em grupos ou em turma.

Rute Rosas



Alexandra Guimarães.

narrativa
consciência
catarse
respiração

tudo se passa onde nada se passa, II : Catarse series
2019 / 2020
Cimento, látex, ventoinhas, tubos de cobre e tubo extensível de alumínio com forquilha de aumínio
30 x 350 x 150 cm

tudo se passa onde nada se passa, II : Catarse series

Entre o que somos e o que aparentamos ser existem diversos EUs não visíveis. O *Self* manifesta-se inconscientemente no que produzimos, abrimos espaço para o narrar e para o tornar consciente. Não o abandonamos mas representamo-lo a partir de coisas que o outro vai sentir mesmo que seja de outra maneira.

tudo se passa onde nada se passa, II narra uma condição ligada a uma memória (um acontecimento) e na necessidade de libertá-la - catarse - ao expô-la para um reflexo fora do meu próprio corpo. O tema da (frágil) respiração nasce exatamente dessa memória. Nós emergimos totalmente através de coisas que vimos, que fazemos e fizemos, dos lugares que temos e do que as pessoas que tivemos deixaram para trás.

Através de uma pequena coisa com importância, torna-se num objecto que traduz a necessidade de gestos mínimos e na concretização de um corpo rígido que inconscientemente flutua no seu centro; potenciando a dualidade entre o carácter industrial e a conformidade de uma nova organicidade matérica para a determinação temática da forma.

Esta sugestão de representação de um sistema respiratório é traduzida essencialmente em jogos de visibilidade e invisibilidade, presenteando uma noção de presença e de aproximação do objecto e do corpo (indivíduo), mas que a narrativa mais íntima não fica estabelecida ou não é fornecida no seu máximo para o outro lado (o do espectador) que se move, pensa e "lê" o objecto. Talvez seja só o que achamos que é, talvez seja mais do que aquilo que vemos.

Um especial agradecimento ao Alcides Rodrigues.

https://vimeo.com/428622597
https://vimeo.com/428623777

tudo se passa onde nada se passa, II : Catarse series | 2019 / 2020 | cimento, látex, ventoinhas, tubos de cobre e tubo extensível de alumínio com forquilha de aumínio | 30 x 350 x 150 cm

à margem do encontro (articulações) : Catarse series
2020
Cimento, lâmpadas LED 10w900lm branca, tinta tráfego intenso branca
Cada elemento com 30 x 60 x 60 cm
Composição variável

à margem do encontro (articulações) : Catarse series

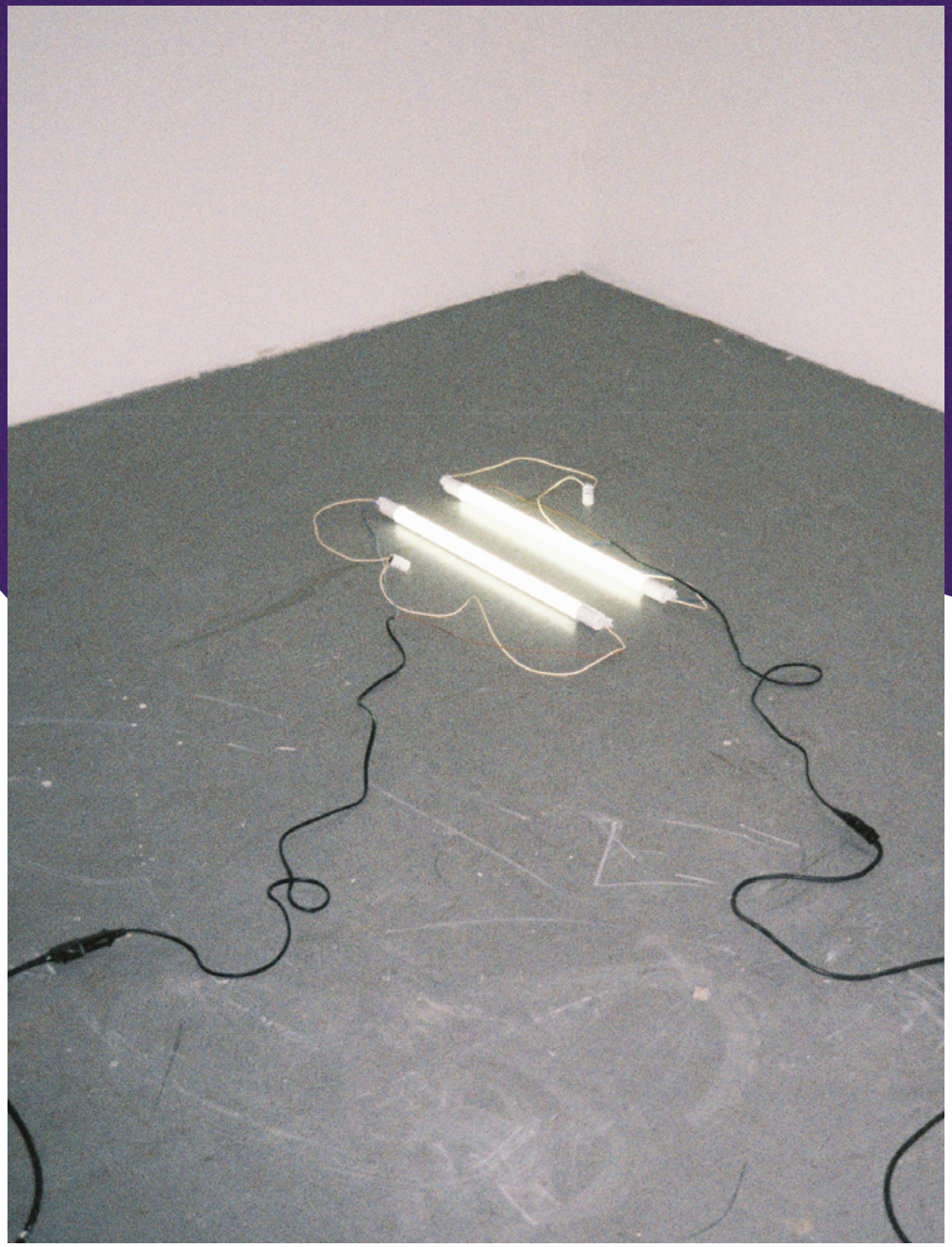
A noção de presença e não presença é particularmente relevante na abordagem ao projeto e é este gosto pela metáfora histórica que ela é, simultaneamente, mais e menos que uma metáfora, que se define num método e numa superfície sobre o qual um problema aparenta ser projectado.

Assim, *à margem do encontro (articulações)* resulta em gestos mínimos que insuflam uma nova vida nas coisas, nos fenómenos e nas ações. Os processos de simplificação e da geometrização 'abstrata' (do quanto posso eliminar um certo motivo), encontram-se em correspondência com a forma e conteúdo: linguagem pictórica abstrata de módulos e métodos geométricos.

Cada corpo necessita de um módulo, permanecendo sempre um outro à margem. A experiência é ativada pela componente material sensitiva (memória de corpo) através da utilização da luz (que permite registos de pele, organicidade, materialidade e proximidade ao corpo) e pela presença da cor branca (luminescente) num outro espaço negativo e vazio no cimento (como se de articulações se tratasse, algo tubular).

Sem pretender imitar algo mas perseguindo a componente teórica [temática de (frágil) respiração e de catarse], resulta de uma profunda transformação pessoal e espacial, através da materialidade composta pela luz (que cria o espaço), expondo experiências sensoriais ao espectador. A relação íntima entre o cimento e a luz permite criar um 'ecossistema' de valor único, uma paisagem visual e cultural; que se relaciona com a necessidade do observador procurar respostas e encontrar somente as que são deixadas levemente no objecto. Este é a continuidade do corpo humano: um mundo que se torna evidente à nossa consciência direta e sensorial.

Um especial agradecimento ao meu avô Luís Evaristo (Tito).



à margem do encontro (articulações) : Catarse series | 2020 | cimento, lâmpadas LED 10w900lm branca, tinta tráfego intenso branca | cada elemento com 30 x 60 x 60 cm | composição variável

Bruno Rodrigues.

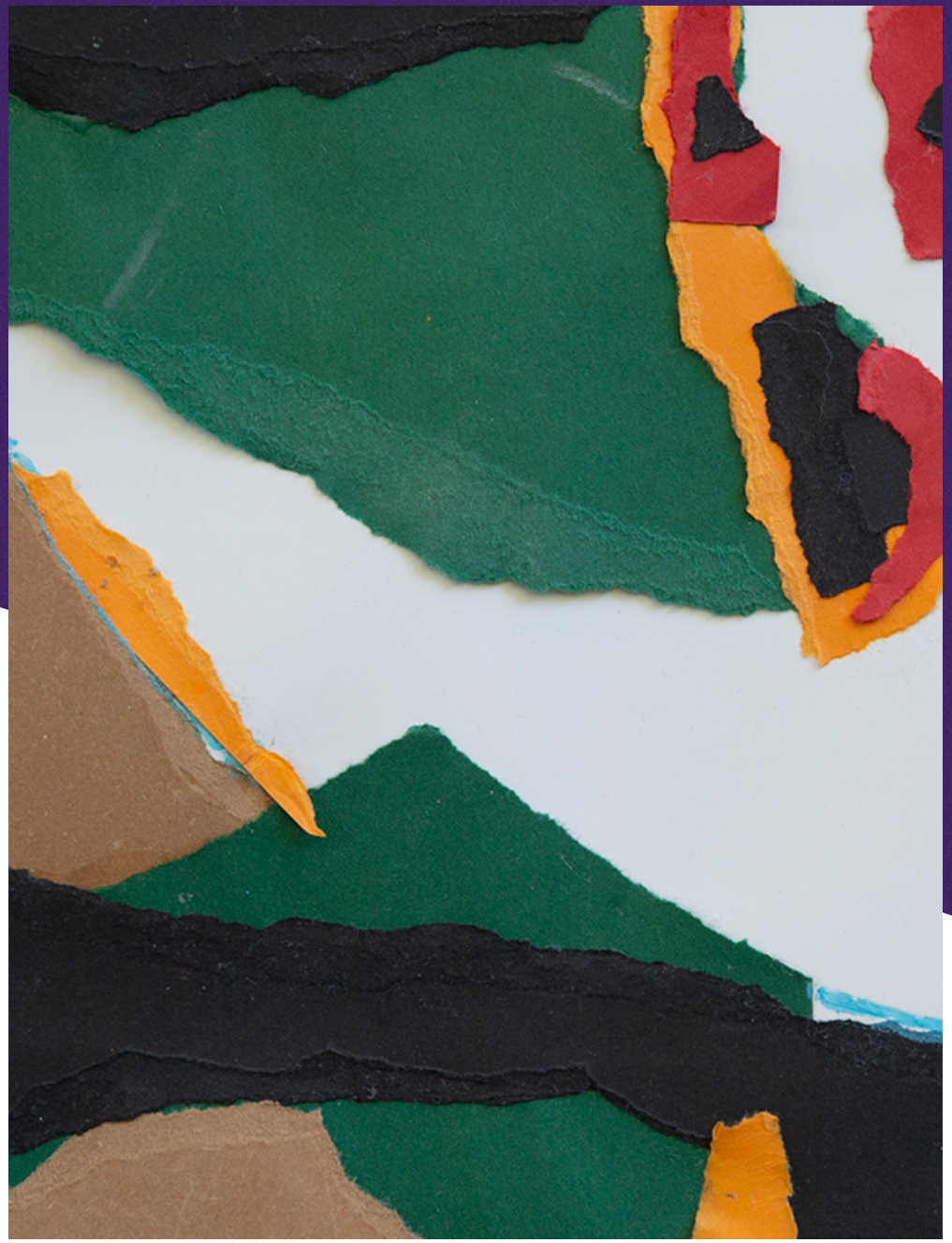
matéria
formas
assemblage
amálgama
“-ismos”

Vermisse Dich
2019
Papel, cartolina
28 x 28 cm

Vermisse Dich

Procuro formas nas matérias cruas. Matérias essas, aplicadas com o intuito de criar uma nova expressão. Partilho a ideia de Assemblage com os Cubistas, faço-o, com objetos encontrados, e altamente industrializados, como Telhas, assim como, elementos e objetos naturais, são casos, Ossos, Galhos etc.... Esta ideia de Assemblage e Amálgama de matérias naturais ou não naturais, permite-me criar composições paradoxais, onde, elementos orgânicos funcionam, harmonicamente, ao lado de elementos industriais. Utilizo materiais "pobres" e efémeros, alguns dos quais, compõem já algumas das minhas pinturas e colagens, são, no geral, elementos frágeis e instáveis, traduzem a preocupação que mantenho em relação à natureza e ao mundo da arte. Nesta série, procuro dar importância às formas da própria matéria, invés da cor ou da modelação e invenção das mesmas.

Vermisse Dich | 2019 | papel, cartolina, jornal, serapilheira | 80 x 58 cm



Vermisse Dich | 2019 | papel, cartolina | 28 x 28 cm | pormenores

Dubuffet escreveu o seguinte no texto que definia o artista "Brut":

"Estes artistas derivam de tudo - assuntos, escolha dos materiais, meios de transposição, ritmos, estilos de escrita, etc. - das suas próprias profundezas, e não das concepções da arte clássica ou da arte que está na moda. Nós somos testemunhas de uma operação artística completamente pura, bruta e inteiramente reinventada em todas as suas fases, apenas por meio dos impulsos do próprio artista."[1]

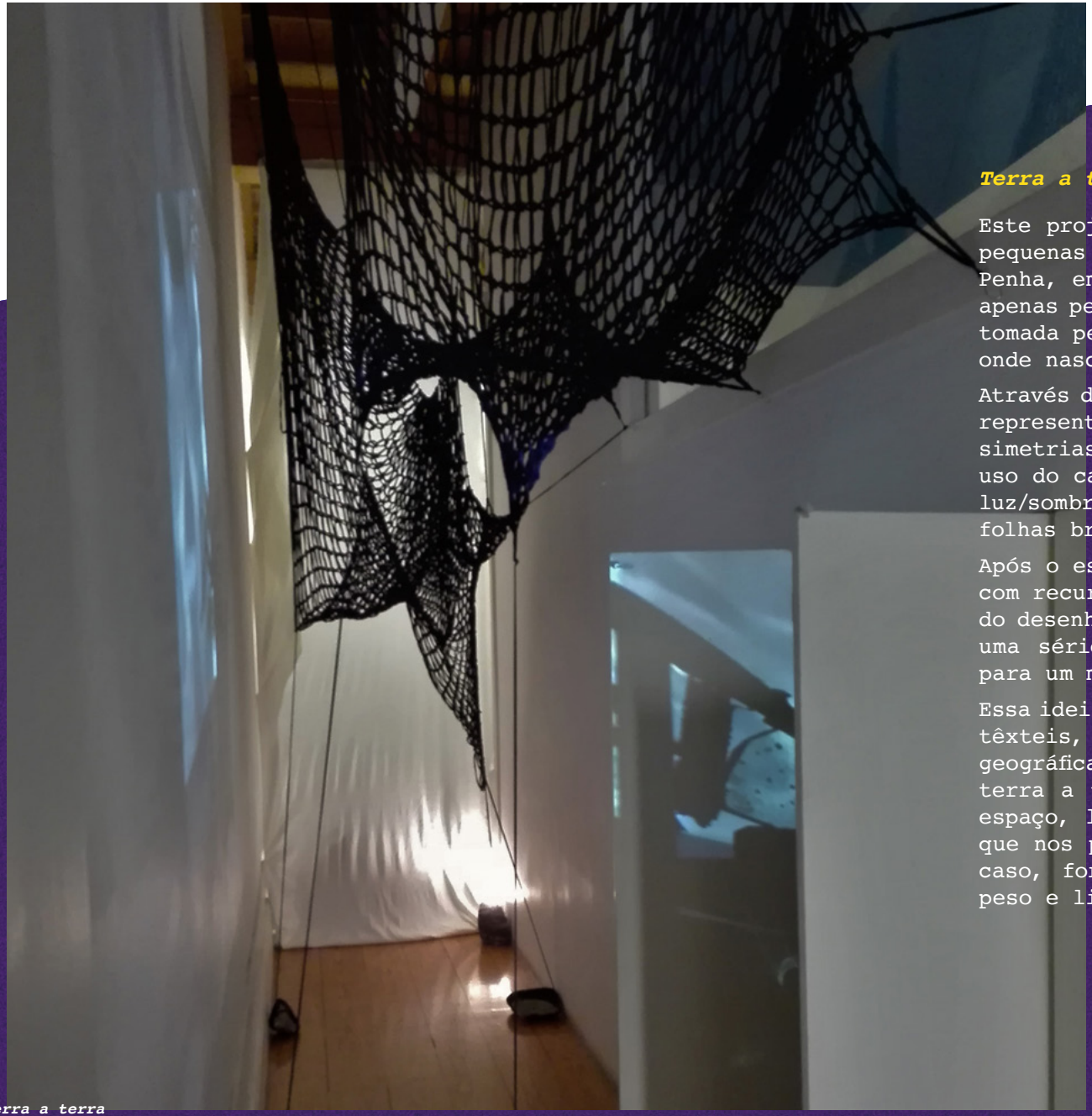
[1] Tradução livre — Jean Dubuffet, "Art Brut in Preference to the Cultural Arts" (1949), trans. Paul Foss and Allen S. Weiss, Art and Text 27 (December–February 1988): 31–33.

2020
Carvão, madeira, osso, cerâmica, mármore, pregos, arame
65 x 19 x 20 cm
Pormenor

| 2020 | carvão, madeira, osso, cerâmica, mármore, pregos, arame | 65 x 19 x 20 cm

Beatriz Marcos.

espaço
luz
sombra
simetria



Terra a terra
2020
Fio de malha, pedras de Penha
Dimensões variáveis

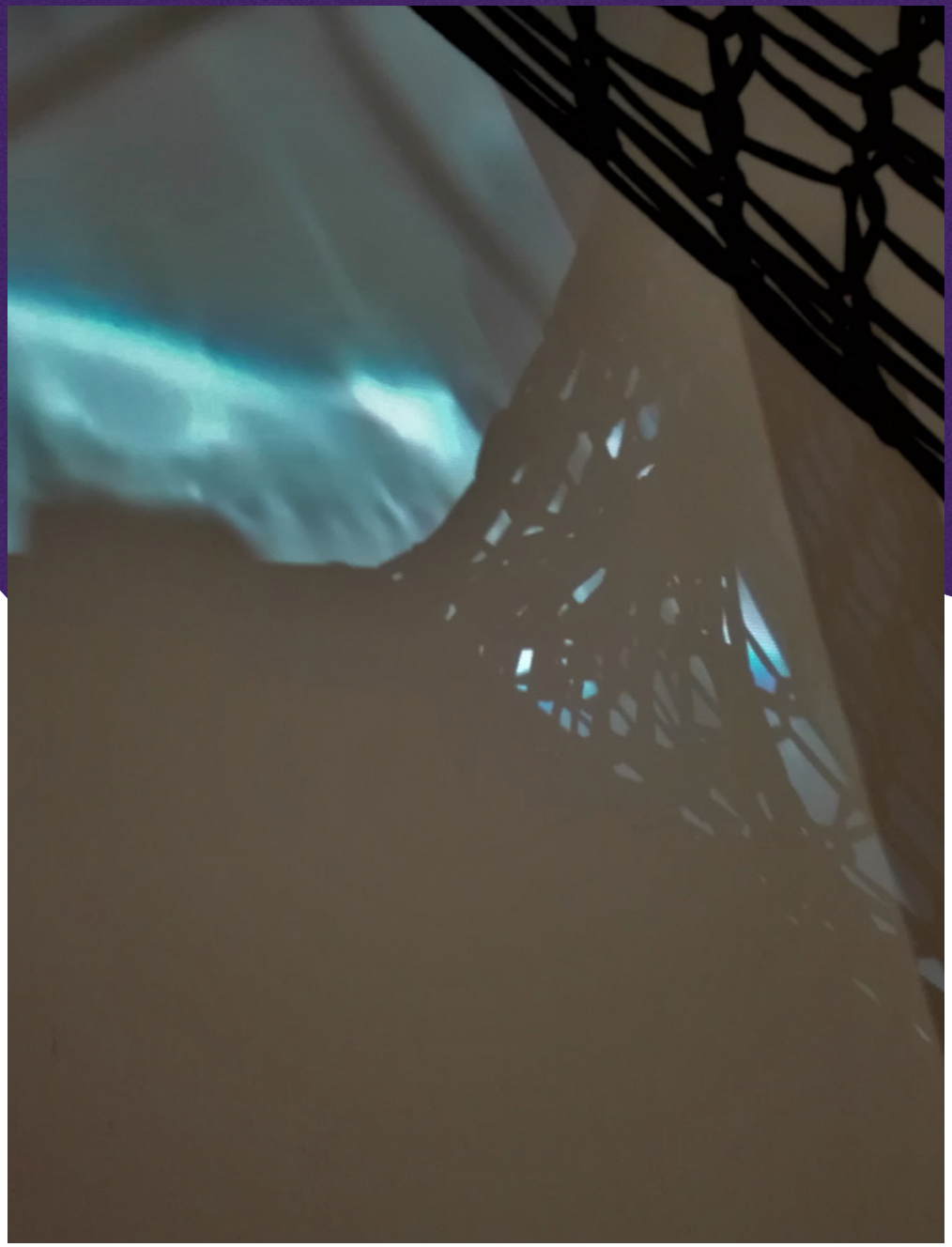
Terra a terra

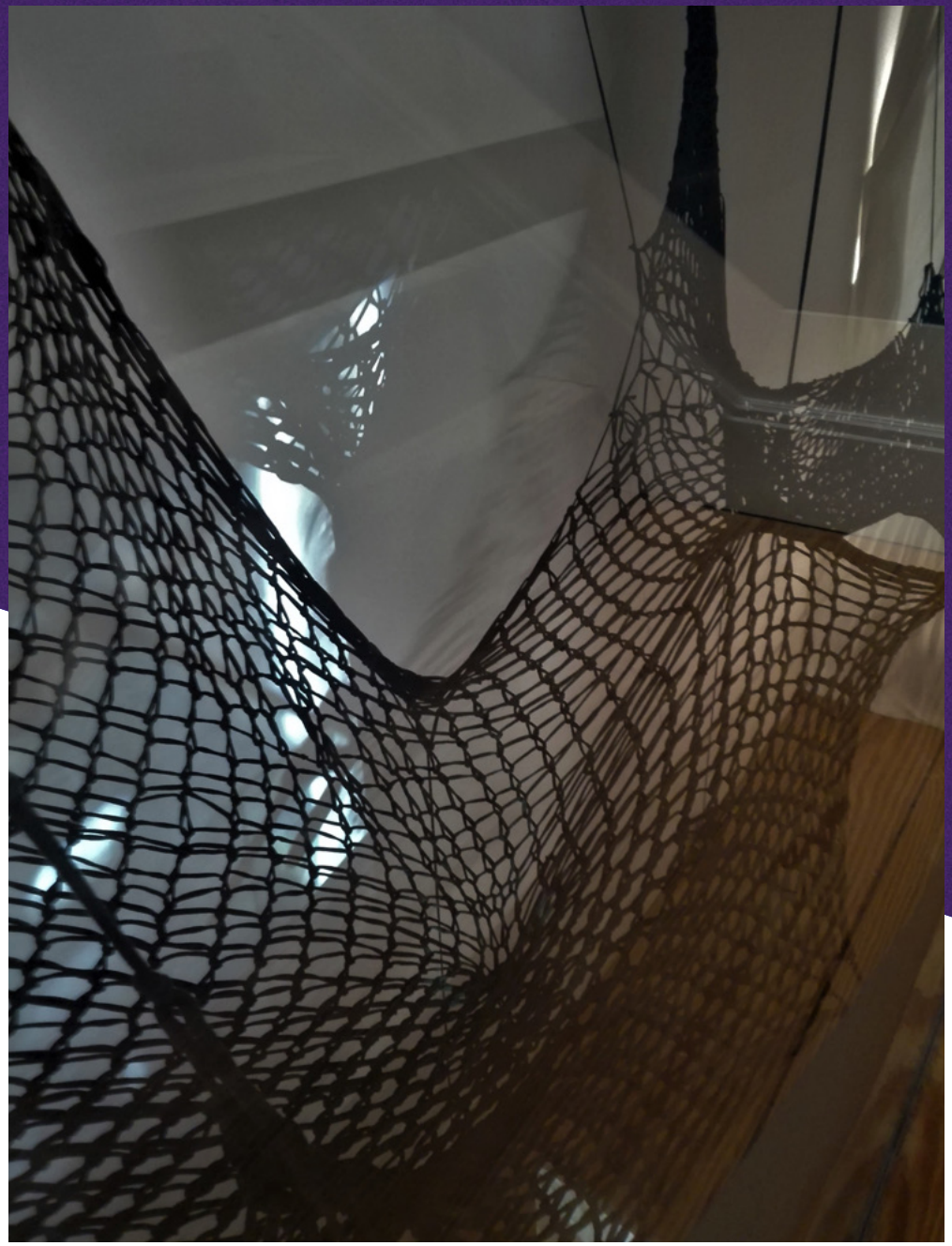
Este projeto partiu de fotografias, imagens que mostram pequenas entradas de luz entre os penedos na zona da Penha, em Guimarães, local que mantém uma relação, não apenas pelo facto de ser uma área isolada e completamente tomada pela natureza, mas também por pertencer à cidade onde nasci.

Através das fotografias, foram desenvolvidas novas formas, representações visuais criadas a partir de decalques, simetrias, rotações etc, recorrendo essencialmente ao uso do carvão sintético. Interessa-me a relação espaço/luz/sombra, pelo que o desenho com negros intensos sobre folhas brancas traduz bem essa ideia.

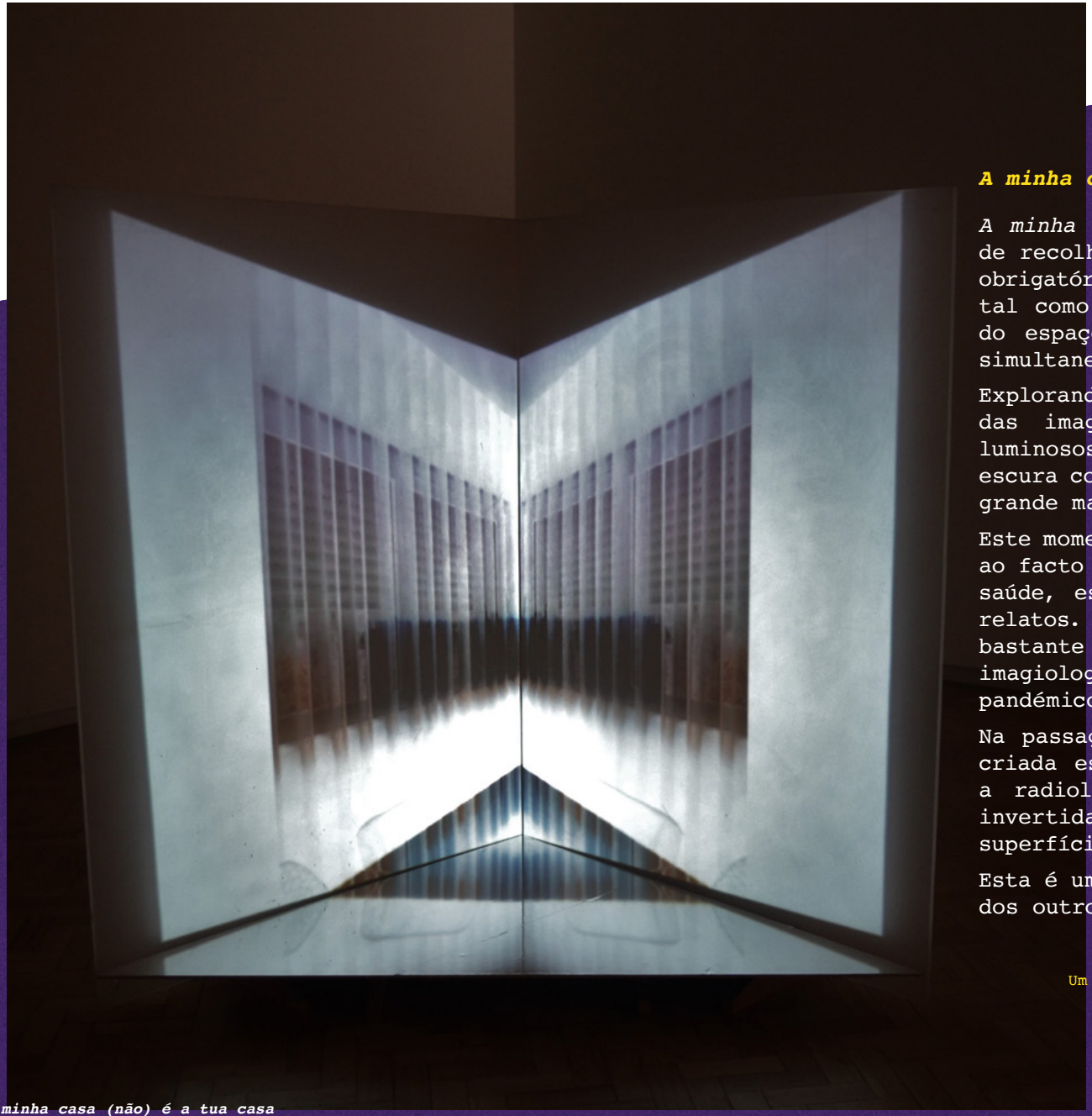
Após o estudo do desenho, surgiu a produção de maquetas com recurso a cartolinas de variadas formas resultantes do desenho. O acumular dessas camadas de cartolina criou uma série de baixos relevos, que remeteu de imediato para um mapa topográfico.

Essa ideia foi então passada para a construção de elementos têxteis, uma espécie de conjunto montanhoso, camadas geográficas, altos e baixos, sempre com esta ligação terra a terra. A forma como se encontram dispostos no espaço, leva-nos à ideia de picos altos e baixos, algo que nos puxa sempre para a realidade, para a terra. No caso, foram literalmente usadas pedras da Penha como peso e ligação à cidade.





Terra a terra | 2020 | fio de malha, pedras de Penha | dimensões variáveis



A minha casa (não) é a tua casa
2020
Painéis de acrílico fosco, aglomerado de madeira, adesivo espelho, projetor de vídeo
200 x 175 X 88 cm

A minha casa (não) é a tua casa

A minha casa (não) é a tua casa parte de um processo de recolha de imagens durante o período de confinamento obrigatório, imposto devido à pandemia Covid-19. Este, tal como o nome indica, pretende transportar um pouco do espaço e das vivências desse momento, tornando-se simultaneamente acolhedor e não identificável.

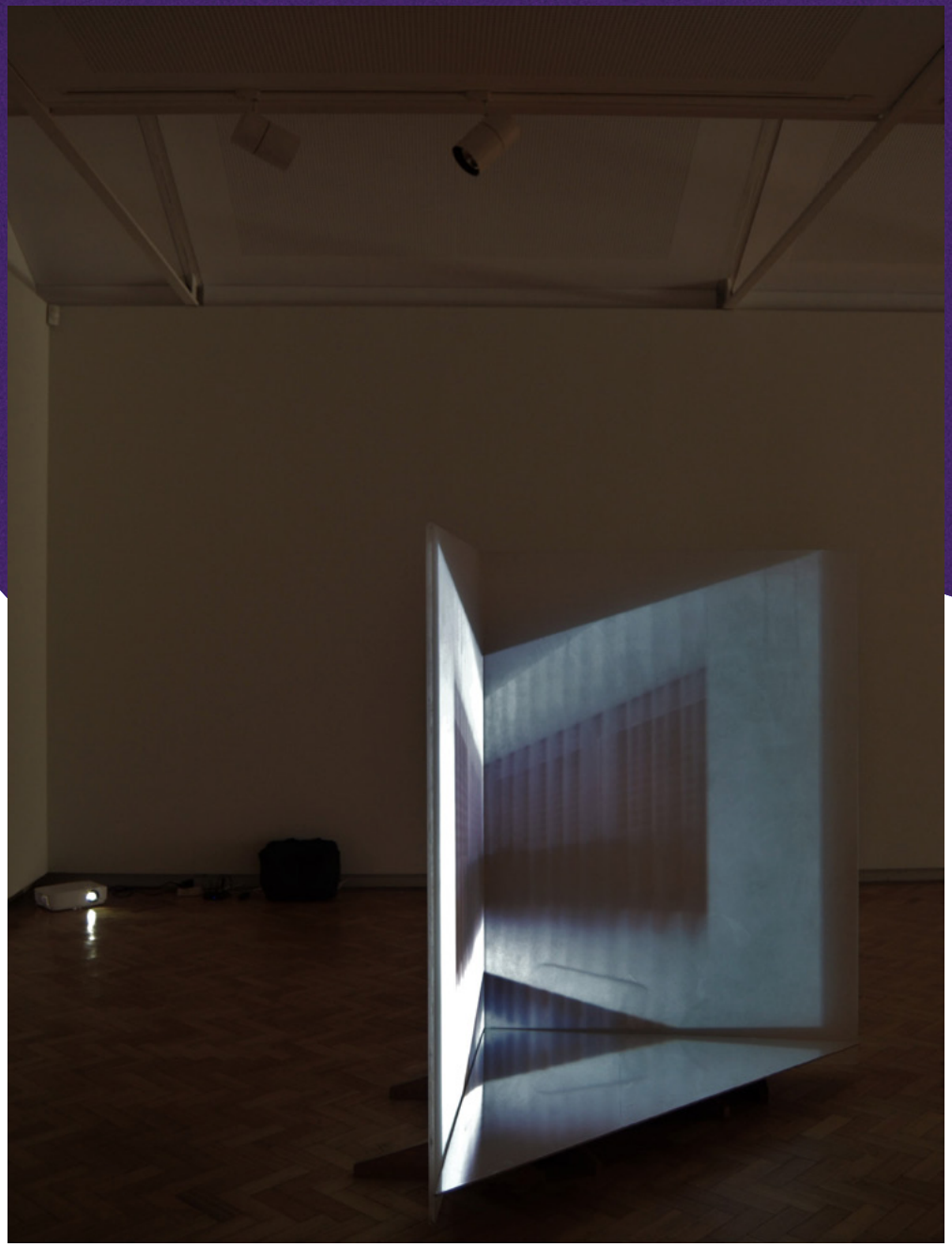
Explorando questões de luz e sombra, deu-se a manipulação das imagens originais, criando novos espaços. Tons luminosos deram lugar a negros, passando de uma imagem escura com grande feixe de luz, a um espaço luminoso com grande mancha escura.

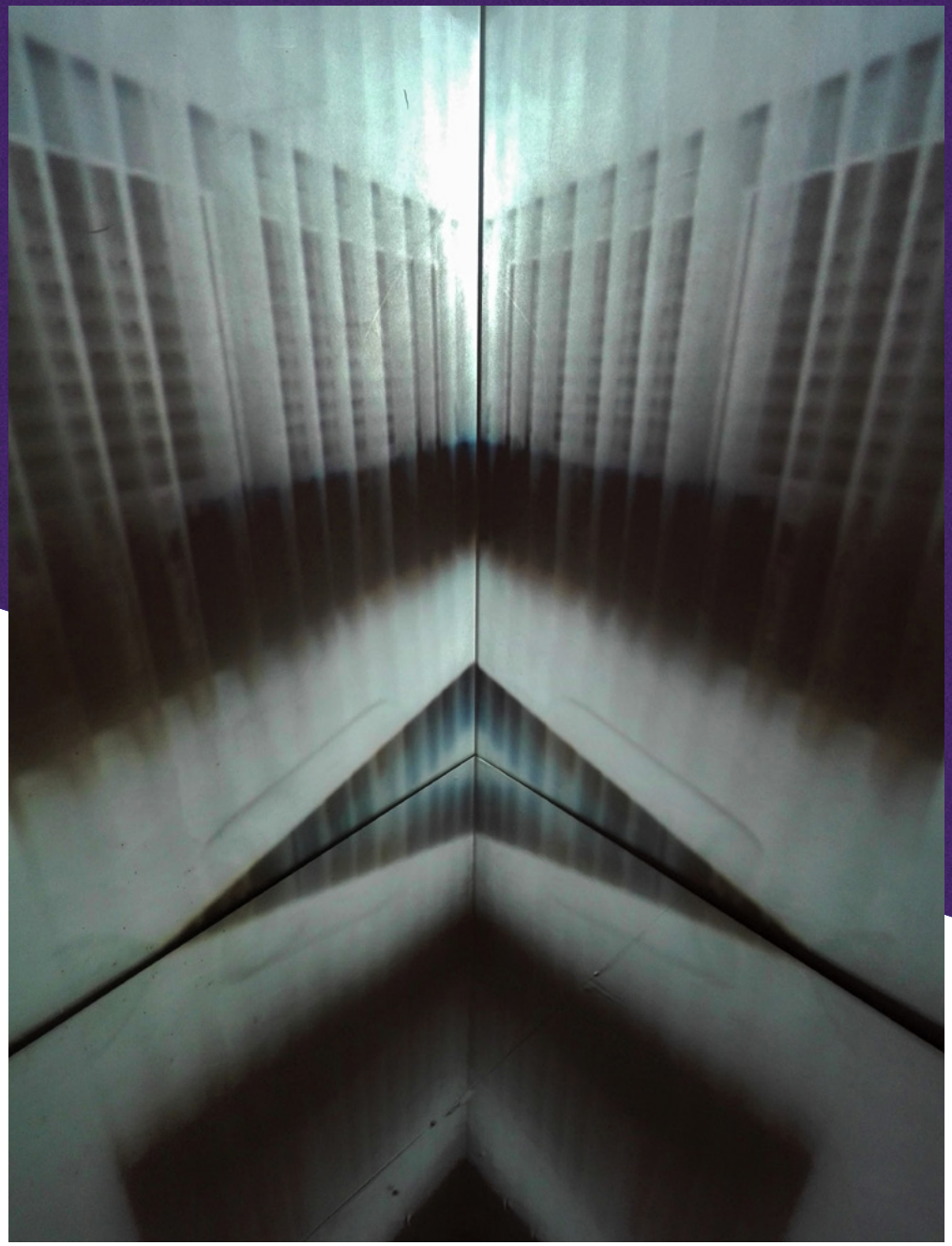
Este momento foi por mim vivenciado mais de perto devido ao facto de os meus progenitores trabalharem na área da saúde, estando diariamente em contacto com diferentes relatos. Não só nesta fase, mas desde pequena, convivi bastante com o ambiente hospitalar, em especial o de imagiologia, uma das áreas mais ativas neste momento pandémico.

Na passagem da imagem bidimensional para o objeto foi criada esta estrutura, que nos remete exatamente para a radiologia, seja pela edição da imagem com cores invertidas ou pela posição do projetor em relação à superfície semitransparente.

Esta é uma casa que é minha e não dos outros, mas que é dos outros e não é minha.

Um especial agradecimento à Patrícia Almeida e ao Alcides Rodrigues.





A minha casa (não) é a tua casa | 2020 | painéis de acrílico fosco, aglomerado de madeira, adesivo espelho, projetor de vídeo | 200 x 175 X 88 cm

Catarina Gentil Berger.

memória
efermidade
empatia
ausente / presente

A poeira,
fica sempre

Com a passagem do tempo, a memória aloja-se em diversos locais e objetos. A cadeira é um desses objetos e surge com especial recorrência por possuir a capacidade de representar duas grandes dimensões: a dimensão corporal de uma individualidade presente mas ausente, e a dimensão construtiva e espacial de um local, uma casa, um lar onde sentar e repousar. O corpo, é um corpo estranho. Apesar de algo familiar e doméstico, todo ele cria estranheza. É quente e acolhedor, mas bizarro e deformado. É mutável porque individualmente é relembrada uma identidade diferente, é deformado porque, com o tempo, as memórias também se deformam.

É a representação de uma memória que, apesar de relembrada e habitada de maneiras diferentes, é ao mesmo tempo, uma memória coletiva partilhada por todos. A cadeira representa o que é estrutural e fixo na memória, o que é comum, que sustenta o corpo e segura toda a memória no seu lugar. O corpo não tem forma fixa, é variável e apresenta-se como a representação de uma presença.

No fim, enquanto tudo o resto desvanece, enquanto a memória se torna desfocada e menos certa, existe sempre uma lembrança.

Existe sempre poeira.

A poeira,
fica sempre
2020
Collants de nylon, farinha, cadeira de madeira
80 x 44 x 40 cm

A poeira, fica sempre | 2020 | collants de nylon, farinha, cadeira de madeira | 80 x 44 x 40 cm

A (minha) mãe
2020
Mesa de cabeceira de madeira, terra, borras de café, cera de abelha, barro de mafra
Móvel - 74 x 40 x 37 cm
Volume - 33 x 42 x 33 cm

A (minha) mãe

- Mãe, porque é que começaste tanta coisa mas acabaste tão pouca?

- Porque estava calor e depois tive filhos.

Ri-me.
Agora pensando bem,
só me dá vontade de chorar.

As mães são assim.

Robustas e fortes, delicadas e bonitas. Carregam na barriga a vida do mundo e guardam para si, como numa gaveta selada, todas as dores, dificuldades e verdades que não podem contar. Tudo para protegerem e amarem.

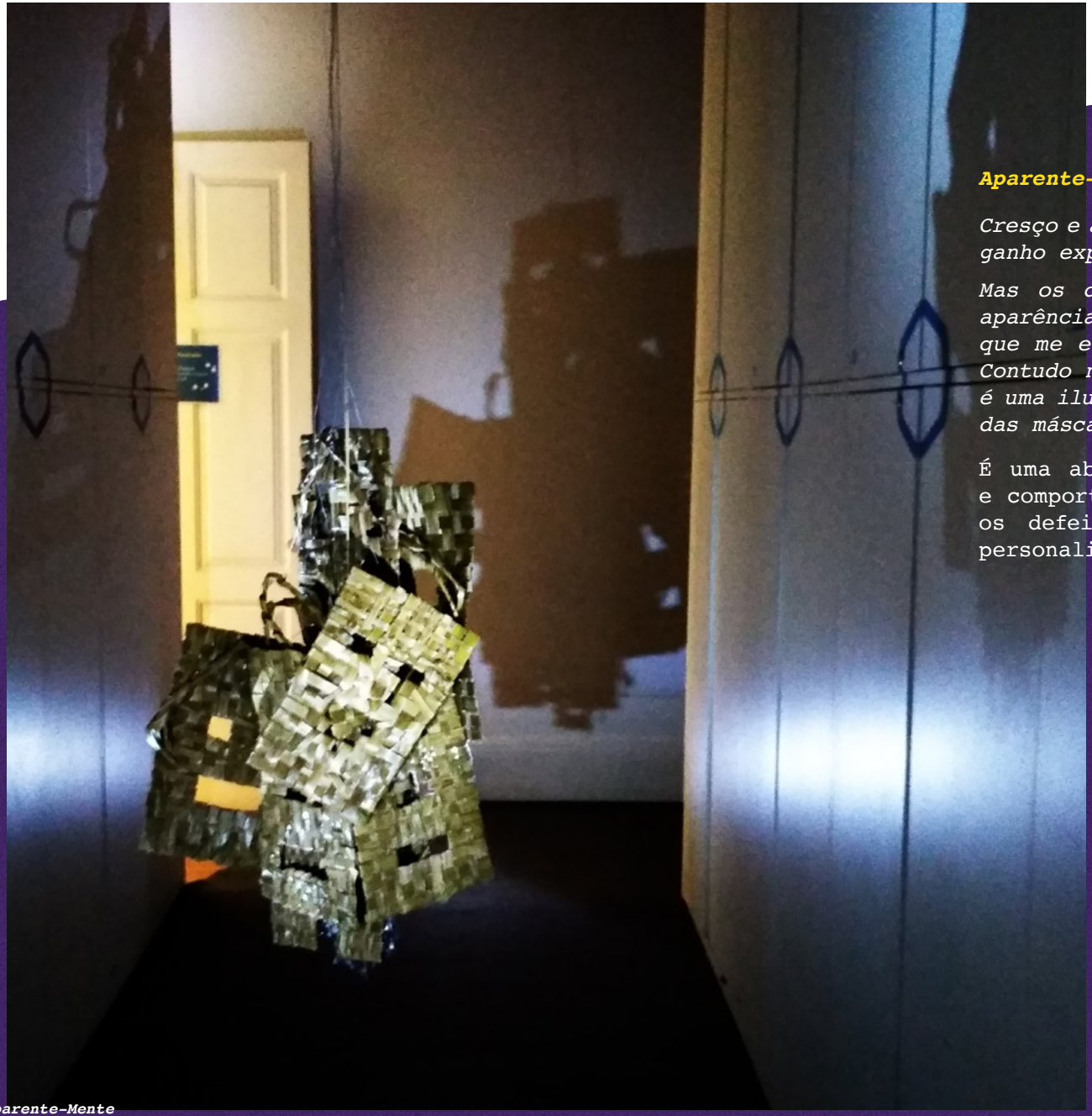
Ao crescermos, parece que elas não crescem. Há uma distância entre a vida que é protegida e promessa do seu crescimento, entre o "o que é" e "o que poderia ter sido". Há uma distância que existe mas não é visível.

A minha mãe também é assim.

A (minha) mãe | 2020 | mesa de cabeceira de madeira, terra, borras de café, cera de abelha, barro de mafra | móvel - 74 x 40 x 37 cm | volume - 33 x 42 x 33 cm

Cláudio Ferreira.

máscara
defeito
ilusão
sociedade
aparência



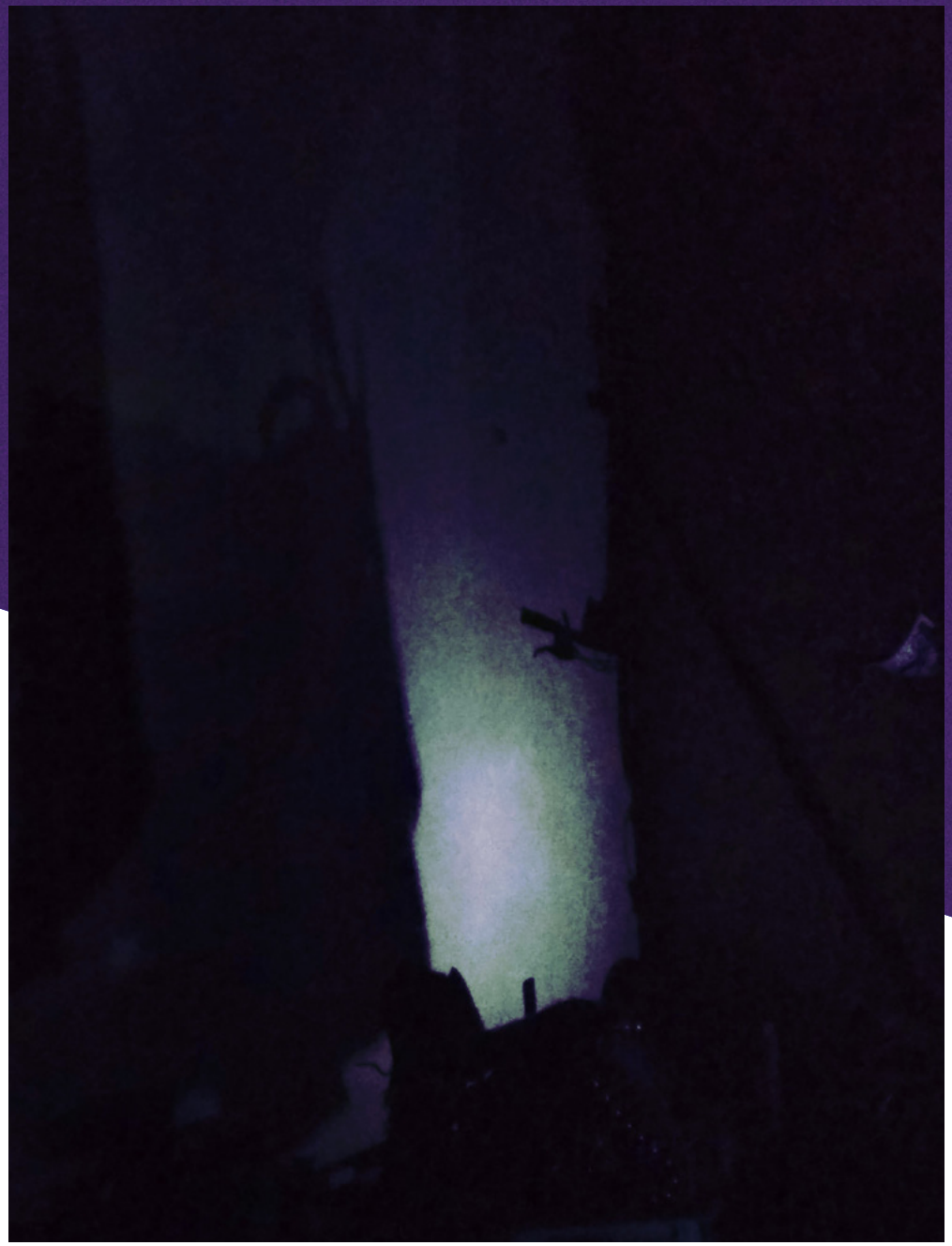
Aparente-Mente
2019
Folha de palmeira, arame e anzóis, lanternas LED, assemblage de vários objetos metálicos
Tecelagem entrelaçada, colagem, manipulação luminosa
2m²

Aparente-Mente

Cresço e aprendo, erro e reparo, ganho defeitos e virtudes, ganho experiência.

Mas os defeitos atrapalham. Faço por os sobrepor com aparências, uso-as para esconder em que me tornei e que me estou a tornar, para estar dentro da sociedade. Contudo ninguém vê ou repara nessas máscaras. O que vêm é uma ilusão do que eu mostro ser, é a projeção da sombra das máscaras que carrego para poder parecer.

É uma abordagem à condição humana em adotar posturas e comportamentos sociais aceitáveis de modo a esconder os defeitos adquiridos durante o desenvolvimento da personalidade para estar inserido em sociedade.



Aparente-Mente | 2019 | folha de palmeira, arame e anzóis, lanternas LED, assemblage de vários objetos metálicos | tecelagem entrelaçada, colagem, manipulação luminosa | 2m²

Que se Constrói e se Procura
2020
Happening registado por fotografia
Papel glossy, molduras 30 x 40 cm
7 fotografias emolduradas, 30 x 40 cm

Que se Constrói e se Procura

A sociedade é como um baile de máscaras,
Põe uma para agradar e entrar nas vidas dos outros,
Usa-a para te defenderes daqueles
que não queres que entrem,
Mas somos todos iguais, porque a sociedade
não nos permite viver sem elas.

Numa sociedade repleta de aparências,
onde é que se encontra o ser humano,
que as usa como máscaras?

Cada um constrói para ser um reflexo de todas as influencias a que estamos sujeitos, as mesmas servem como ferramentas para construirmos essa máscara que vai permitir que cada um seja integrado em sociedade.
Mas para continuarmos a ser este este reflexo, precisamos de estar expostos ao mundo, quando não estamos expostos a influências exteriores, mesmo que já não precisemos de usar esta máscara, ela já não pode separar-se de nós, porque foi com ela que construímos a nossa imagem como pessoa, no entanto, grande parte das influências que constroem esta máscara sujeitam o individuo a seguir um código de regras e éticas, de maneira a que se sinta incluído em sociedade.

Será possível, no entanto, que o ser humano se consiga encontrar a si mesmo através da máscara que construiu para si?

Que se Constrói e se Procura | 2020 | happening registado por fotografia | papel glossy, molduras 30 x 40 cm | 7 fotografias emolduradas, 30 x 40 cm

Edgardo de Almeida.

origens
infância
lendas
imaginação

O Nascimento do Velho Tempo

Dentro do manguezal, a Deusa Lua, deu vida a uma terrível criatura de inúmeros dentes, cortantes como lanças, capazes de triturar até a mais poderosa das criaturas, Ela deu-lhe o nome Crocodilo...

O Nascimento do Velho Tempo
2019
Pasta de papel, tinta acrílica, pelúcia, linha de acrílico
Chapéu - 29 x 21,07 x 38 cm
Chimi-chimito - 53 x 38 x 16,05 cm
Crocodilo - 55 x 46 x 45 cm
Poncho - 175 x 133 cm

https://www.youtube.com/watch?v=Bggeh6wN0XM&t=9s

O Nascimento do Velho Tempo | 2019 | pasta de papel, tinta acrílica, pelúcia, linha de acrílico | chapéu - 29 x 21,07 x 38 cm | chimi-chimito - 53 x 38 x 16,05 cm | crocodilo - 55 x 46 x 45 cm | poncho - 175 x 133 cm

Chimi-chimito Viaja sobre o Velho Tempo
2020
Fotografia e vídeo
1:12

Chimi-chimito Viaja sobre o Velho Tempo

Os Chimi-chimitos são seres que transitam em ambos planos existenciais, físico e espiritual, conta a lenda que estes seres morreram no ventre das suas mães que foram atiradas ao rio como sacrifício aos deuses. O Velho Tempo ao ver as crianças dos homens a boiar no rio sentiu compaixão, elas não tinham os olhos dádivas do Deus Sol e da Deusa Lua assim que o Velho Tempo rasgou as suas barrigas das quais surgiram um único olho, o Velho Tempo outorgo-lhes a dádiva da visão e imortalidade, como agradecimento os Chimi-chimitos protegem a natureza, especialmente os lugares onde existe água em abundância.

Um especial agradecimento à Joana BC.

https://www.youtube.com/watch?v=DVOIL0W6ixs

Chimi-chimito Viaja sobre o Velho Tempo | 2020 | fotografia e video | 1:12

Lisa Barbosa.

memória
herança familiar
manual
processual

Galinha de Campo Não Quer Capoeira
2019
Cerâmica, pasta de modelar, tinta acrílica
Cada elemento tem aproximadamente 40 x 20 x 45 cm

Galinha de Campo Não Quer Capoeira

As galinhas são um resultado de várias situações familiares ocorridas, onde a perceção instintiva de cada pessoa foi ressaltada. Os comportamentos humanos por vezes fazem semelhança aos animais e as suas diferenças são diluídas. O instinto é mútuo e independentemente da tentativa de dominação deste, as caraterísticas subtis podem ser notadas em diversos momentos. Momentos de raiva, revolta e incompreensão abrem campo para as caraterísticas não controláveis do ser apresentarem-se de forma inconsciente. É este subtil comportamento que incitou o desenvolvimento deste trabalho.

A galinha torna-se também uma consequência, uma representação da nossa sociedade capitalista. Um animal torna-se produto, o campo é utópico e a capoeira é realidade - uma realidade ínfima e escura. Pessoas citadinas e apressadas, consomem de forma citadina e apressada, a galinha é obrigada a isso também. O animal é então uma representação dessa sociedade mas também uma representação do próprio ser que constrói essa sociedade.

Galinha de Campo Não Quer Capoeira | 2019 | cerâmica, pasta de modelar, tinta acrílica | 40 x 20 x 45 cm

A guerra que nos uniu
2020
Tecido de algodão tingido manualmente com cascas de cebola amarela e roxa, folhas e cascas de eucalipto, café, beterraba, cevada, caroços de abacate; enchimento com meia areia
160 x 45 x 300 cm

A guerra que nos uniu

Por muito tempo houve um muro que nos separou mas aquela guerra onde estiveste despertou em ti amarguras que se transformaram em presente, o presente das nossas raízes. Todos nós vivemos com essas cicatrizes e lidamos com elas diariamente enquanto tentamos compreender os seus motivos — só tu as sabes e para sempre só tu e aqueles que lá estiveram, saberão.

Um muro que metaforicamente remete para o passado de gerações antecedentes, gerações que apresentam as suas cicatrizes ainda existentes na construção da sociedade contemporânea portuguesa. Rastos de momentos árduos de distanciamento da pátria mas simultaneamente em defesa aparente dela.

És um resultado dessa ilusão e dessa memória colectiva e eu apenas tento compreender. Assim nos voltamos a unir como os sacos que se tingem uns aos outros, resgatamos a relação inicial e inocente dos meus primeiros anos, volto a ser a menina e tu o avô.

A guerra que nos uniu | 2020 | tecido de algodão tingido manualmente com cascas de cebola amarela e roxa, folhas e cascas de eucalipto, café, beterraba, cevada, caroços de abacate; enchimento com meia areia | 160 x 45 x 300 cm

Luísa Torres.

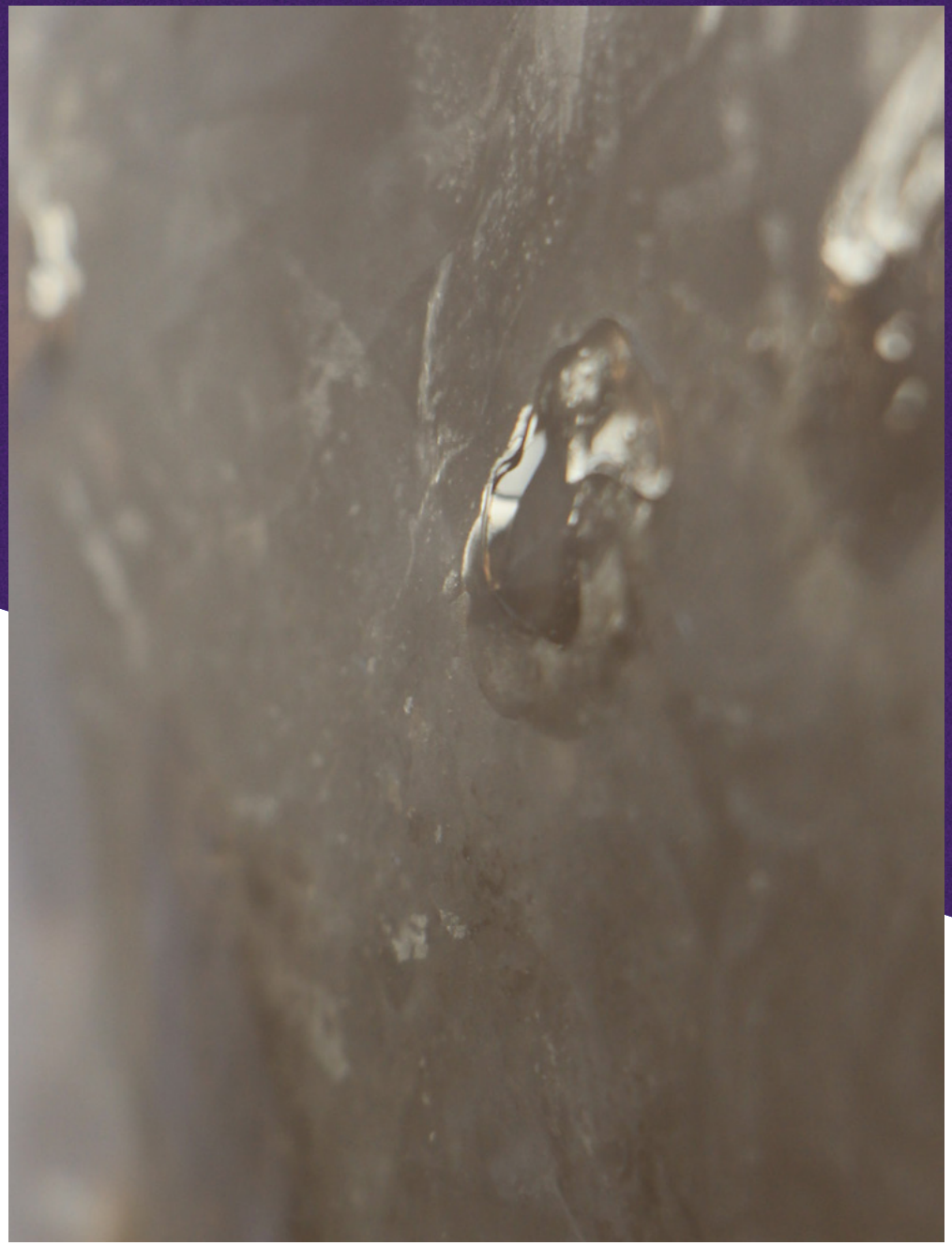
origens
ser
dentro
essência

as montanhas em mim

Focada no conceito de (ser para dentro), em problemáticas e poéticas interiores, as montanhas em mim representam os meus fantasmas e a minha maneira de lidar com eles — interiorizando, congelando. O ato de congelar o mar vem representar, poeticamente, a captura de um momento, a estagnação do tempo, uma tentativa de fuga da realidade. Simultaneamente, esta ideia de paragem, de prisão, remete também para o nosso tempo em isolamento, onde nos viramos para nós próprios.

Só o tempo é capaz de nos libertar. Só o tempo é que deixa derreter o mar. E é o tempo que abre o nosso caminho: as peças vão-se transformando a partir do momento em que as deixo em temperatura ambiente, vão revelando pequenos elementos, pequenos relevos, marcas e formas. Como esculturas involuntárias, mutantes e efémeras.

as montanhas em mim
2020
Água do mar congelada, conchas de mexilhão, algas, sal marinha, areia
Dimensões variáveis (vão derretendo com o tempo)
peças sensivelmente entre 8,3 x 8 cm | 3 x 3,4 cm | 30,6 x 11,2 x 2,4 cm

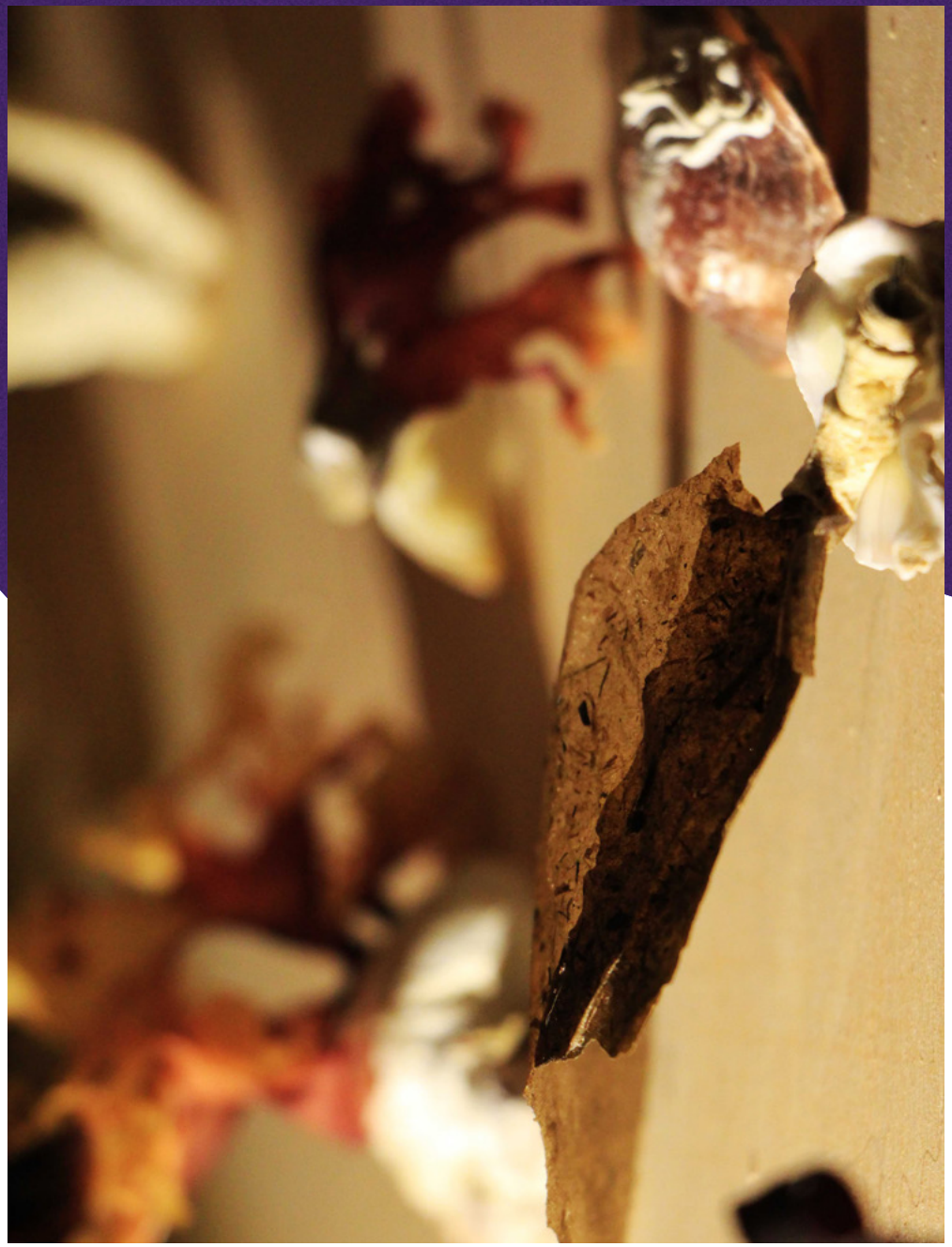


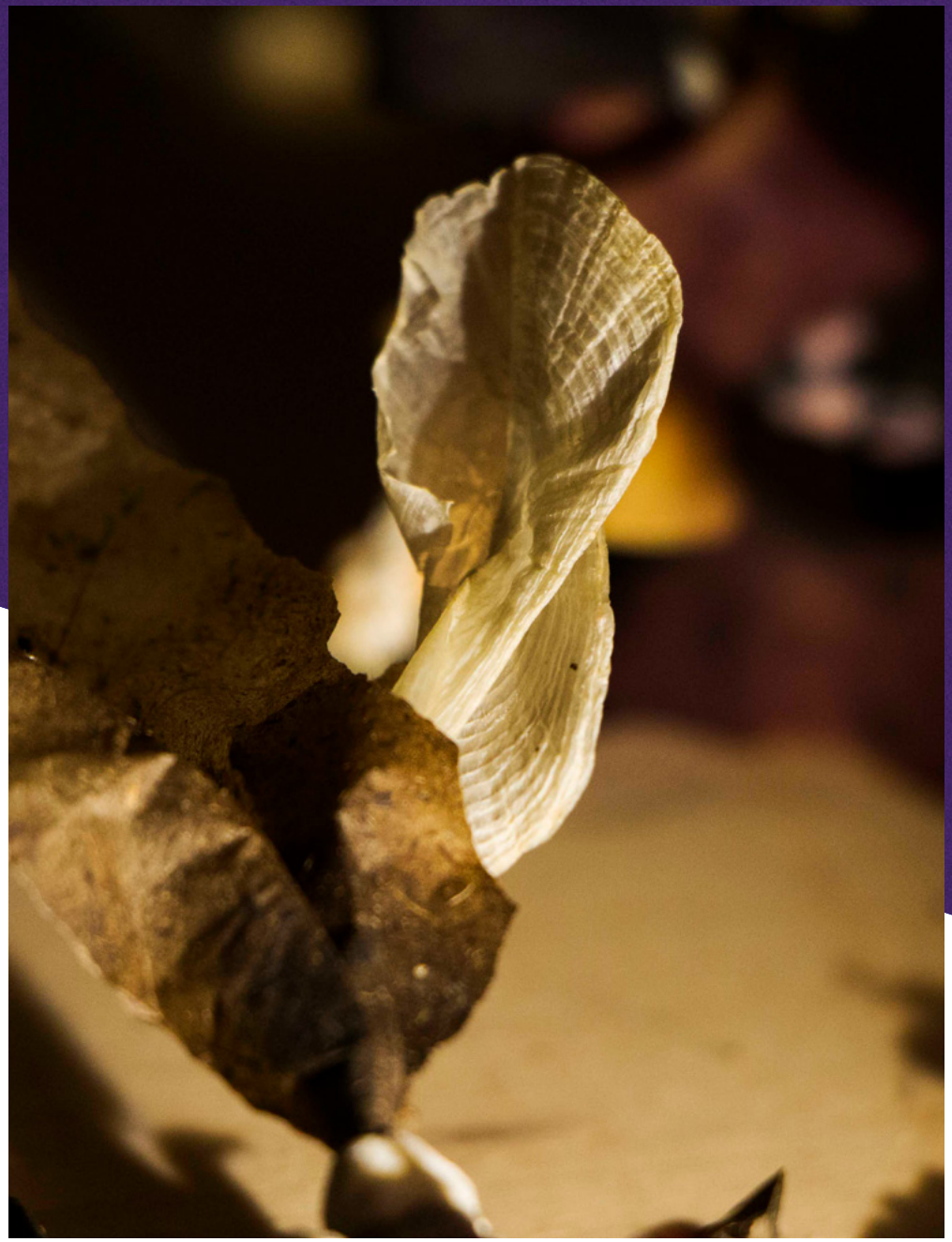
as montanhas em mim (pormenores) | 2020 | água do mar congelada, conchas de mexilhão, algas, sal marinha, areia | peças sensivelmente entre 8,3 x 8 cm | 3 x 3,4 cm e 30,6 x 11,2 x 2,4 cm

coisas do mar

Utilizei elementos na sua forma natural e elementos transformados e manipulados por mim, e tentei criar um pequeno ambiente construído pelas várias peças em relação umas com as outras, com a adição da luz direcionada. Estas peças, pela sua pequenez e particularidade, pretendem transportar a mesma sensação que eu tenho ao aproximar-me das rochas junto ao mar, ao ver o que por lá vive, a perceber as composições, as relações entre elementos e espaços. Sugerem um lugar para descobrir.

coisas do mar
2019 / 2020
Papel de algas, conchas (lapas, mexilhões, búzios, madrepérolas), pedras, algas, velella velella, fio de coser
Peças variáveis, sensivelmente entre 0,5 x 2 x 1 cm e 8 x 18 x 12 cm

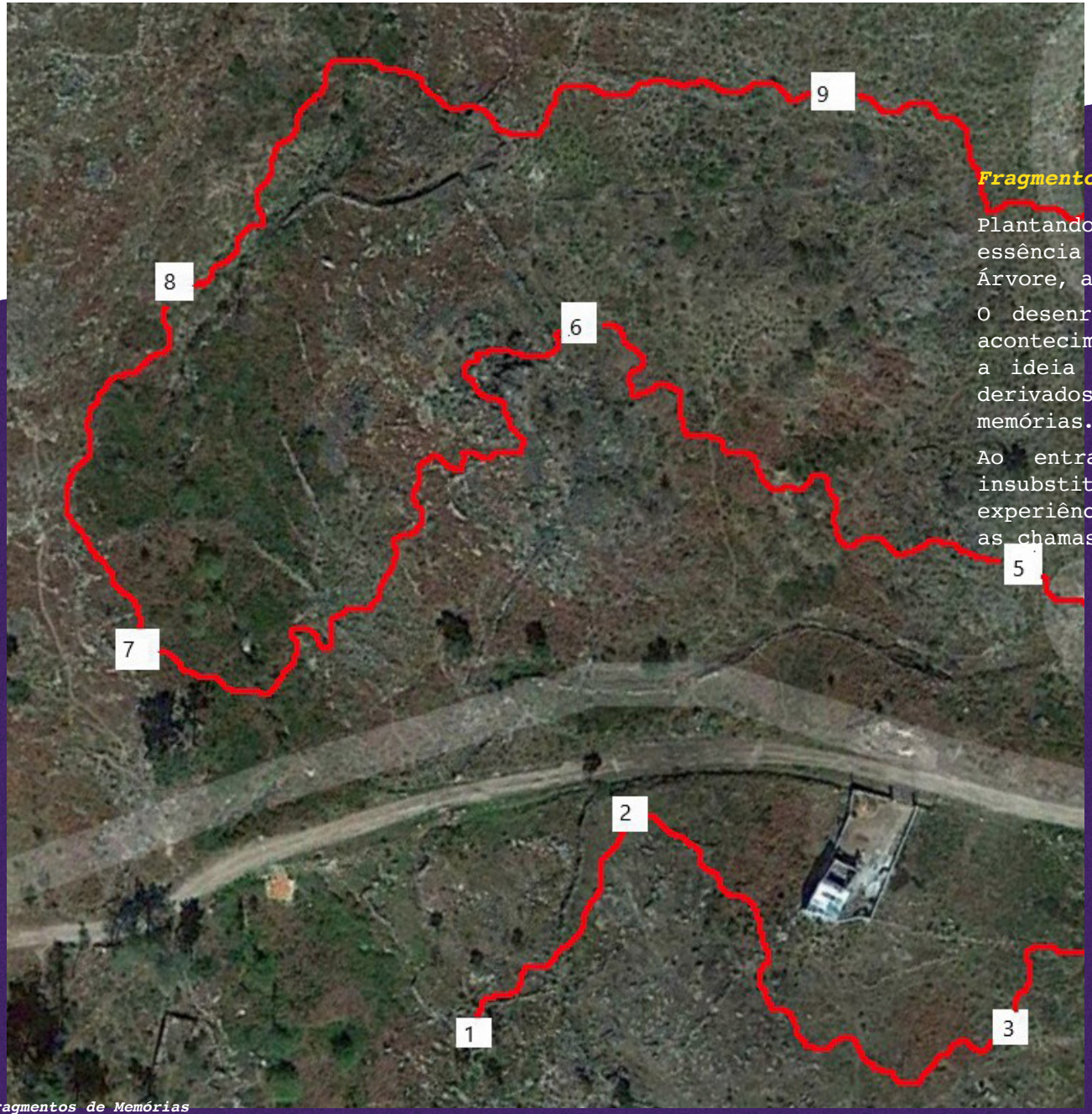




coisas do mar | 2019 / 2020 | papel de algas, conchas (lapas, mexilhões, búzios, madrepérolas), pedras, algas, velella velella, fio de coser | peças sensivelmente entre 0,5 x 2 x 1 cm e 8 x 18 x 12 cm

Marcelo Gonçalves.

natureza
paisagem
corpo
matéria



Fragmentos de Memórias
2019 / 2020
Pedra, terra, ramos, sementes de pinheiro bravo
Dimensões variáveis

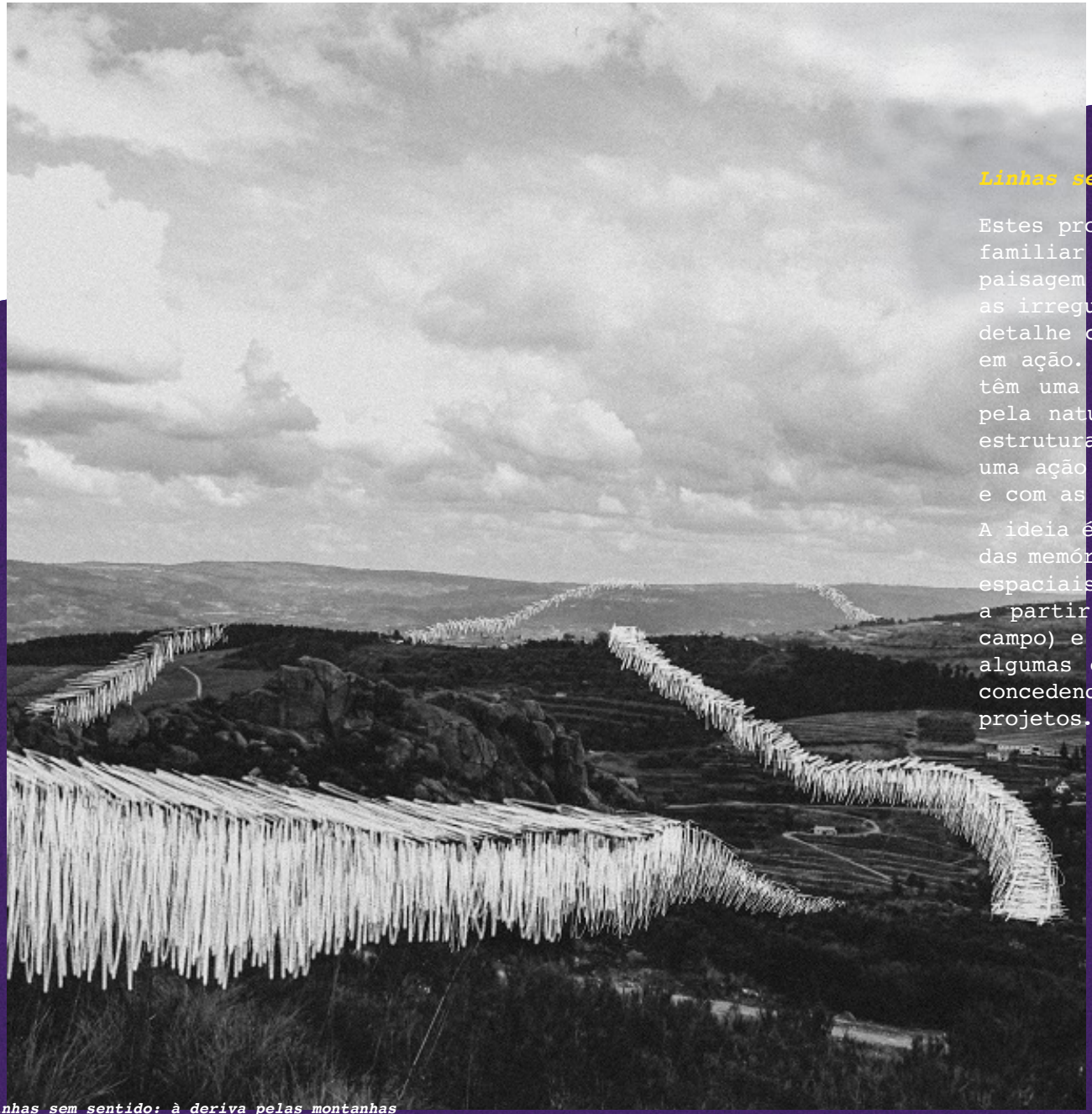
Fragmentos de Memórias

Plantando fragmento a fragmento até trazer novamente a essência de um espaço que há uns anos transbordava vida. Árvore, a árvore até não voltar a ver o cimo da montanha.

O desenrolar desta ação fez me relembrar de alguns acontecimentos que marcam a minha infância e desse modo a ideia foi criar umas estruturas feitas em pedra e derivados em volta das plantações para simbolizar essas memórias.

Ao entrar no espaço nos convertemos numa parte insubstituível do mesmo, materializamos a memória de uma experiência, a frieza de um espaço que se perdeu entre as chamas.

Fragmentos de Memórias | 2019 / 2020 | pedra, terra, ramos, sementes de pinheiro bravo | dimensões variáveis

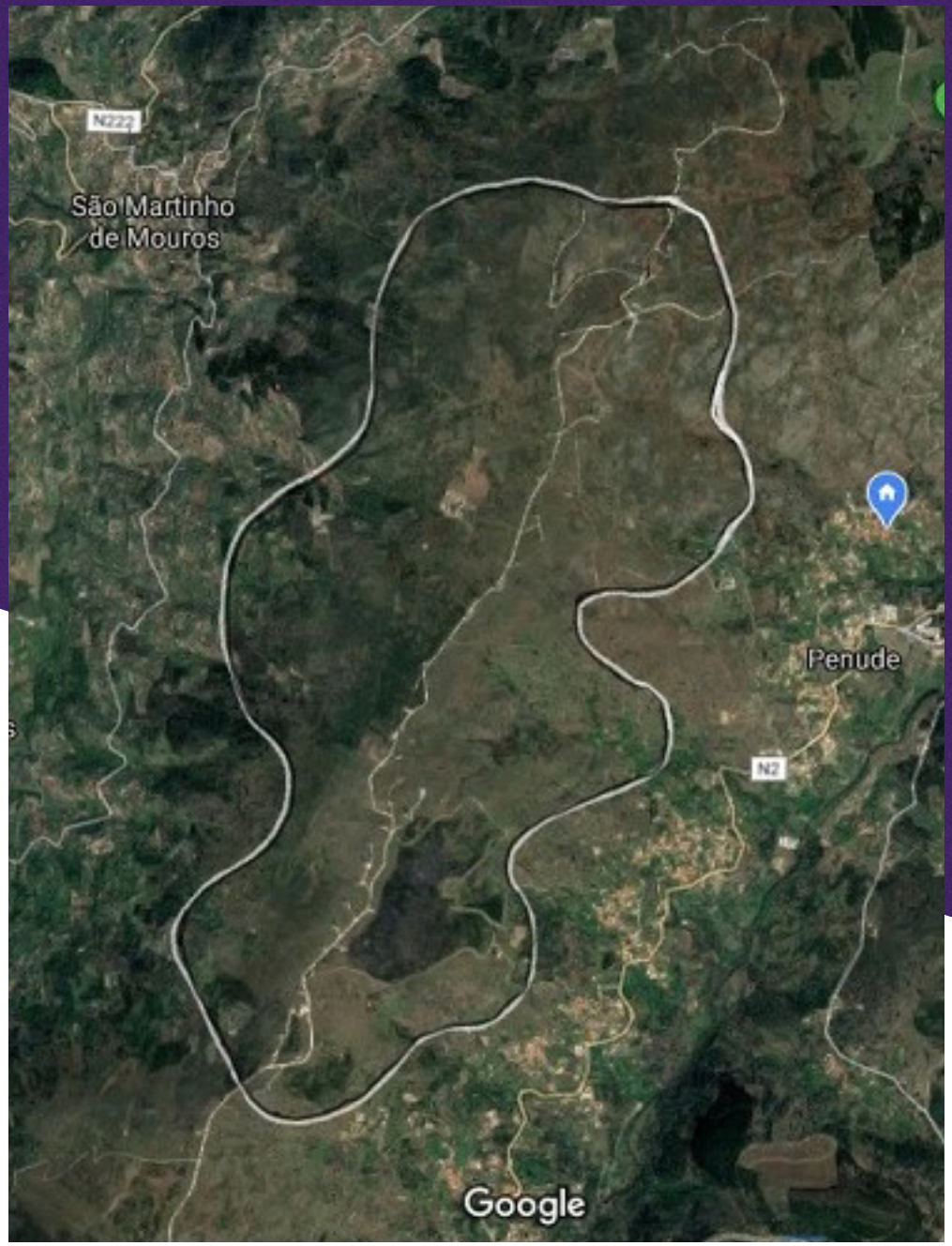


Linhas sem sentido: à deriva pelas montanhas
2020
Fotografia, madeira, pedra, terra
Dimensões variáveis

Linhas sem sentido: à deriva pelas montanhas

Estes projetos foram realizados a partir de um conceito familiar com o movimento da Land Art: olhar para a paisagem como matéria. Neste sentido, desdobrando todas as irregularidades presentes na natureza, encontrar cada detalhe como um princípio de criação: toda uma retórica em ação. Criar um laço necessário com os elementos que têm uma grande carga histórica e que são absorvidos pela natureza ao passar do tempo. E através disso, as estruturas se convertem numa visualização simbólica de uma ação quando entra em jogo com a natureza do espaço e com as suas especificidades.

A ideia é procurar um diálogo que se alimenta das ações, das memórias e da natureza, transformando-as em conceções espaciais. Assim, este conjunto de projetos, se define a partir de um longo processo de registos (diário de campo) e sempre acompanhado por uma mediação sumária de algumas construções que se destacam no espaço físico, concedendo desse modo a escala de representação dos projetos.



Linhas sem sentido: à deriva pelas montanhas | 2020 | fotografia, madeira, pedra, terra | dimensões variáveis

Mónica Perestrelo.

simbolos
escrita
caracteres
memória

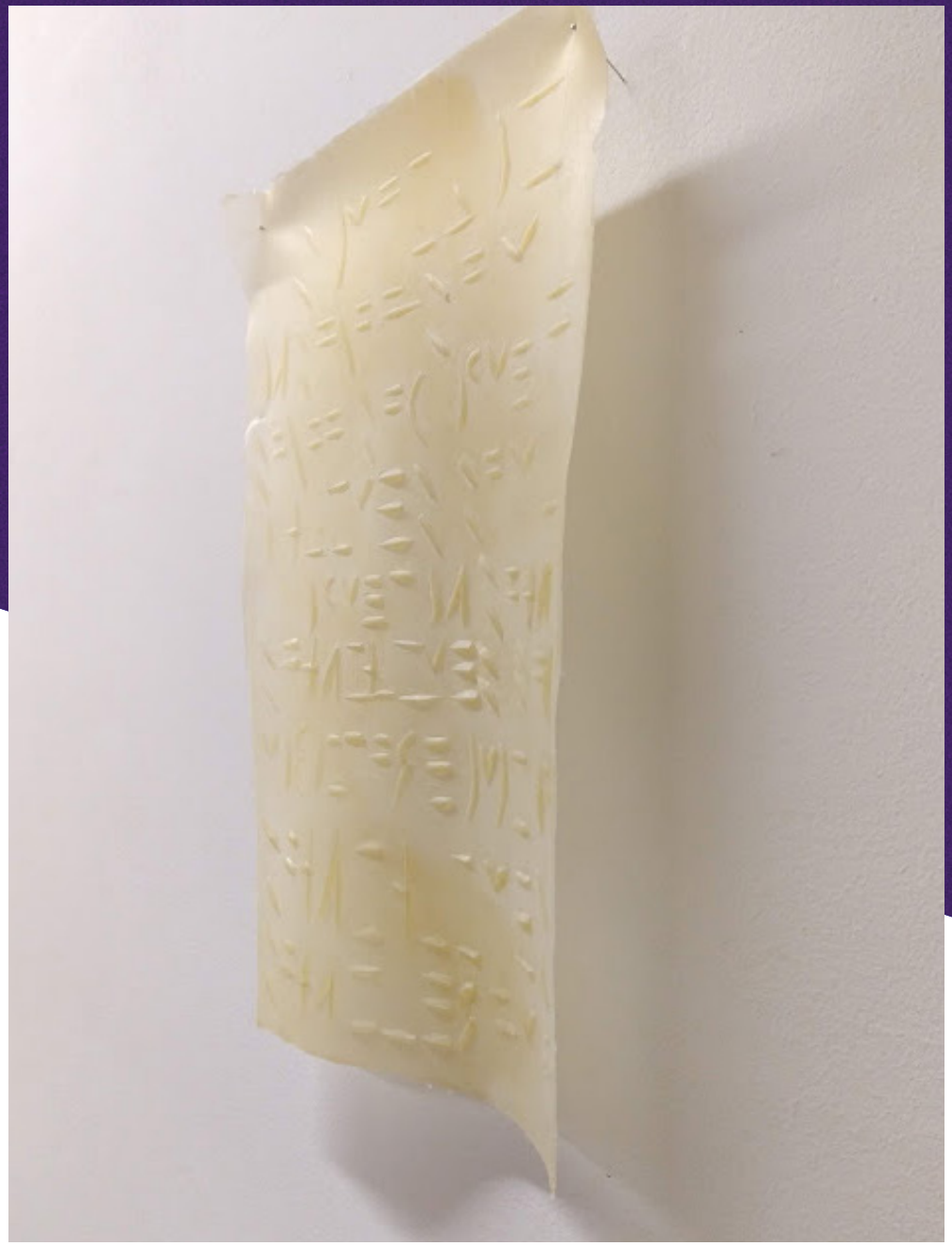
Signos
2020
Cera e latéx
30 x 21 x 1 cm

Signos

Este conjunto de peças partiu de um áudio de uma conversa com a minha avó. Nele, esta explica como vivia na década de 30 e retrata o dia a dia da época. A construção destes objetos surge de uma pesquisa relacionada com os símbolos e caracteres, juntamente com a prática pessoal da escrita.

Este ato de gravar sobre uma matéria vem dos antigos símbolos cuneiformes e do ato de querer representar o mundo através de uma imagem. Os signos, que dão título ao trabalho, e são normalmente associados a uma esfera celeste da astronomia e astrologia, podem também significar sinais ou símbolos de algo, imagens que representam à vista o que é puramente abstrato.

Os materiais aqui utilizados contrastam não só visualmente, mas também no significado. Enquanto que a cera traz características mais rústicas e do passado, onde os traços marcados seguem uma linha de vida dura e difícil, assim como foi a da minha avó, o látex age como uma membrana, leve e delicada, que não deixa transparecer as marcas de outro tempo. Esta pele vem dar vida a recordações distantes, na esperança de perdurarem na memória daqueles que ficam.

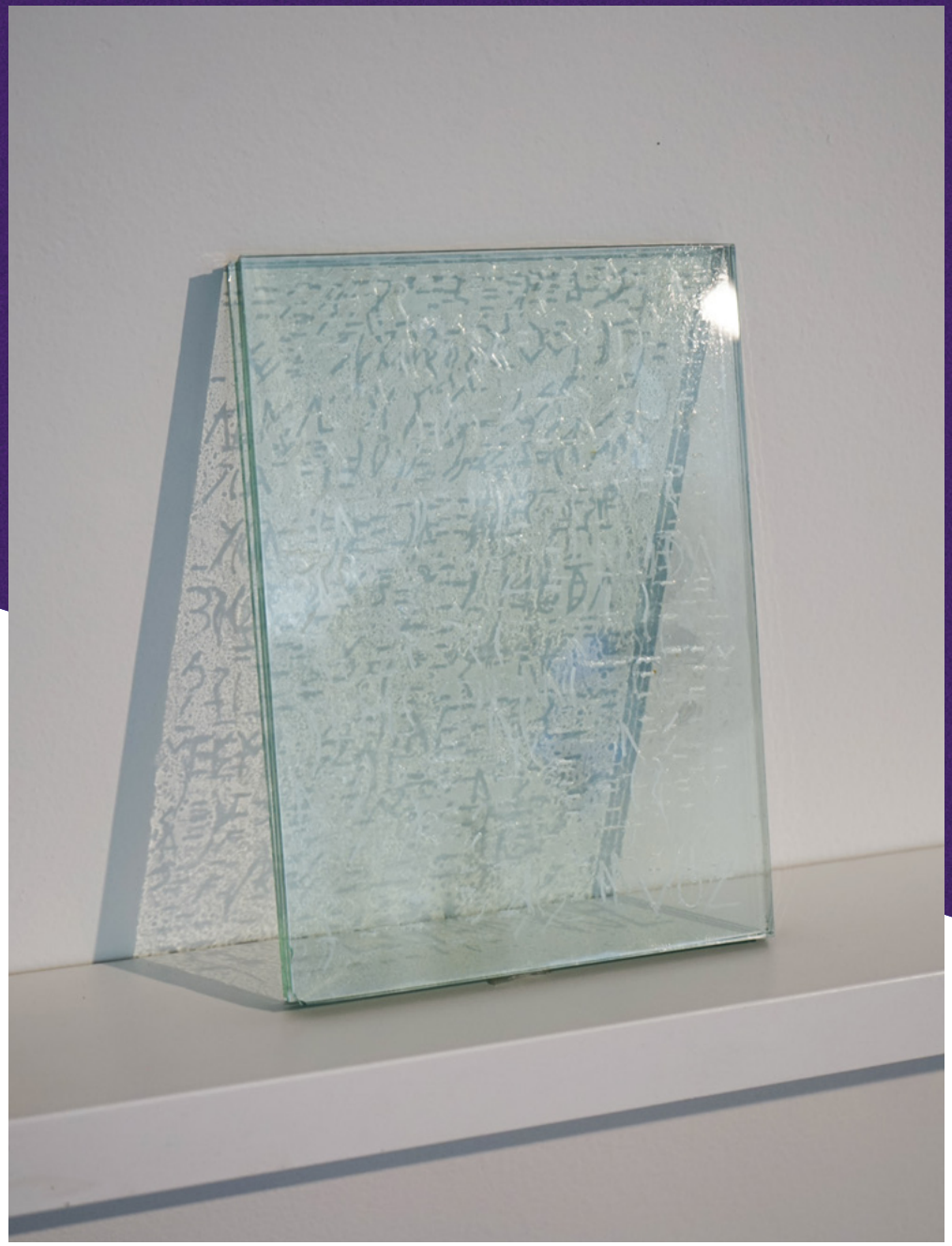


Signos | 2020 | cera e latéx | 30 x 21 x 1 cm

Alma Muda Tem Voz
2020
Vidro de janela 5 mm
Três peças de 22 x 15 x 1,5 cm

Alma Muda Tem Voz

Desde sempre me refugiei na escrita como meio de expressão. De uma forma ambígua, esta mostra- se uma ótima conduta para poder exprimir sentimentos e ideias, mas de outra forma dificulta-me a expressão oral. Muitas vezes, o que sinto quando comunico oralmente, pode ser descrito como uma confusão mental de ideias sem ordem, quase sem rumo, e quando consigo pô-las por escrito tudo parece mais simples. A ideia de desordem vem dar vida à sequência das três peças, projetadas e fundidas a três diferentes temperaturas, transformando a mensagem gravada mais diluída ao ponto de se perder a gravação na transparência do vidro, como se desaparecesse com o tempo, assim como as memórias. A transparência que o vidro carrega dá o efeito de camadas e confusão de palavras encriptadas criando uma desorganização visual que requer uma atenção redobrada para encontrar as palavras-chave presentes nas peças.



Alma Muda Tem Voz | 2020 | vidro de janela 5 mm | três peças de 22 x 15 x 1,5 cm

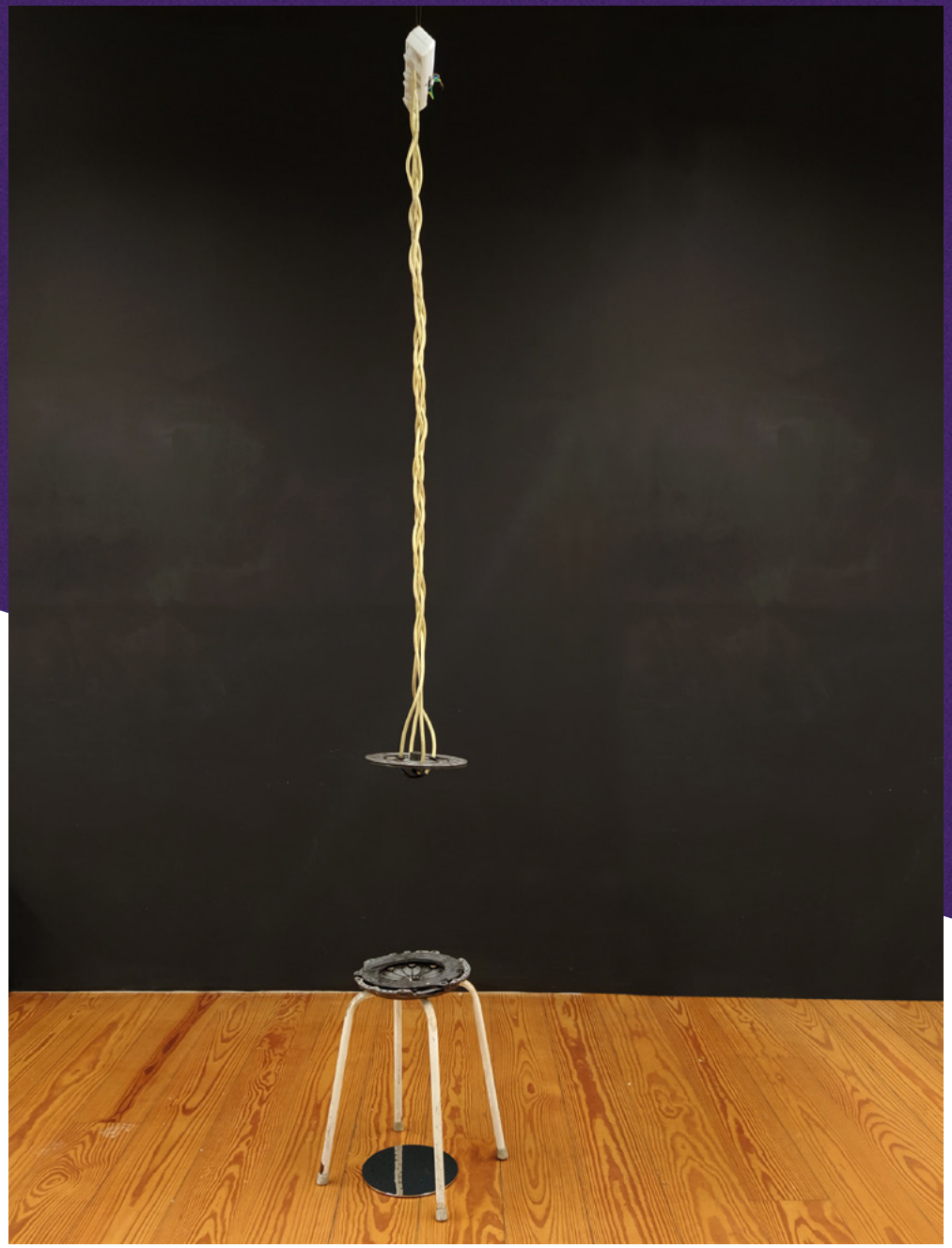
Nery.

apropriação
estrutura
composição
tensão

Assento 5
2019
Composição de objetos
230 x 30 x 30 cm

Assento 5

Este projecto faz parte da série assento. Esta série tem como base objectos que servem para nos sentarmos mas onde essa funcionalidade não nos é possível — uma cadeira, um banco e um banco de engraxar sapatos. Em assento 5, exploro a relação entre uma estrutura de um banco e outros objectos, como fichas eléctricas e os discos de travão de um carro, testando equilíbrios, tensões e simetrias.



Assento 5 | 2019 | composição de objetos | 230 x 30 x 30 cm

Nery<<<
>>>Rita
2020
1-persianas e arame / 50x130x260

Nery<<<
>>>Rita

Para este projecto pedi à Rita que me trouxesse um objecto pessoal sobre o qual eu iria trabalhar. Ela trouxe-me um leque.

Interpretei este objeto através do seu olhar, tentei compreender o objecto em si e o que este podia significar, assim como a razão pela qual teria sido escolhido. Com base nesta análise fiz uma escultura usando os meus próprios objectos, neste caso persianas, criando assim um diálogo entre o objecto oferecido e os meus.

De seguida criei instruções de como fazer a escultura e propus à Rita que as seguisse e fizesse a escultura em sua casa. Fiz vários desenhos da escultura e tatuei um na pele dela de forma a criar uma marca permanente desta experiência.

Este percurso foi registado num livro, que foi oferecido à Rita, de forma a concluir este diálogo e troca de intenções entre nós.

Um especial agradecimento à Joana BC.

Nery<<< >>>Rita | 2020 | 2 - paus e vassouras | 40 x 100 x 150 cm

Nery<<< >>>Rita | 2020 | 3 - tatuagem sobre pele | 8 x 10 cm

Rafa Fernandes.

acaso
ação
corpo

(in>>controlável)

precisar de destruir
ver e despedir
deixar ficar, guardar

este trabalho surge para responder
a uma necessidade de ação

ação de fazer acontecer

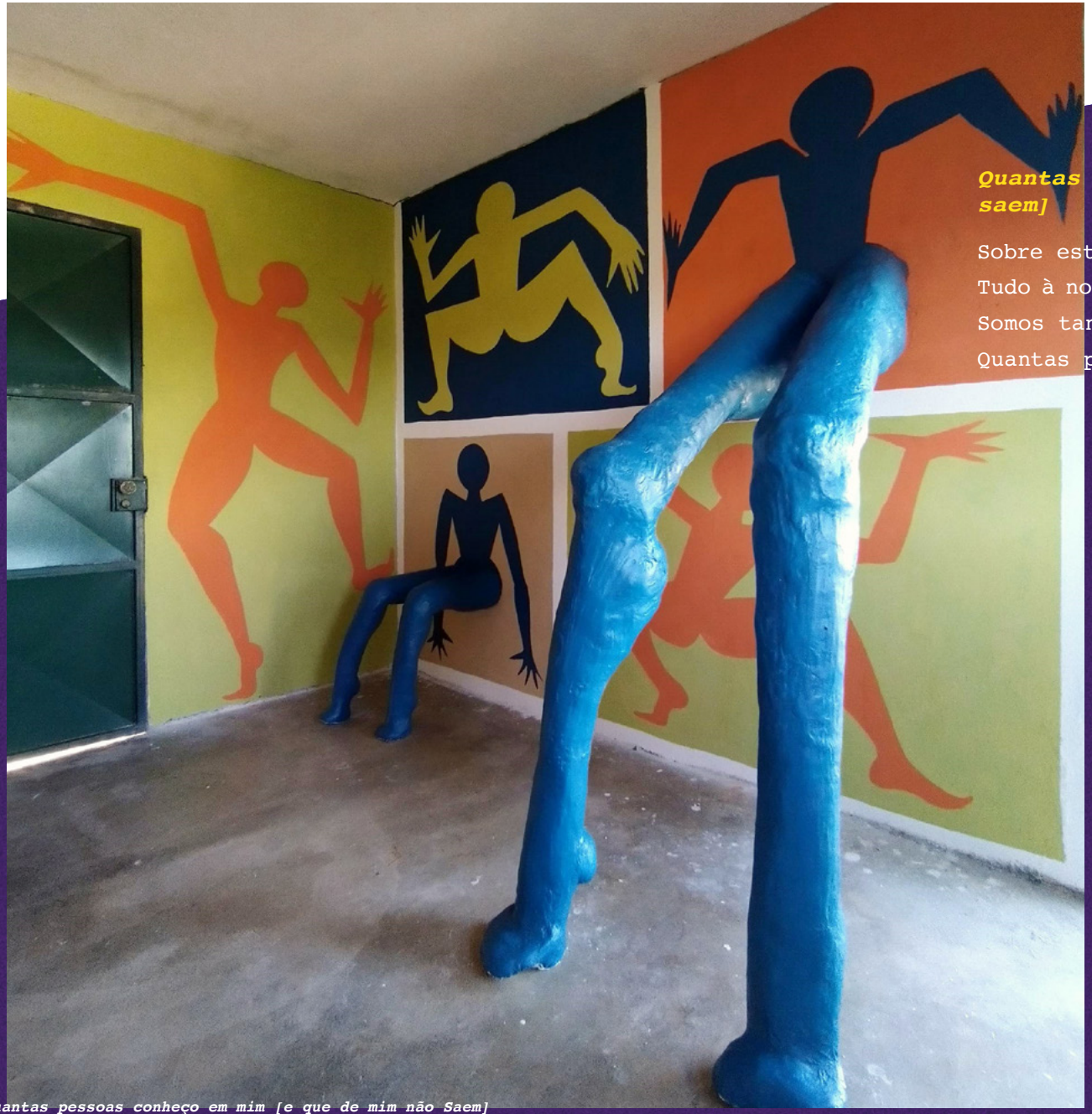
dar a opção de destruição a alguém por
não conseguir fazê-lo por mim

alguém há de ter coragem e tornar o que fiz em algo que não quis

(in>>controlável)
2020
Frame vídeo
Parafina, vidro
Dimensões variáveis

https://vimeo.com/388702598

(in>>controlável) | 2020 | parafina, vidro | dimensões variáveis

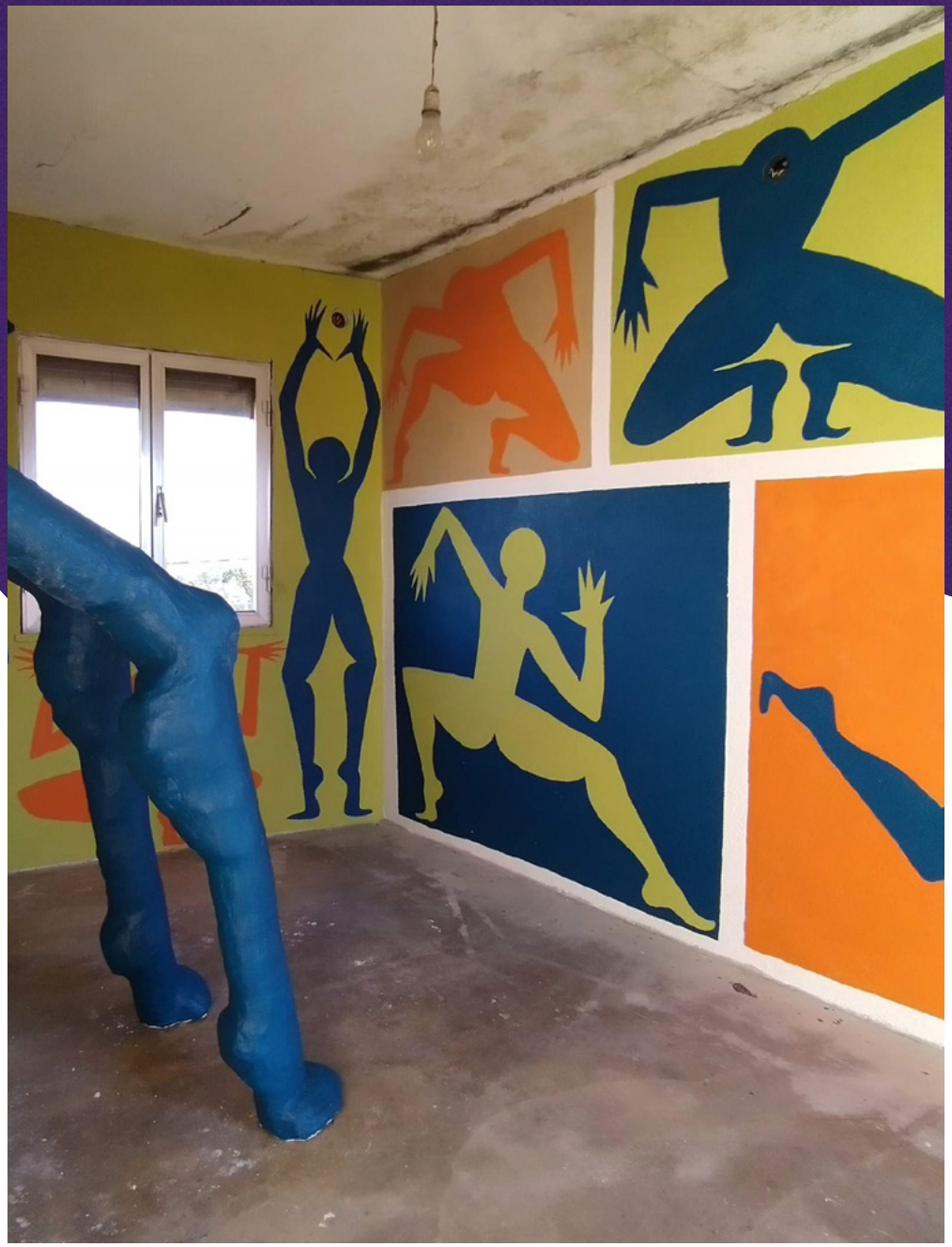


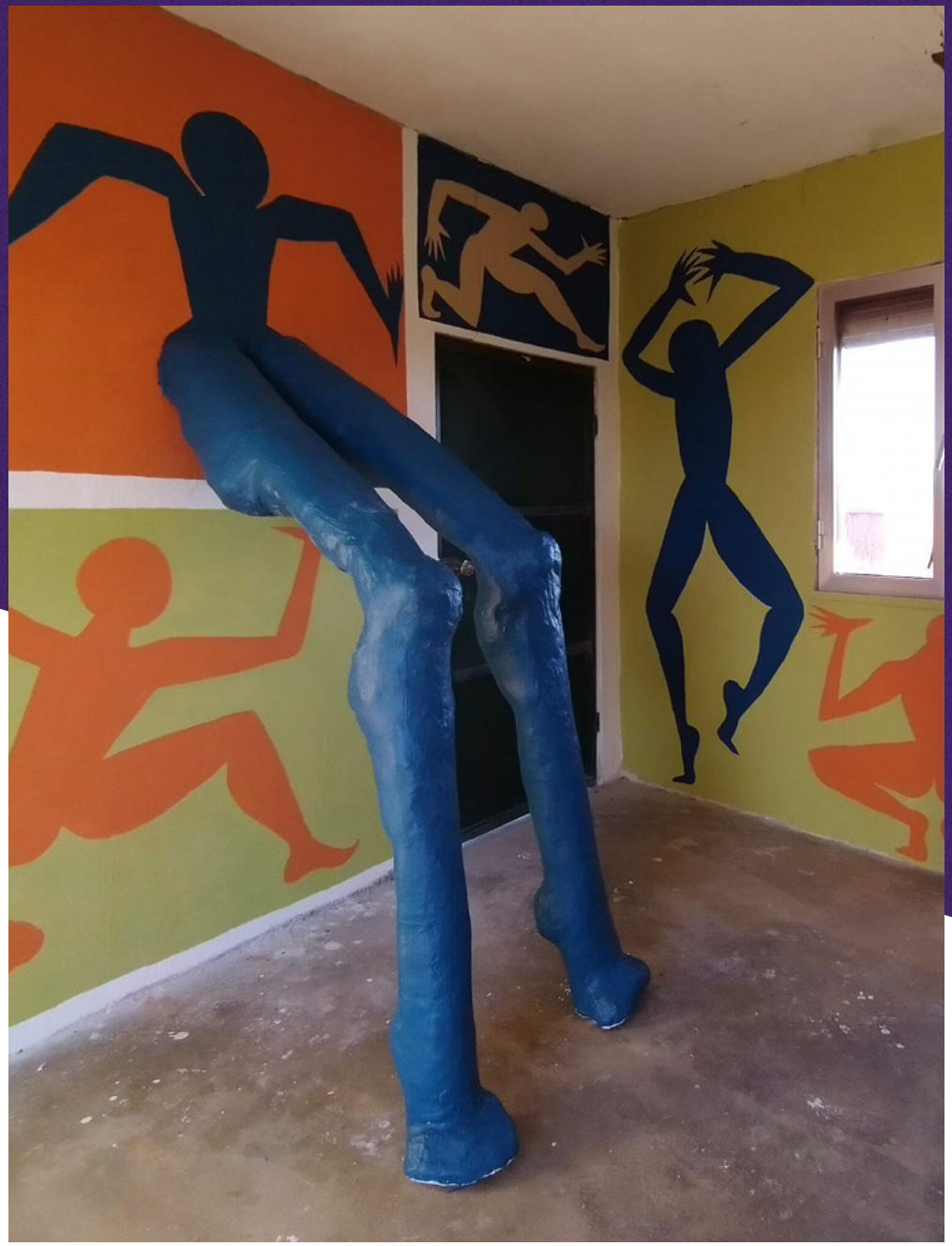
Quantas pessoas conheço em mim [e que de mim não saem]

Sobre estarmos isolados, mas rodeados de nós mesmos.
Tudo à nossa volta somos nós a cuidar do que não queremos
Somos tantos cá dentro (e ficam sempre todos cá dentro)
Quantas pessoas conheço em mim [e que de mim não saem]

Um especial agradecimento à Joana BC.

Quantas pessoas conheço em mim [e que de mim não Saem]
2020
Tinta de água, gesso
240 x 242 x 390 cm





Quantas pessoas conheço em mim [e que de mim não Saem] | 2020 | tinta de água, gesso | 240 x 242 x 390 cm

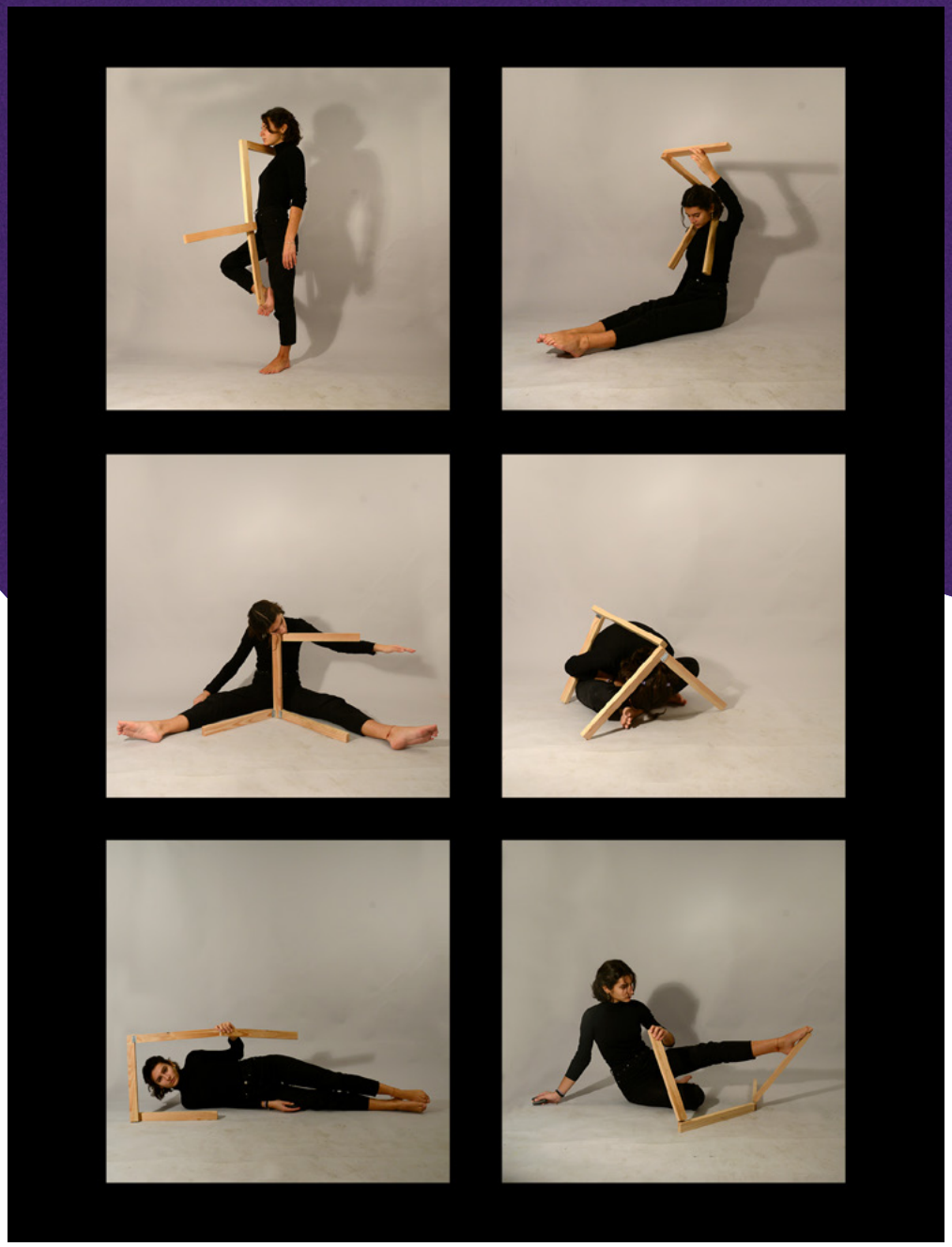
Carolina Mariares.

matéria
corpo
mutabilidade

Enquadrado

Corpo em confronto com a matéria, com a estrutura. A mutabilidade, a portabilidade e a infinidade de organização das peças em relação ao corpo humano. Diálogo entre o artificio(al) e o orgânico, natural. Limites desse mesmo diálogo. Auto-conhecimento e ganho de consciência corporal.

Enquadrado
2019 / 2020
Projeto desenvolvido em programa erasmus
Madeira, dobradiças
4 peças articuladas, cada paralelepípedo de madeira tem 50 x 4,5 x 2,5 cm

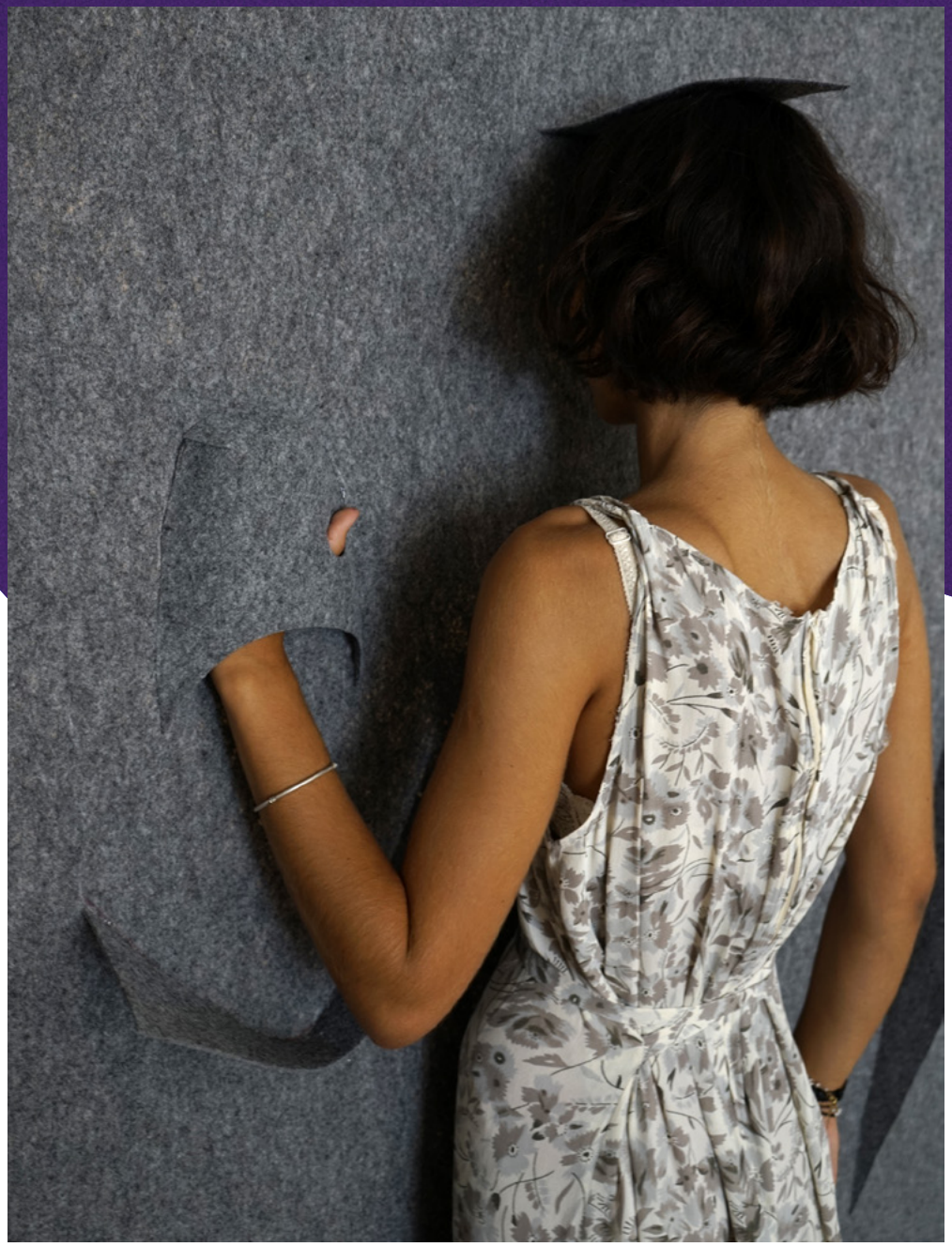


Enquadrado | 2019 / 2020 | projeto desenvolvido em programa erasmus | madeira, dobradiças | 4 peças articuladas, cada paralelepípedo de madeira tem 50 x 4,5 x 2,5 cm

excesso de proximidade oblitera a percepção?

Corpo em confronto com a matéria. O calor, o som. O elemento surpresa. Contacto entre pessoas. Sensações que provêm desse contacto. A interatividade e o diálogo dos corpos.

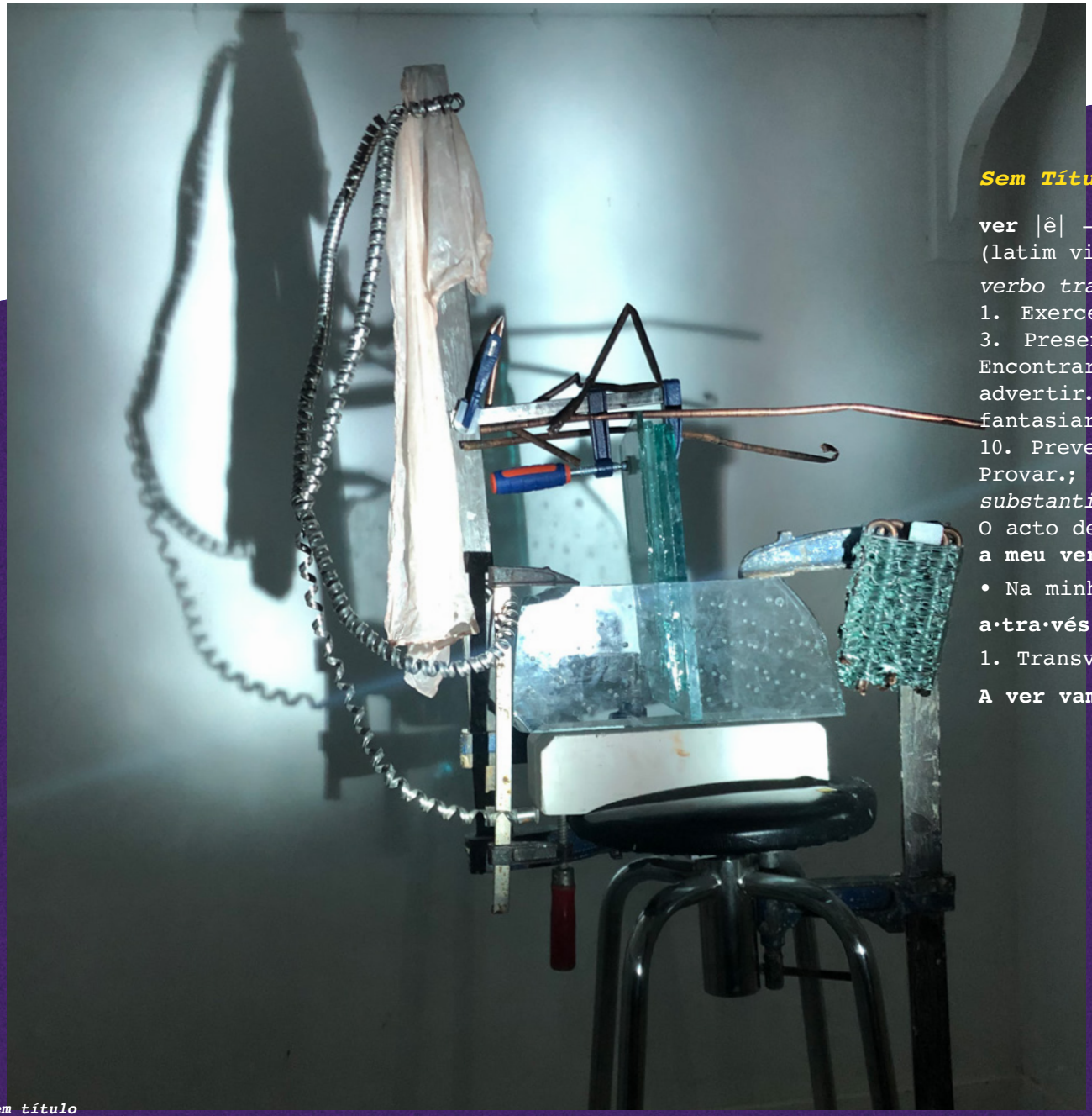
excesso de proximidade oblitera a percepção?
2020
Parede simétrica de feltro, madeira
200 x 300 x 30 cm



excesso de proximidade oblitera a percepção? | 2020 | parede simétrica de feltro, madeira | 200 x 300 x 30 cm

Salomé Santos.

composição
espaço
conforto visual
inacabado



Sem título
2019
Vidro reciclado, resistências metálicas, banco, latex, grampos
100 x 100 x 150 cm

Sem Título

ver |ê| - Conjugar
(latim video, -ere)

verbo transitivo

1. Exercer o sentido da vista sobre.; 2. Olhar para.; 3. Presenciar, assistir a.; 4. Avistar; enxergar.; 5. Encontrar, achar, reconhecer.; 6. Observar, notar, advertir.; 7. Reparar, tomar cuidado em.; 8. Imaginar, fantasiar.; 9. Calcular, supor; ponderar, inferir, deduzir.; 10. Prever.;11. Visitar.;12. Escolher.; 13. Percorrer.;14. Provar.; 15. Conhecer.; 16. Olhar-se.; 17. Encontrar-se. *substantivo masculino*; 18. Parecer; juízo; opinião.; 19. O acto de ver.

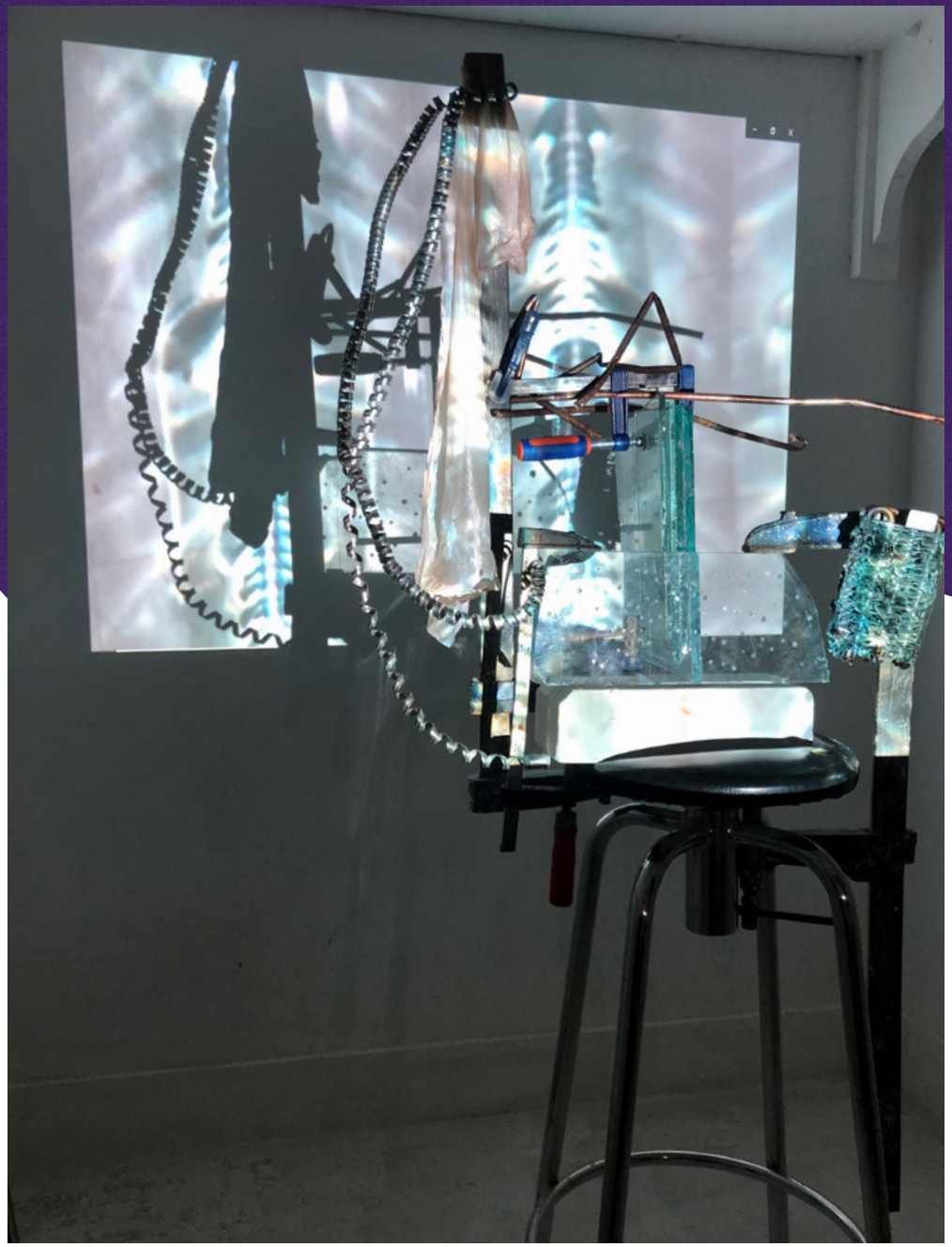
a meu ver

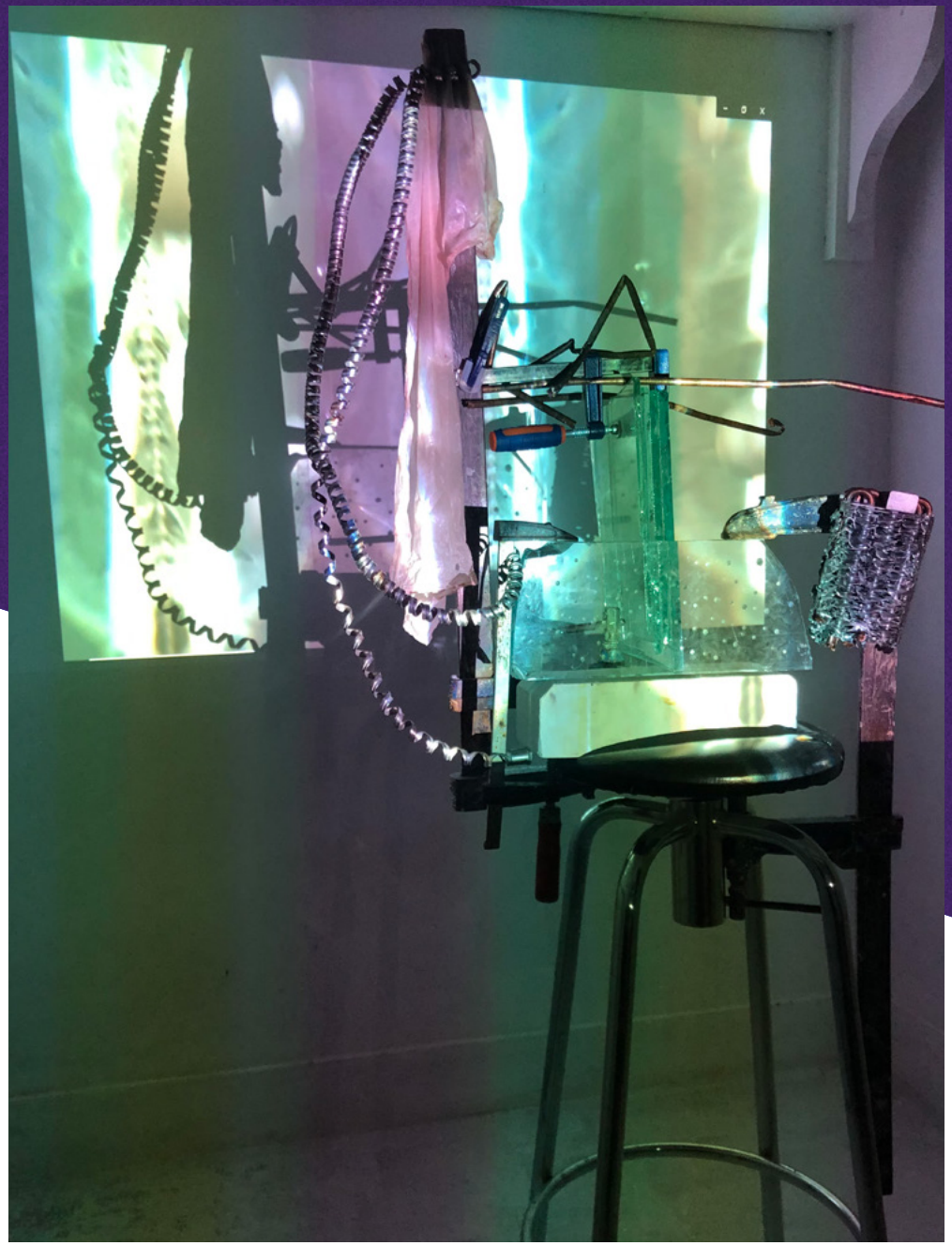
• Na minha opinião.

a·tra·vés (advérbio)

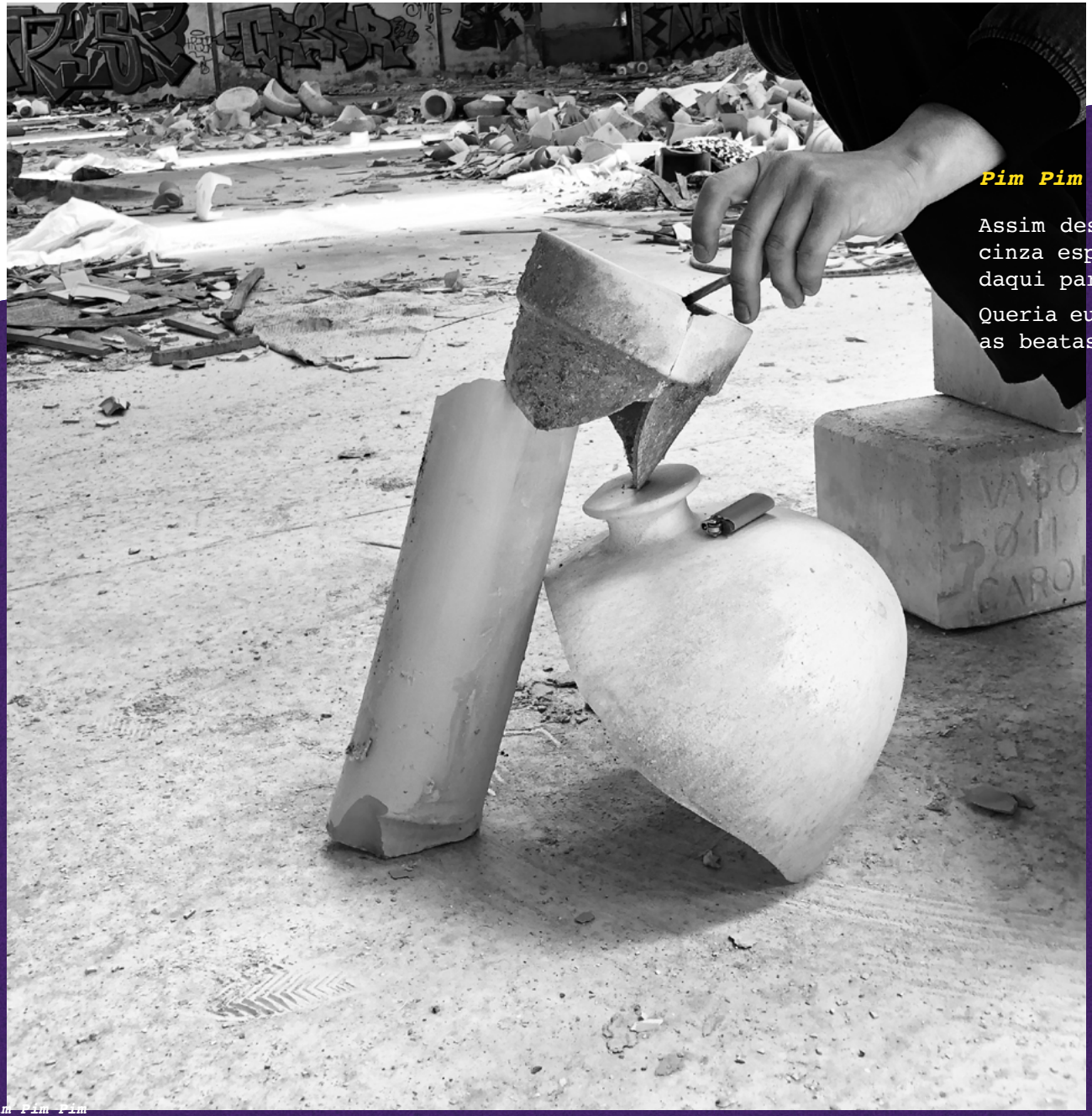
1. Transversalmente.; 2. De lado a lado.

A ver vamos através de...





Sem Título | 2019 | vidro reciclado, resistências metálicas, banco, latex, grampos | 100 x 100 x 150 cm



Pim Pim Pim
2020
Vaso de barro, tarolos de barro seco, moldes cerâmicos
50 x 50 x 50 cm

Pim Pim Pim

Assim desse jeito deixas umas beatas no chão! Deixas a cinza espalhada, uns tags na parede, e eu que os acarte daqui para fora!

Queria eu conhecer esta fabrica e os seus cinzeiros como as beatas conhecem o chão...

Pim Pim Pim | 2020 | vaso de barro, tarolos de barro seco, moldes cerâmicos | 50 x 50 x 50 cm

Sandra Alexandre.

origem
espaço
percurso

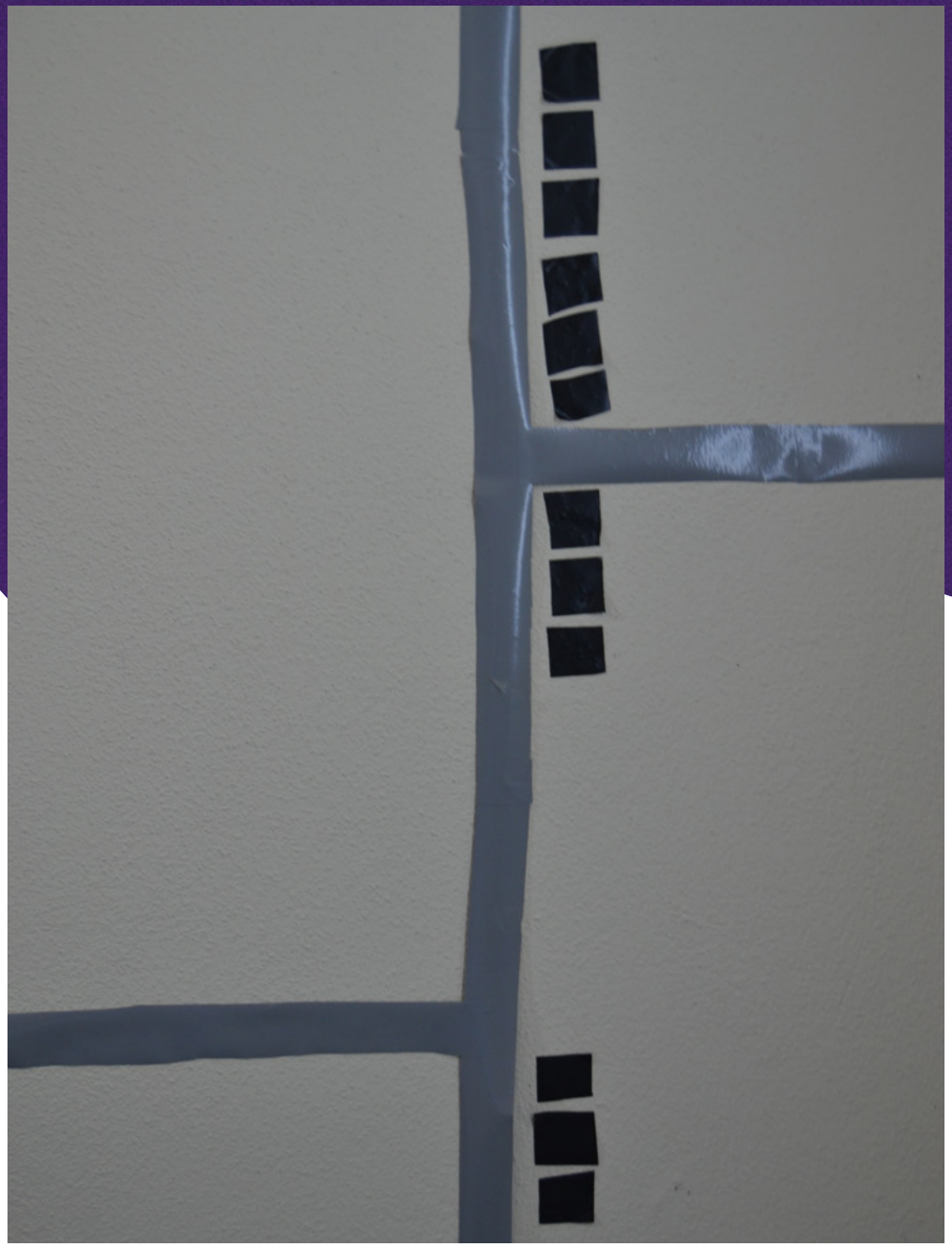
Deriva (2)
2019 / 2020
Papel autocolante sobre parede
Dimensões variam consoante o local

Deriva (2)

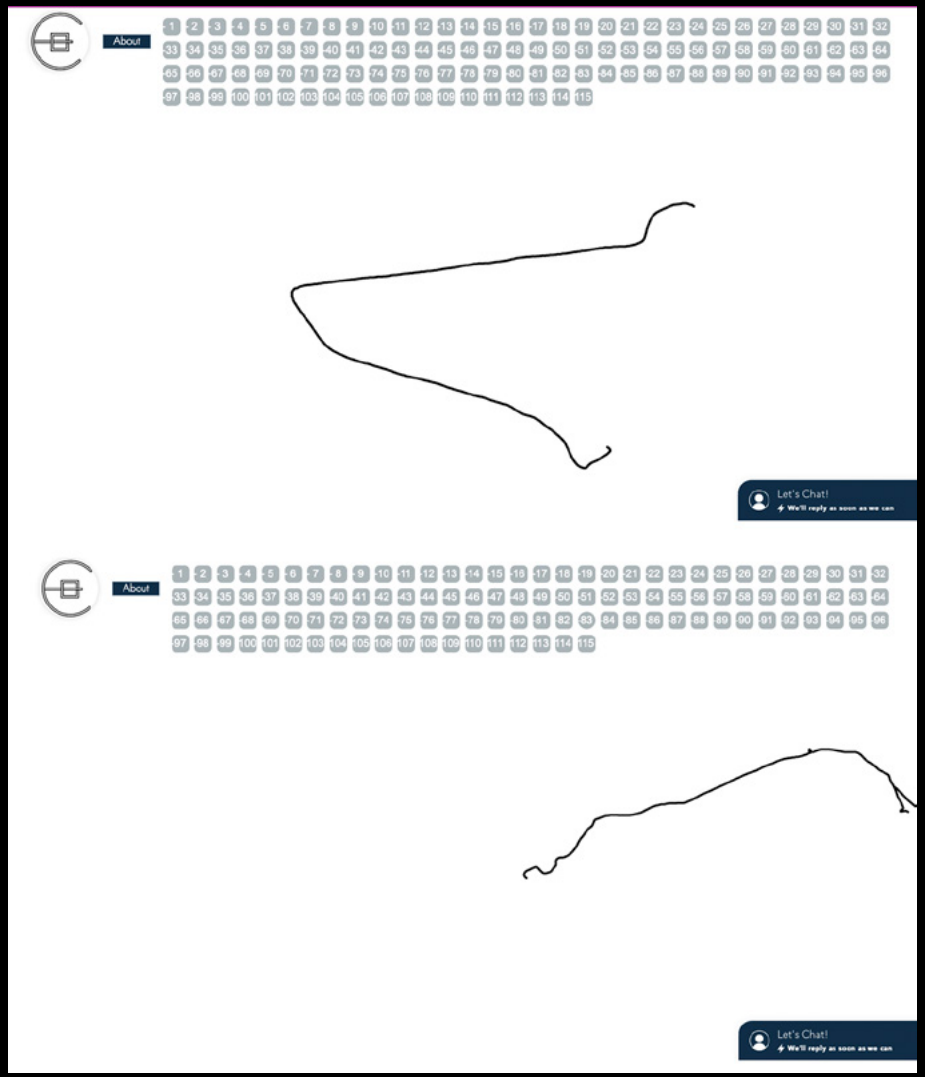
Os espaços urbanos são extremamente ricos, no entanto é comum atravessá-los sem tempo para libertar a mente e os desfrutar. Foco-me no espaço onde cresci, numa tentativa de o ver de verdade, de encontrar algo novo.

Com o conceito de Psicogeografia e Teoria da deriva de Guy Debord em mente, vagueio pelas ruas sem rumo definido, recolhendo tudo aquilo que considero interessante, anotando e traçando os caminhos percorridos. A análise é feita posteriormente onde jogo com as informações recolhidas e crio relações entre as mesmas.

Invado o espaço com os meus percursos, com os mapas que deles derivam. Os caminhos são traçados pelas paredes, tecto e chão, comandam as superfícies e ganham novas entonações dependendo do espaço que habitam.



Deriva (2) | 2019 / 2020 | papel autocolante sobre papel | dimensões variam consoante o local

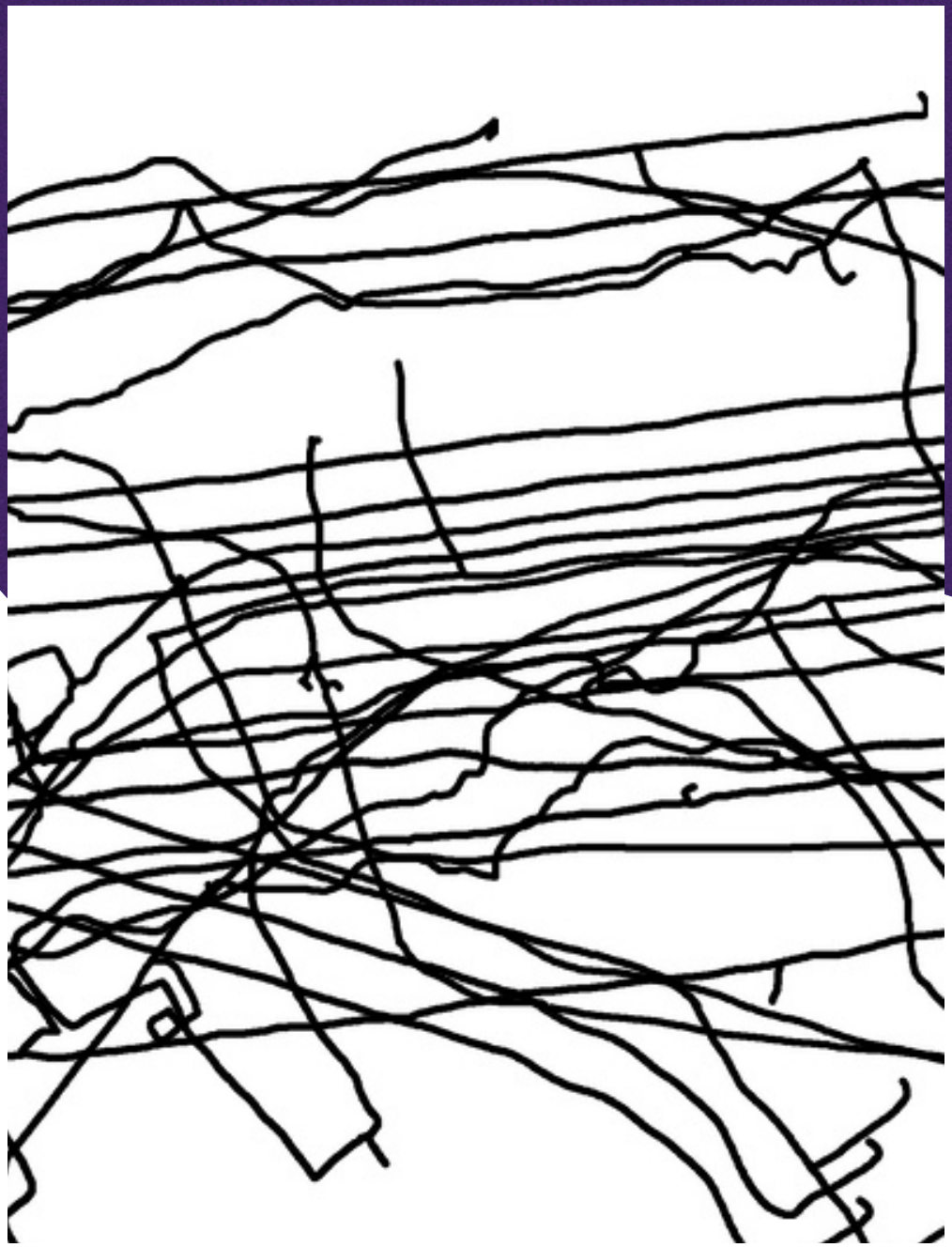


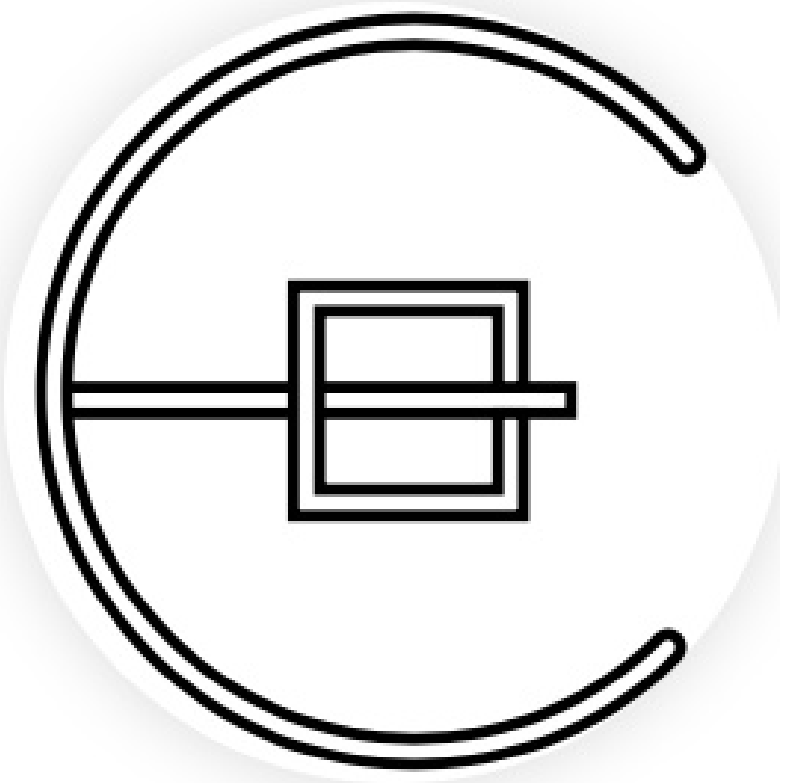
Contra-Deriva

Confrontados com a situação actual do mundo, fomos obrigados a reestruturar os nossos hábitos. Não há derivas numa pandemia, todos os nossos percursos são meticulosamente ponderados e reduzimos ao máximo as nossas saídas. Assim, traço as contra-derivas diárias, e coloco-as em contraste com os muitos espaços vazios que correspondem aos dias de confinamento.

Contra-Deriva
2020

contraderiva.wixsite.com/mysite





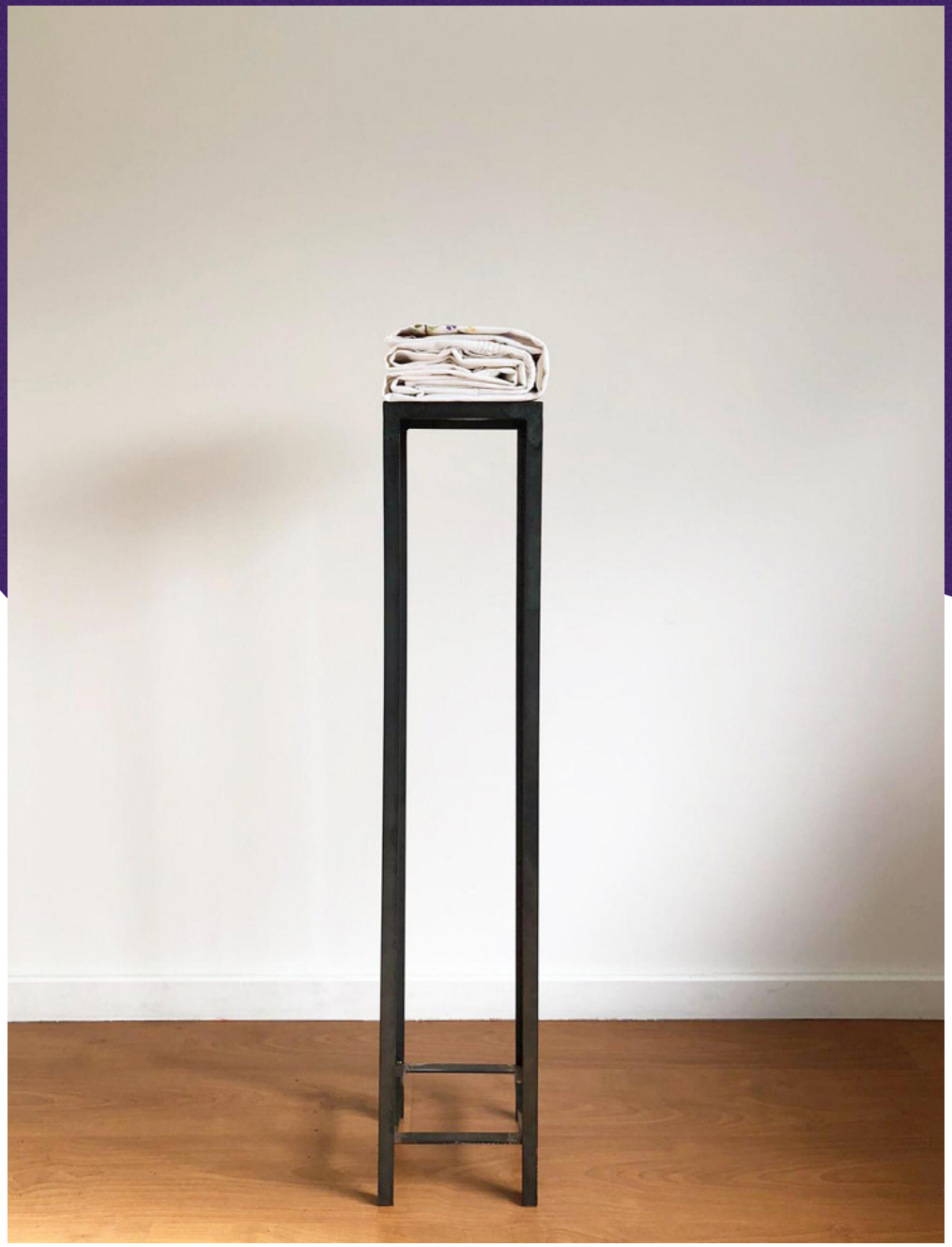
Toni de Faria Machado.

deslocação
tradição
Alentejo
relação

O Nosso Lençol Não É Nosso
2020
Bordado sobre lençol
237 x 171 cm

O Nosso Lençol Não É Nosso

Numa mudança de vida, onde tudo o que temos como a casa, a família, os amigos, as relações, ficam para trás, o que nos fica é agarrar as memórias e os objectos que nos lembram essas vivências. Ao longo do ano, uma das minhas maiores preocupações foi a relação com o companheiro que tinha, se viria comigo, se estaria disposto a mudar e deixar tudo. Com este medo, surgiu a ideia de representar num lençol a relação sexual, uma vez que é dos momentos mais livres e marcantes num namoro. Poder entregar e ser entregue. Este lençol é estranho aos dois, é a novidade e o desconhecido como poderia ter sido o Alentejo para os dois, e veio de uma loja de segunda mão, portanto poderá ter feito parte de um enxoval alheio. Este lençol é o que guardo da relação, como uma memória que se torna imaculada, substituindo o corpo que não terei ao meu lado, reconfortando-me.



O Nosso Lençol Não É Nosso | 2020 | bordado sobre lençol | 237 x 172 cm

Já Nada É Dourado Como Sempre Quis
2020
Bordado de algodão sobre linho, borlas em algodão
136 x 38 cm

Já Nada É Dourado Como Sempre Quis

O meu trabalho sou eu e está representado por um corpo-presente ausente, e partindo deste princípio, senti a necessidade de criar um trabalho onde expresse o fracasso da minha relação. Nele mostro que consumi todo o amor e não restou nada, exceto as memórias, onde "já nada é dourado como sempre quis". Colho todo o amor que resta, e mesmo que fiquem sementes ou se tente replantar, os melros acabam por aniquilar essa possibilidade. O campo continua fértil mas as sementes já não rebentam. Deste campo apenas restam os espetos das espigas, que me magoam ao correr sobre ele, ao sair dele. Uma relação tem os seus problemas e encará-los é a parte mais complicada, é magoar-nos a nós acima de magoar o outro. O alforge é um elemento muito característico do sul do país, geralmente usado por homens e carregado ao ombro, tendo as bolsas junto ao peito e às costas, é como uma segunda camada que abraça o corpo, é próximo à pele.

Já Nada É Dourado Como Sempre Quis | 2020 | bordado de algodão sobre linho, borlas em algodão | 136 x 38 cm

Leonor Ferreira.

eu interior
multissensorial
pele
confinamento

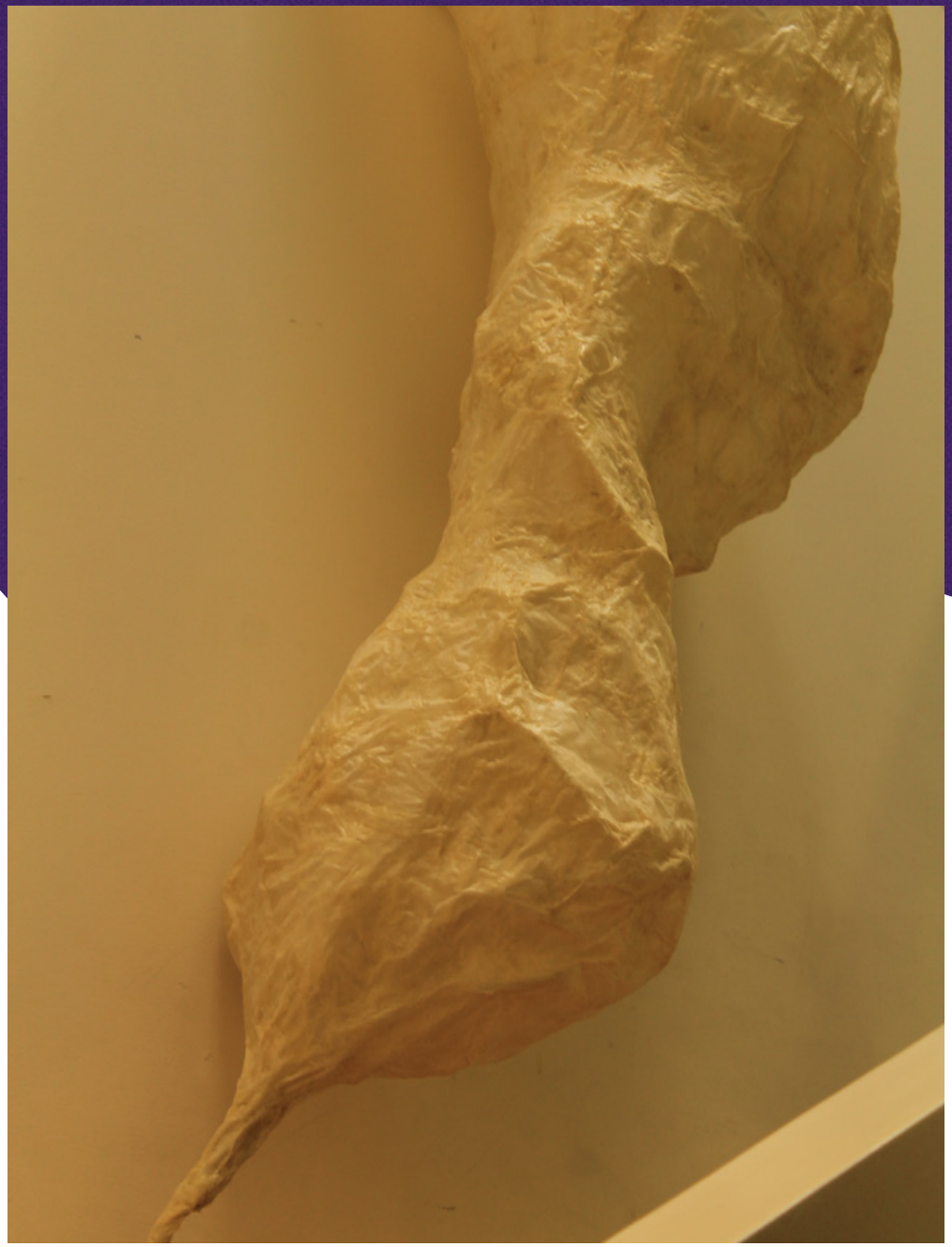
Morfo
2020
Cera de abelha, tule, arame de alumínio, resistência
250 x 90 x 80 cm

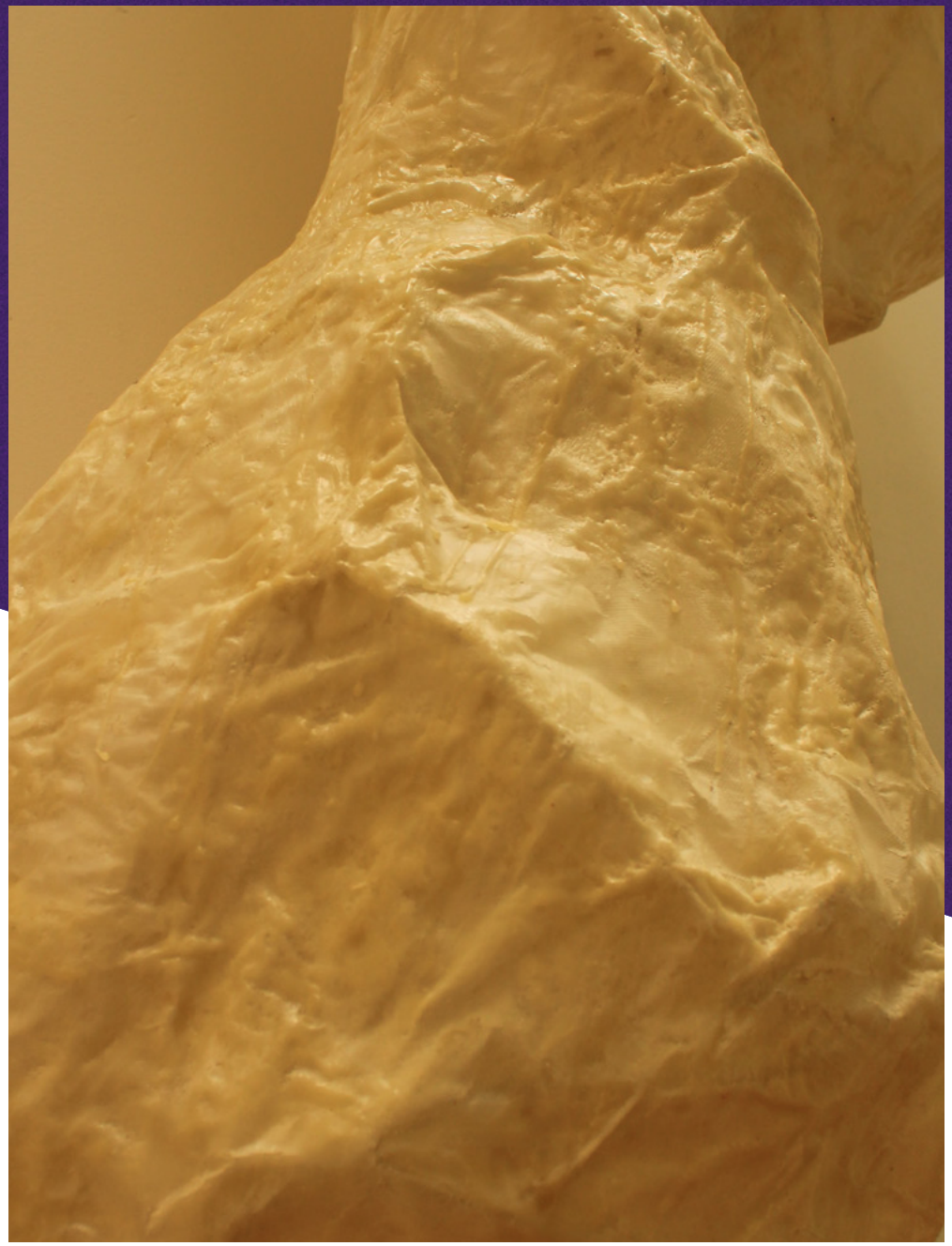
Morfo

Através de materiais que suscitam a organicidade, nasce um organismo vivo oculto e resguardado, que espelha o eu interior. A sua posição no espaço, o meio envolvente e o espetador participam todos numa relação de co-dependência. O sentimento de espaço está ligado ao Eu, o Eu que está em relação perpétua com o exterior.

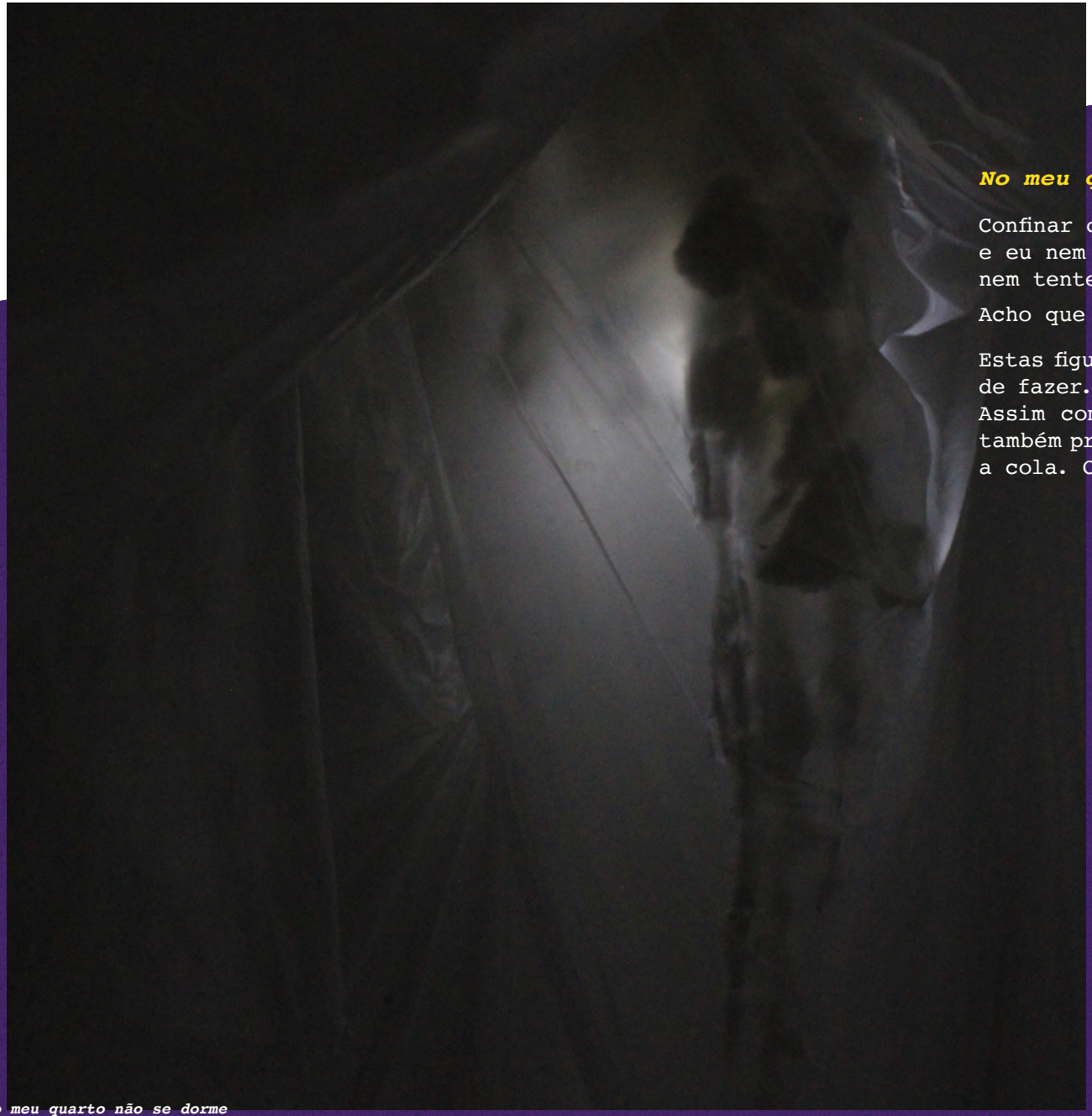
Apela-se à aproximação, ao desejo indiscreto de descobrir mais, de sentir. Conjuntamente, criam-se relações espaciais pessoais e íntimas com o objeto e ampliam-se e expandem-se os sentidos de contacto. A pele está aqui igualmente representada como o elemento que se transforma e que dá forma, o abrigo protetor e confiante, a barreira entre o interior e o exterior. Funciona como uma poderosa metáfora para a consciência, o começo do conhecimento, o momento em que o Eu entra no mundo da mente.

A forma embrionária representa algo que se encontra em fase de desenvolvimento e a materialidade desvenda a sua organicidade e revela a presença de um organismo que é interiormente ativo. Para além de ser uma delicada barreira entre o interior e o exterior, a pele, transforma-se e dá forma. A combinação entre o calor deste corpo e a sensualidade da pele remete à intimidade.





Morfo | 2020 | cera de abelha, tule, arame de alumínio | 250 x 90 x 80 cm



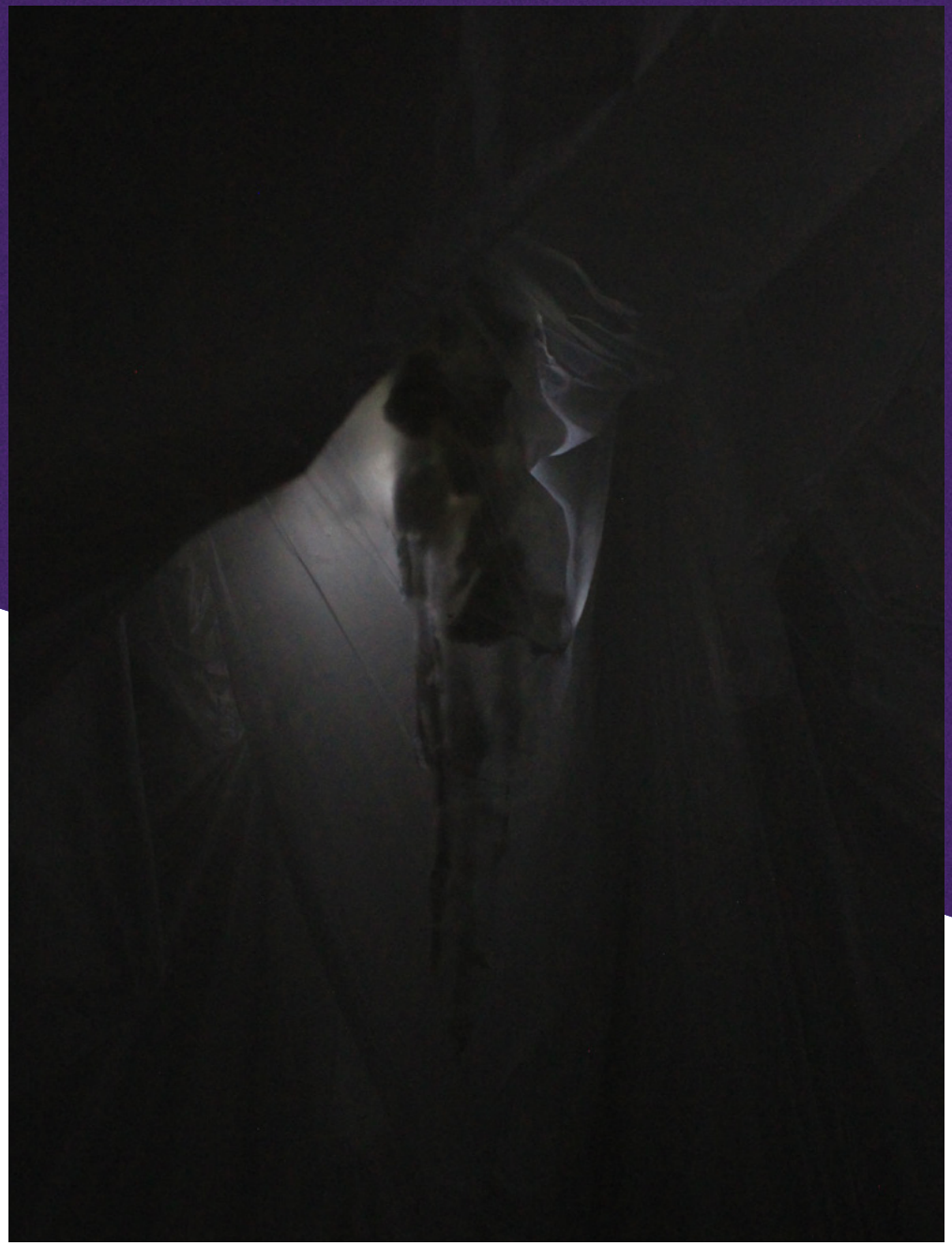
No meu quarto não se dorme
2020
Algodão, cola branca, plástico
4 objetos com cerca de 20 x 30 x 50 cm

No meu quarto não se dorme

Confinar dentro do confinamento. Em vez de ressonar pinga e eu nem sei o que prefiro. Só sei que é contagioso e eu nem tentei impedir o contágio.

Acho que me estou a escoltar por dentro.

Estas figuras nasceram do ato inconsciente de querer e ter de fazer. Com o pouco que tinha começaram a ganhar vida. Assim como eu tenho o meu espaço de confinamento, elas também precisavam. Pingavam a noite toda e cheiravam muito a cola. Contaminei-as, mas elas também me contaminaram.



No meu quarto não se dorme | 2020 | algodão, cola branca, plástico | 4 objetos com cerca de 20 x 30 x 50 cm

Rita Rodrigues.

pintada
fantochada
bonecada
palhaçada

As Meninas.

< nós >

Não falo sem ti.
Quando o faço engasgo-me,
Prende-se-me a fala.

Mexemo-nos juntas, paramos em sintonia. Começo a desconfiar a tua existência. E a minha.

– Algum vómito. Tempo de trovão estraga a sopa.
É mau Rita, é mau.

As Meninas.
2020
Linho, barro, fibras sintéticas
40 x 35 x 20 cm

https://youtu.be/X5weK1sCgA4

As Meninas | 2020 | linho, barro, fibras sintéticas | 40 x 35 x 20 cm

Dos que esperam.
2020
Barro, material têxtil, alumínio, gesso
80 x 47 x 47 cm

Dos que esperam.

<alguns arlequins. Entre eles uma joana e duas catarinas>

Pratica os movimentos até a a dança te parecer natural. Dança como respiras: sem esforço.

Enfim tornas-te na própria melodia, livre.

Tão livre como quem te puxa as cordas. Porque sem esses não haveriam movimentos, entendiam-te cativo.

Pensa-te livre. Relembra-te marioneta, do tempo, dos lugares.

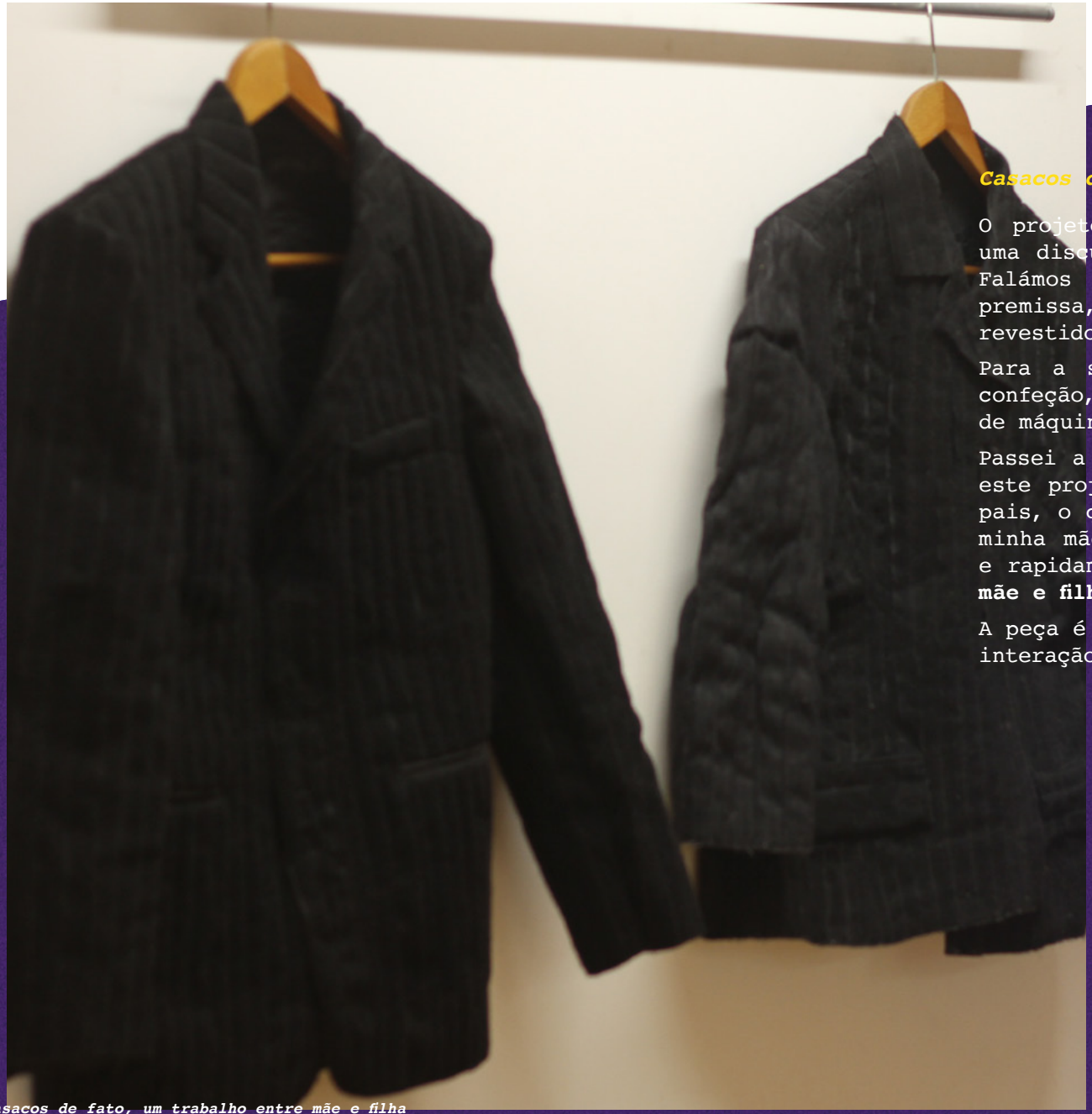
Se pensares numa laranja deixas de soluçar.

Um especial agradecimento à Joana BC
e aos que os pegaram ao colo.

Dos que esperam. | 2020 | barro, material têxtil, alumínio, gesso | 80 x 47 x 47 cm

Catarina Vilaça.

fatos
linhas
amore
posições



Casacos de fato, um trabalho entre mãe e filha
2019
Velcro
Vídeo-performance

Casacos de fato, um trabalho entre mãe e filha

O projeto surgiu de uma conversa entre dois amigos, uma discussão de ideias entre mim e o Gil Monteverde. Falámos na ideia de usar velcro e eu, pegando nessa premissa, comecei a confecionar dois casacos de fato revestidos com ele.

Para a sua elaboração foi necessário trabalhar numa confeção, felizmente a minha mãe tem uma em casa, cheia de máquinas que pude usar.

Passei a fazer viagens a casa mais recorrentes durante este projeto, o meu atelier tornou-se a casa dos meus pais, o que me obrigou a passar lá muito mais tempo. A minha mãe voluntariou-se a ajudar-me no processo todo e rapidamente **tornou-se num trabalho de parceria entre mãe e filha.**

A peça é um vídeo-performance onde demostramos a nossa interação com eles.

Casacos de fato, um trabalho entre mãe e filha | 2019 | velcro | vídeo-performance | dimensões variáveis

Projeto de Quarentena
2020
Fato de proteção e linhas

Projeto de quarentena

Confinada, confinada, coser, coser, gravar.
Proteger-me, proteger-me
Pessoas de risco não podem sair de casa
Rasgar, rasgar
Desprotegida
Proteger
Proteger

Março
Abril
Maio
Junho
proteger
proteger

Um pouco por dia, todos os dias, todas as semanas, durante toda a quarentena.

Projeto de Quarentena | 2020 | fato de proteção e linhas

Diana Sapudo.

memória
repetição
temporalidade
corpo: ausente - presente

Nódoa Doce
2020
Açúcar, linho, tinta acrílica e pó de talco
Manta: 100 x 220 cm
Almofada: 40 x 40 cm

Nódoa Doce

Um pó temporal e uma ausência de ti na cadeira.
Uma cadeira que sustentava o teu calor.
Um calor coberto pela manta sobre as tuas pernas.
Sobre o teu corpo à medida que criavas novos corpos.
Um pó temporal e uma memória sobre ti.
Sobre a nossa origem e sobre o nosso amor sem fim.

Nódoa Doce | 2020 | açúcar, linho, tinta acrílica e pó de talco | manta: 100 x 220 cm | almofada: 40 x 40 cm

A Saturação do Sentir

O puro é invadido. Um toque contagioso.

Um saco arrebenta e a acumulação transborda através da nossa pele.

À deriva de um alívio, apenas resta a saturação de emoções.

Um líquido que representa um corpo novo. Um corpo evaporado. Ausente.

À deriva de um alívio. Resta uma mancha à procura de um recomeço.

A Saturação do Sentir
2020
Sacos de chá
0,05 x 104 x 114 cm

A Saturação do Sentir | 2020 | sacos de chá | 0,05 x 104 x 114 cm

Catarina Farhat.

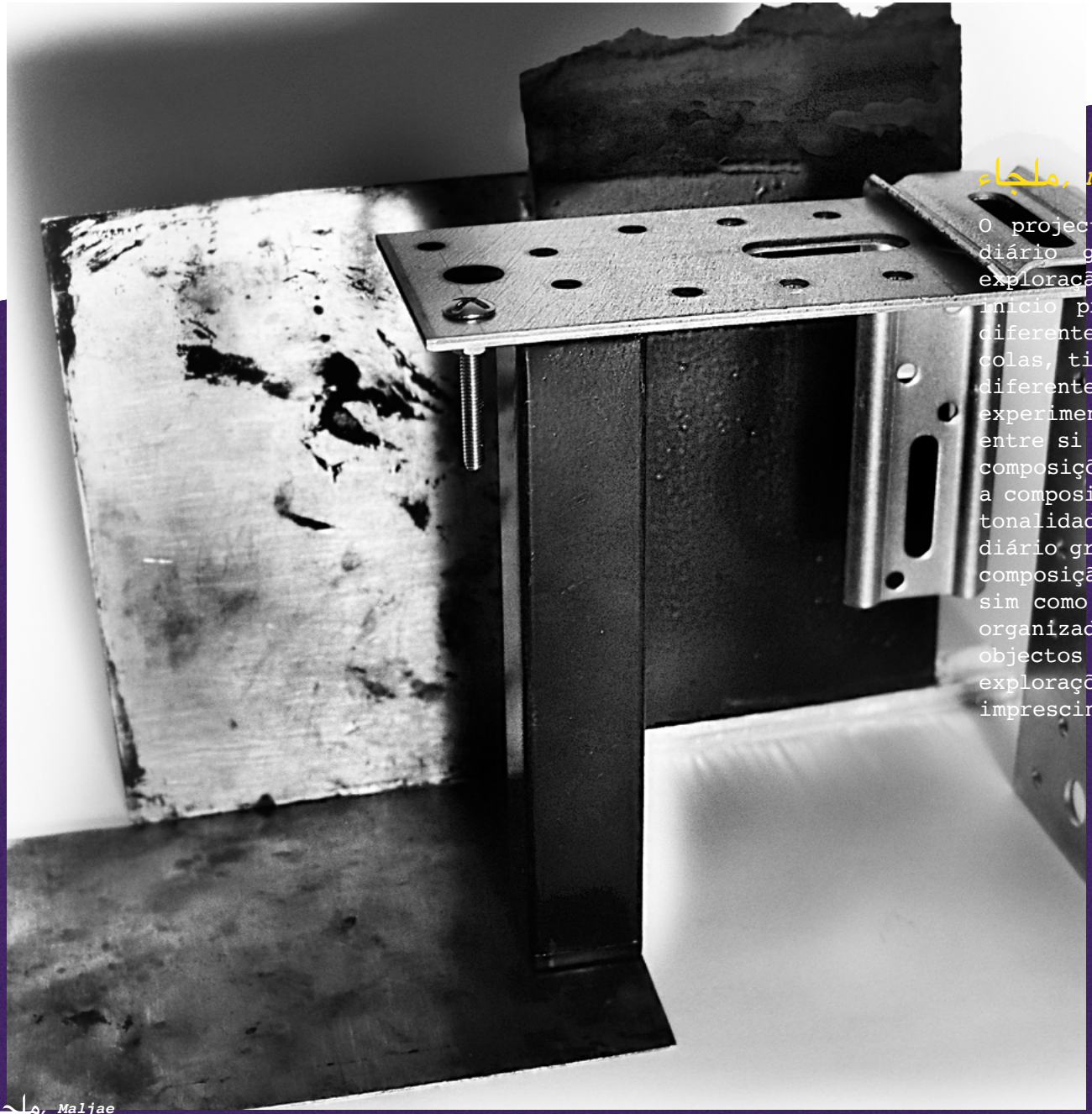
composição
mutável
planos
modelar
estruturas

Anomia
2019
Placa de Gesso, Papel, Fibra de vidro, Vedação em Ferro
130 x 160 cm

Anomia

O projecto desenvolvido tem como ponto de partida uma série de trabalhos realizados em diários gráficos no qual o ponto fulcral é o processo e a experimentação, aglutinando todos os elementos de interesse e a materialização de essas imagens num registo tridimensional. Todo este processo tem como fim a procura de formas, elementos, sobreposições, o comportamento dos materiais separados e juntos, criando algo que reflete series de elementos de mim, para mim. O que foi realizado neste projecto é esse mesmo método, transpondo-o como veículo de edificação, explorando a possibilidade de agregar diferentes áreas num projecto, permitindo um levantamento empírico dos diferentes resultados dos vários tipos de matéria. As composições são executadas através de varias ensaios até a posição e o alinhamento de cada objecto ser definido.

Anomia | 2019 | placa de gesso, papel, fibra de vidro, vedação em ferro | 130 x 160 cm



ملجاء, *Maljae*

O projecto surge de várias composições realizadas no diário gráfico por um processo de experimentação e exploração de varias possibilidades compositivas. Neste início processual a exploração começa por recolha de diferentes matérias como plásticos, papeis variados, fita-colas, tintas, meios riscadores e recortes acumulados de diferentes fontes. O método de trabalho é concebido pela experimentação destes elementos e de que forma comunicam entre si na matriz a desenvolver. Deste modo as inúmeras composições são criadas através de ensaios até ser atingida a composição final constituída de alinhamentos, texturas, tonalidades e planos. Os trabalhos compreendidos no diário gráfico não são executados com a finalidade de cada composição ser transposta para o tridimensional, mas sim como um método de libertação, exploração e veículo organizador de imagens ainda não concretizadas. Os objectos tridimensionais não são representações destas explorações porem partem destas mesmas e apresentam-se imprescindíveis no preludio do projecto.

ملجاء, *Maljae*
2020
Madeira, placas de zinco, estruturas de metal, tinta acrílica, cartão
Dimensões variadas

ملجاء, ***Maljae*** | 2020 | madeira, placas de zinco, estruturas de metal, tinta acrílica, cartão | dimensões variadas

Luís Silva.

azul
mar
modelação
ondas

untitled sea
2019
Gesso, estrutura em madeira
100 x 40 x 15 cm

untitled sea

Esta peça de uma paisagem marítima é resultado de um projeto, que começa com uma narrativa de um mundo bidimensional, e traz um limbo entre o ser e o não ser, em tom jocoso; com um carácter abstrato e ilustrativo.

untitled sea, é resultante de uma passagem do desenho para o tridimensional. Com um formato de medalhão e de cor azul cobalto, esta peça foi projetada inicialmente num formato pequeno, proveniente de uma rápida modelação; e na ampliação desta, o mais importante foi manter a frescura da modelação para que esta não perdesse o impacto.

untitled sea | 2020 | gesso, estrutura em madeira | 100 x 40 x 15 cm

emon mes
2020
Pasta de modelar
Dimensões variáveis consoante o espaço

emon mes

É na continuidade do projeto e somando o isolamento social, devido à pandemia que atravessamos, que esta peça ganha forma. Numa tentativa de encontrar formas de tornar a peça igualmente valia, utilizando outras ferramentas que não as clássicas para conseguir criar algo grande num espaço oficinal pequeno.
Esta peça, "enom mes", foi projetada para a grande escala no sentido da interação com o público. Inicialmente ganha forma como sendo uma parede com uma perspetiva panorâmica; e rapidamente chega à ideia de totem/coluna, que traz de igual forma impacto para com o espectador, mas num formato cilíndrico de vista 360o.
A projeção entra como meio alternativo à experiência que esta peça pode vir a causar, visto que esta seria de uma grande escala, como faz transparecer na própria projeção. E foi também acrescentado uma brincadeira de movimento á peça para que desse o entender da tridimensionalidade desta.

emon mes | 2020 | pasta de modelar | dimensões variáveis consoante o espaço

Beatriz Freitas.

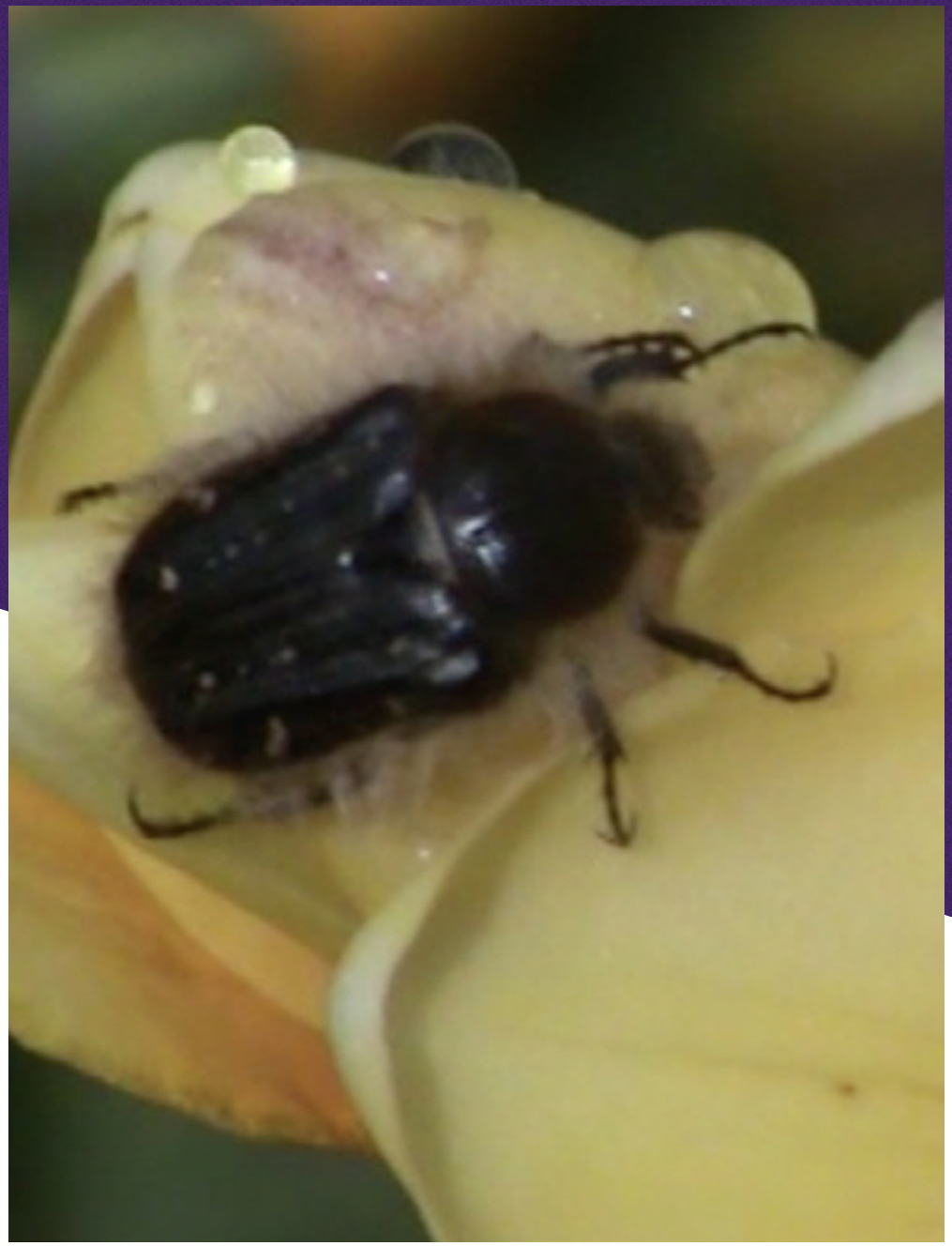
espera
iridescência
desejo

Amor Prefeito

A espera pelo um amor perfeito leva a que as flores se tornem cartas de amor para o seu emissor. A voz do pensamento finge ser uma segunda pessoa que desenrola uma fantasia com a existência da solidão.

Amor Prefeito
2020
3:43

https://www.youtube.com/watch?v=mZiFlFtRpNA

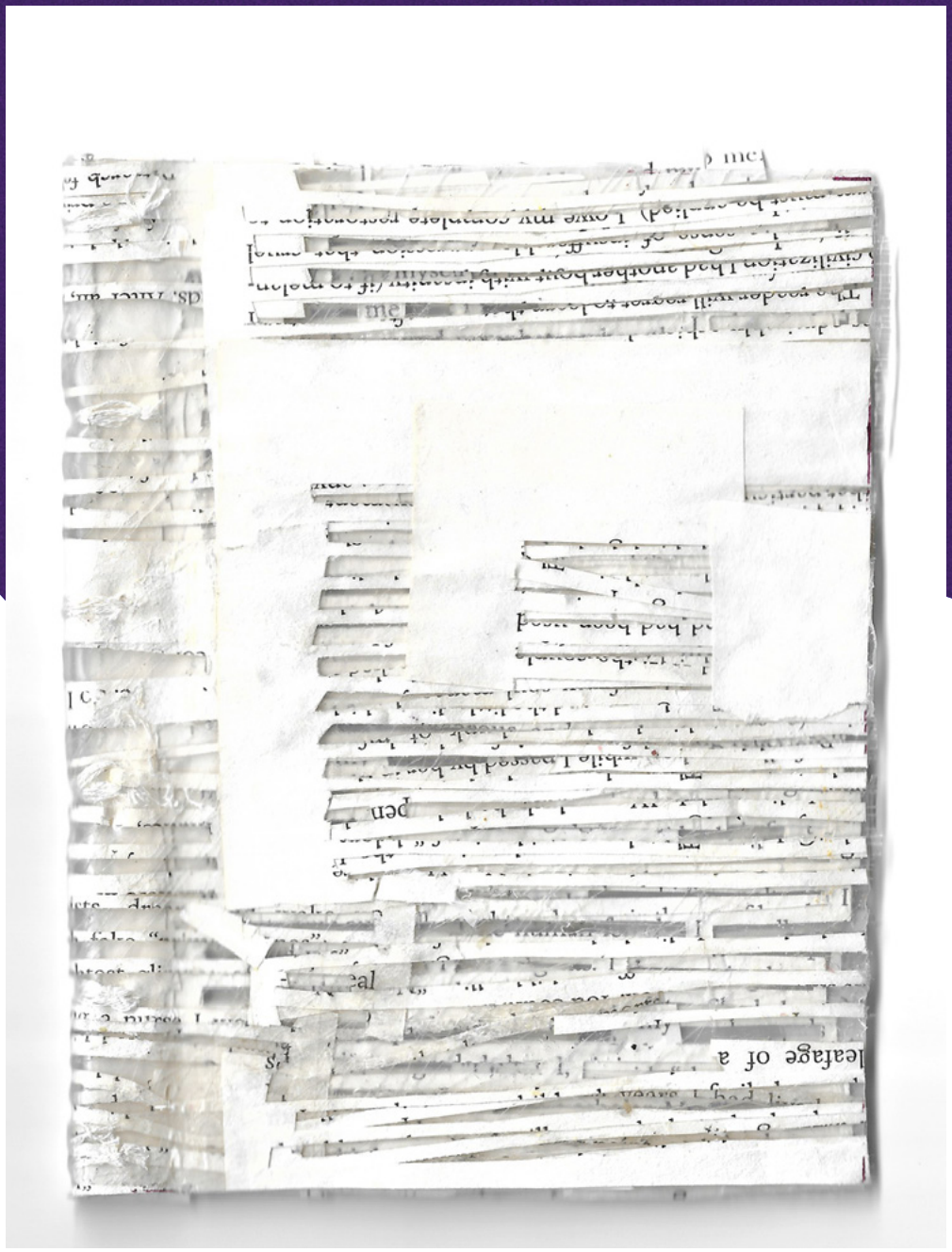


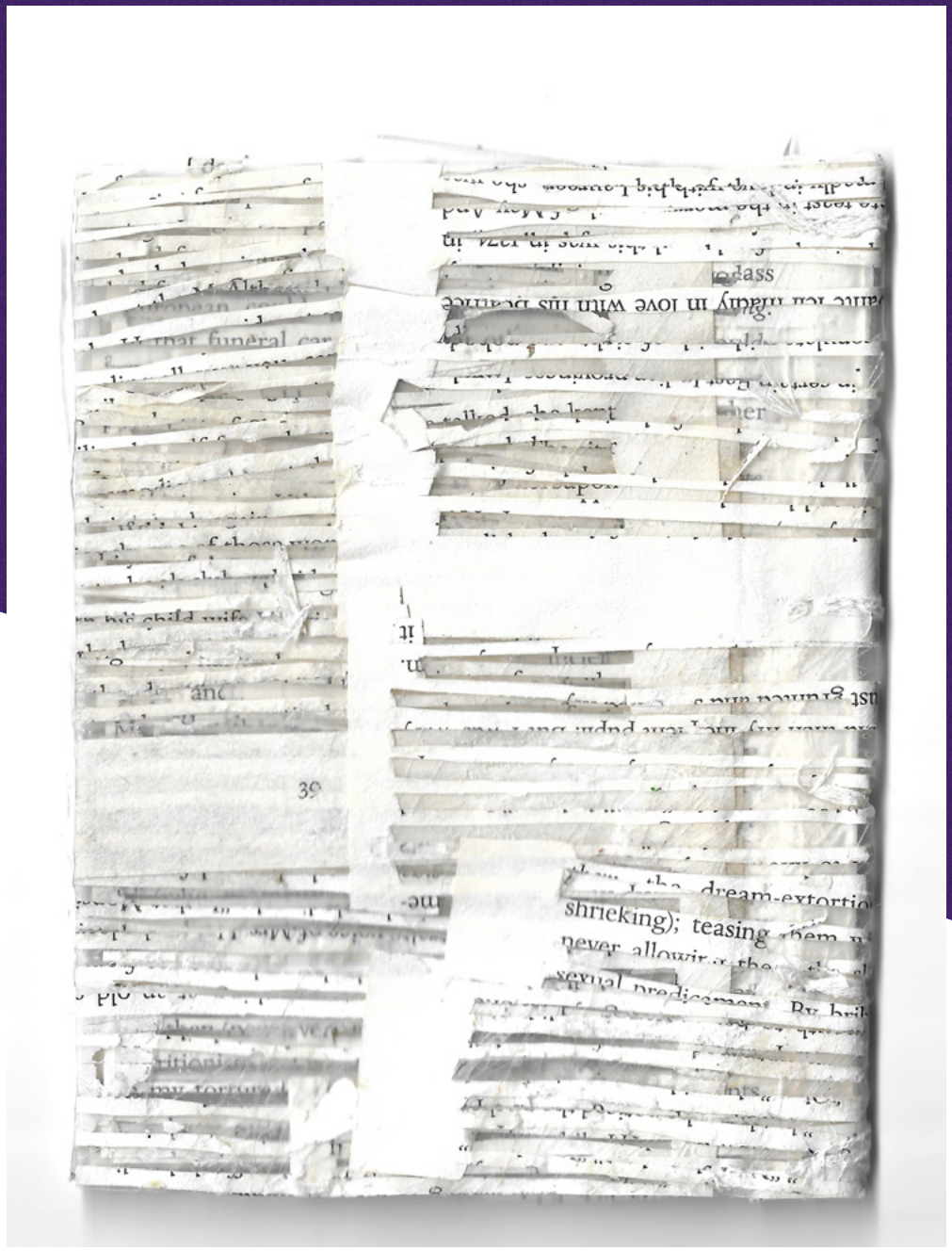
Amor Prefeito | 2020 | 3:43

Entrelinhas
2020
Papel
13,5 x 10,5 x 0,5 cm

Entrelinhas

Ao substituir a identidade da impressão digital pela lamina do bisturi surgem apenas as palavras importantes. Nas entrelinhas, que agora respiram por buracos, o leitor apenas reconhece a primeira e segunda pessoas do singular.





Entrelinhas | 2020 | papel | 13,5 x 10,5 x 0,5 cm

Maria Francisca Moura.

tempo
objeto
realidade
animação

os segredos levam-se em caixas pequenas
2020
Plasticina, arame e fio de lã
10 x 5 x 12 cm

os segredos levam-se em caixas pequenas

Sobre as pequenas coisas, momentos insignificantes e visões contemplativas, trabalho minuciosamente na construção de personagens fundamentalmente banais, imbuídas em ações aparentemente irrelevantes, que animo cuidadosamente transpondo o simples objeto estático para uma dimensão efémera. Numa tentativa de aproximar a técnica da animação - que reside em mim como um fascínio infantil - ao objeto escultórico, refletindo no tempo e nas dimensões da realidade, encontrei nas novas opções tecnológicas de visualização de imagens (Realidade Virtual, Realidade Aumentada e Video Mapping) um seio de apresentação do meu trabalho, que não só funciona como fator diferenciador, como evoca reflexões sobre a presença da matéria, a vulnerabilidade do objeto e a fiabilidade dos sentidos.

os segredos levam-se em caixas pequenas | 2020 | plasticina, arame e fio de lã | 10 x 5 x 12 cm

na companhia de ninguém

Através de uma ferramenta que condiciona a realidade, pretendo trabalhar um cenário banal de recepção contemplativa. O que por um lado funciona como exercício lúdico refastelado na inocência e na beleza contemplativa, por outro joga com as concepções vitais da realidade, levando nos a questionar sobre a pertinência da virtualização da experiência, na des-humanização dos avanços tecnológicos e na credibilidade das emoções e estímulos que fazem do ser humano um indivíduo sensível.

na companhia do ninguém
2020
Tábuas de madeira, duas velhinhas à janela
50 x 70 x 15 cm

na companhia do ninguém | 2020 | tábuas de madeira, duas velhinhas à janela | 50 x 70 x 15 cm

Maurício Pereira.

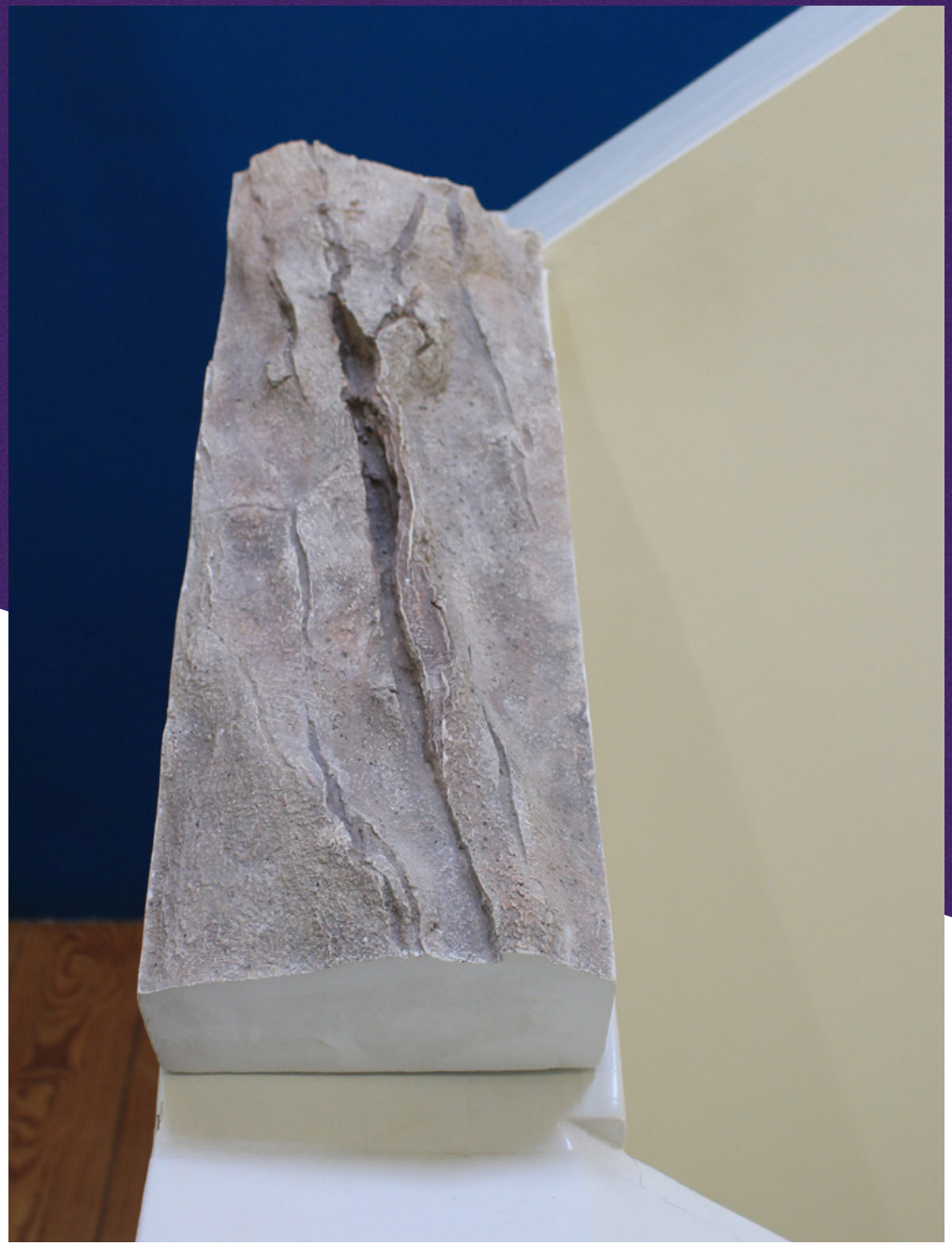
registo
fragmento
textura
prolongamento espacial

Registos de uma Paisagem Momentânea
2019
Gesso, vidro, elementos naturais
5 objetos com dimensões entre 27 x 10 x 16 cm e 34 x 25 x 20 cm - adaptável ao espaço

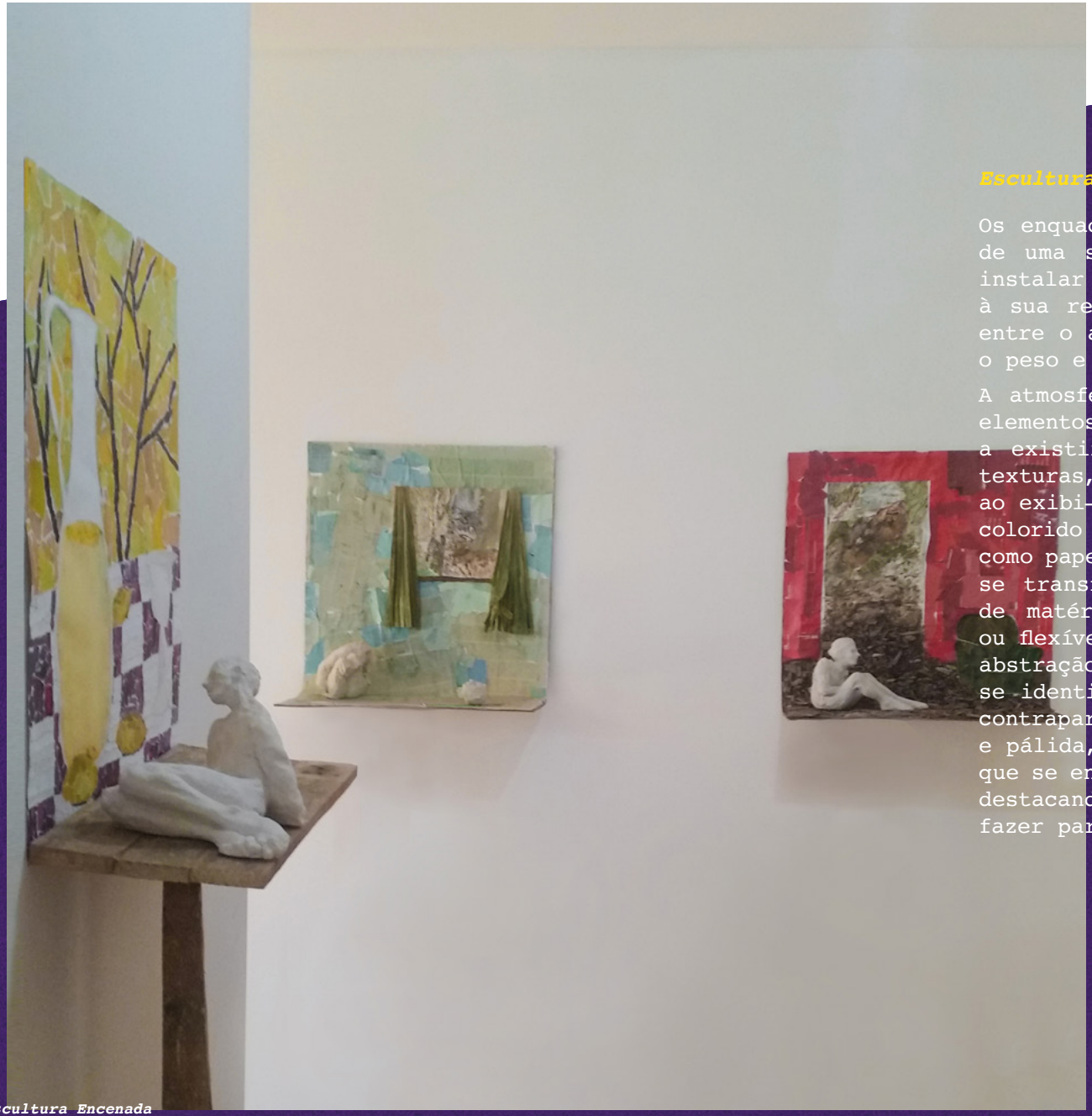
Registos de uma Paisagem Momentânea

Uma série de registos que procuram explorar a mutabilidade, prolongamento e multiplicidade de leituras de um lugar que vão para além da sua configuração original.

Os registos sobressaem-se através de uma margem precisa que delimita a sua forma, proporcionar este corte entre o que foi selecionado exige que tudo o que está em redor desapareça, desfazendo- se assim do seu lugar de origem para ser levado a novos contextos: através da imaginação e perceção do espectador, os fragmentos agora distantes ao seu lugar de origem possuem uma ambiguidade e uma escala difusa, possibilitando a que estas reproduções de fragmentos de troncos, que já não o são, possam afirmar-se antes como um mapa topográfico, uma paisagem em miniatura ou um exercício arquitetónico.



Registo de uma Paisagem Momentânea | 2019 | gesso, vidro, elementos naturais | 5 objetos com dimensões entre 27 x 10 x 16 cm e 34 x 25 x 20 cm - adaptável ao espaço



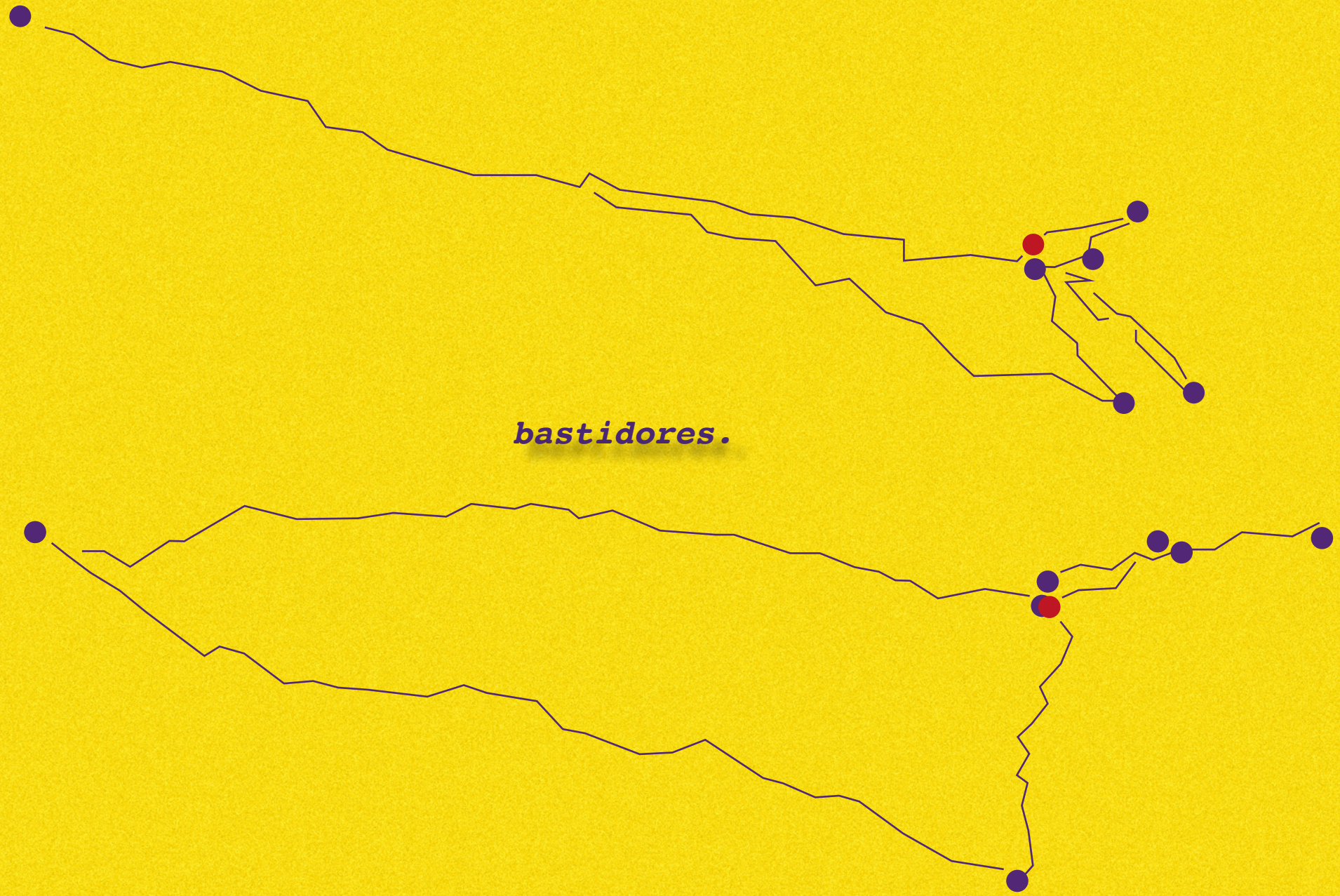
Escultura Encenada
2020
Barro, gesso, papel, elementos naturais
6 figuras com dimensões entre 15 x 15 x 15 cm e 45 x 30 x 15 cm

Escultura Encenada

Os enquadramentos delimitam o olhar sobre as vivências de uma série de entidades que se procuram inserir e instalar numa dimensão espacial que não corresponde à sua realidade como objetos, numa relação improvável entre o aplanamento da imagem cénica e o contraste com o peso e a fisicalidade das figuras.

A atmosfera bidimensional é no entanto abalada quando elementos que pertencem à nossa realidade passam a existir no cenário, com o seu próprio peso, cor e texturas, observamos novos significados serem desvendados ao exibi-los numa determinada disposição, desde o papel colorido do jornal e das revistas que agora se assume como papel de parede, a cascas de árvore ou folhagem que se transformam em objetos domésticos, este aglomerado de matérias torna os cenários numa força resiliente ou flexível, fazendo com que estes se encontrem entre a abstração da imagem e o volume de um objeto, mas sem nunca se identificar como nenhuma delas na sua totalidade. Em contrapartida, a figura é retratada de forma oposta, crua e pálida, numa única matéria, são formas contemplativas que se encontram entre o relaxamento e o esforço físico, destacando-se do cenário, mas ao mesmo tempo tentando fazer parte do mesmo.

Escultura Encenada | 2020 | barro, gesso, papel, elementos naturais | 6 figuras com dimensões entre 15 x 15 x 15 cm e 45 x 30 x 15 cm


bastidores.

KOMATSU

ESCUL
TURA-
O
QUE
É

design,
Joana Rodrigues
fotografias finais,
Catarina Gentil Berger,
Alexandra Guimarães
Rute Rosas
especial agradecimento,
Alcides Rodrigues,
Patricia Viana Almeida

2020

U.PORTO

FACULDADE DE BELAS ARTES
UNIVERSIDADE DO PORTO